

Emilio
Garofalo
Neto

As Boas Novas em

RUTE

Redenção nos campos do Senhor



Emilio
Garofalo
Neto

As Boas Novas em

RUTE

Redenção nos campos do Senhor



Emilio
Garofalo
Neto

As Boas Novas em

RUTE

Redenção nos campos do Senhor



**EDITORA
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © 2018 de Emilio Garofalo Neto

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO

SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 — Ed. Salvador Aversa Brasília, DF,
Brasil — CEP 71.200-040

www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2018

Revisão: *William Campos da Cruz*

Capa: *Bárbara Lima Vasconcelos*

Diagramação: *Marcos Jundurian*

Diagramação para e-book: *Yuri Freire*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES
CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neto, Emilio Garofalo

Redenção nos campos do Senhor: as boas novas
em Rute / Emilio Garofalo Neto – Brasília, DF:
Editora Monergismo, 2018..

ISBN 978-85-69980-56-8

1. Bíblia. A.T. Rute – comentário I. Título

CDD: 222

DEDICATÓRIA

Já nasci como membro da família do pacto, como parte da casa de Yahweh. Nunca estive fora, pela graça dele. Quando pequeno, fui marcado com água como parte da casa e desde então sigo pertencendo. Mas essa não é a história de boa parte daqueles que fazem parte da casa do Senhor.

Dedico este livro a todas as pessoas que, mesmo sem terem nascido na casa, se tornaram parte dela por adoção. É uma multidão grande demais para listar todos. Vocês sabem quem são. Deixemos assim.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

1. Escolhas e tragédias

2. Retorno e amargura

3. Soberania e responsabilidade

4. Descanso e proteção

5. Resgate e notoriedade

6. Graça e posteridade

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus mentores. Ao Rev. Wadislau Gomes, por seu meu mentor e guia ministerial [aliás, agradeço ao querido Lau pelo prefácio amável e tão pleno de amor. Certamente já vale o preço do livro]. Ao Rev. Davi Charles Gomes, que sempre disse ver em mim coisas que eu mesmo não enxergava. Ao Rev. Marty Martin, que topou, ainda em 2007, permitir ao seminarista brasileiro que pregasse o livro nos cultos públicos. Ao Rev. Carl Kalberkamp, um homem que me lembra Boaz de muitas formas.

Agradeço a meus colegas espadachins: Rev. Matheus Inácio, Rev. Breno Macedo, Rev. Daniel Piva. Pelo apoio, pelo carinho, por levarem a carga

da igreja local comigo e assim me permitirem dedicar mais tempo a este projeto.

Agradeço à equipe Monergismo por toda a ajuda e incentivo nesta publicação. Trabalhar com vocês é um deleite! Agradeço, em particular, aos queridos amigos Leonardo e Ana Paula, por acompanharem mais de perto, a Ana, inclusive, lendo trechos e fazendo valiosas sugestões ao longo do processo de escrita. Agradeço à Ana, ainda, pelo fabuloso trabalho de divulgação do livro e do autor. A parceria foi divertida e de grande aprendizado para mim, querida ovelha. Agradeço à Bárbara pela capa tão bonita e especial, bem como pela disposição a me ouvir. Agradeço ao Leonardo por me deixar utilizar espaço no escritório para escrever e me sentir parte do grupo. Agradeço ao Sabino pela amizade tão forte e por ser um de meus maiores encorajadores desde sempre.

Ao conselho da Igreja Presbiteriana Semear, pelo incentivo a dispor de tempo para esse projeto se

concretizar. À Anelise e à Débora, por pacientemente sofrerem minha ausência na dedicação a esse livro e por toda a alegria que me proveram ao longo dos anos. A todas as minhas ovelhas birutinhas. A todos os que ouviram as pregações, por, ao menos aparentemente, prestarem atenção. À Regina Garofalo, que fica toda babona com o filhote, mesmo quando ele não merece. Ao formidável Emilio Garofalo Filho, de quem herdo o amor por escrever, além de tantas outras coisas. Hoje ele se alegra redimido nos campos do Senhor. Logo chego, velho pai. Logo, logo.

PREFÁCIO

Livros são aulas sem professor¹ ou pregações sem pregador. É claro que isso poderá ser falso ou verdadeiro, dependendo da maestria e arte do autor. Nos bons livros, o leitor sonha os sonhos do autor e faz-se co-autor da leitura. Neste livro sobre o livro de Rute, Emilio transportou-se as suas páginas a fim de transportar-me ao texto bíblico e ir além, aos campos do Senhor cujos caminhos eu piso hoje após Jesus. Emilio escreve como eu gosto: debuxa com palavras, estampa pensamentos, colore com imaginação, intenciona o quadro, e assina a tela.

O livro *Redenção nos campos do Senhor* é uma máquina do tempo, “um bumerangue, indo e voltando” da minha à época dos juízes de Israel. Os

cenários são tão parecidos que sequer experimento *jet lag* ou paradoxos temporais. É como ir da capital com suas praças, prédios, e avenidas, às favelas de contrastes extremos ou a vilas de um interior de modos e instrumentos ainda antigos. Ao ler o livro, sou levado nos campos do Senhor. Atravesso os pastos verdejantes e as águas tranquilas do rei Davi. Experimento nos músculos e na alma as ameaças de ursos, leões, e de vales das sombras da morte, na antecipação da redenção do Senhor (cf. Salmo 23). Assisto, nas notícias da TV, a terrores encapuzados e a fomes e pestes em países outrora prósperos, e leio, no livro, sobre a peregrinação, as decisões, e a morte de Elimeleque, com todas as consequências na vida de Naomi e Rute.

Sou eu, nessa história. É o leitor. Somos nós as personagens à cata de identidade, de habitação, e de relacionamento. Nossa fome de ser, de ter, e de controlar pessoas e coisas, de repente, enfrenta a realidade de que somos incapazes de suprir para

nós mesmos, seja para a subsistência do corpo seja para a saciedade da alma. Emilio aponta a redenção, no livro de Rute, mostrando que o caminho da vida não consiste numa viagem para fora do problema ou para dentro de si mesmo, mas em um encontro com o amor sacrificial “proposto pelo Senhor, mesmo que esse caminho seja duro”. O Deus que controla a história, os espaços e seus limites, e os desejos dos corações, é o único Senhor e Salvador, em quem temos um nome, um lugar, e uma fonte inesgotável de amor que extravasa para o próximo.

Emilio nos leva pelo mundo dos votos que explícita ou implicitamente subjaz aos nossos relacionamentos. Desde o motivo principal do voto interno da Trindade, feito antes dos tempos, ao voto de Rute à Noemi e ao voto maior da lei cumprida por Boás, nenhum aspecto da vida é deixado de lado pelo voto da redenção — mais tarde, plena e eternamente cumprido em nosso

parente redentor, o Senhor Jesus. Os votos, no livro de Rute, são imagens do voto divino que elege e chama indivíduos em um povo para espelhar o caráter de Jesus. Desse modo, Emilio não descai para um tratamento romântico do amor de Rute por Noemi ou de Boás por Rute. Antes, considera o romance sob o olhar realista com esperança de quem conhece o supremo Autor. Emilio é fiel à natureza da mensagem de Rute tanto ao reafirmar a sua proposição perene e aplicá-la ao tempo do leitor quanto ao reproduzir elementos estilísticos e estruturais tais como a narrativa, as digressões, as complicações, e a solução. Onde houve o trigo, Emilio semeia literatura, onde houve relato breve, ele se estende nos pensamentos e sentimentos, e onde houve beleza moral e ética, ele destaca a beleza da fé. Os relacionamentos humanos somente encontram sentido após o relacionamento com Deus. Jamais em separação de Deus. Por isso, ele trata do pecado terminal do homem contra Deus e

de suas consequências internas e externas à pessoa. Especialmente, aborda as lutas das pessoas em um mundo decaído, tanto as das situações da humanidade quanto as lutas existenciais, para pregar a bendita esperança de redenção.

O mesmo estilo narrativo por meio de diálogo que orientou o autor de Ruth também guiou o autor de *Redenção nos campos do Senhor* — e deveria nos conduzir na leitura das suas mensagens das *Boas novas em Rute*. No texto bíblico, o leitor não verá descrições que apresentem uma profundidade psicológica das personagens, mas, sim, um retrato de caráter, sabiamente, por meio de suas ações e de suas palavras — como disse Paulo: “Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve” (2 Coríntios 12.6). Emilio faz o mesmo neste livro, permitindo-nos o

reconhecimento de próprio retrato, e expondo o nosso coração sem publicar as nossas sujidades.

Nosso problema mais sério e premente, o pecado, não deixa de ser abordado, mas, de modo especial, é tratado à luz do Pacto divino. No livro de Rute, o tema dos votos não se limita ao plano de discussões sobre vontade de Deus e vontade do homem, amor de Deus e amores humanos, ou trabalho de Deus e ordenança do trabalho humano. Emilio destaca, por exemplo, o aspecto redentivo do trabalho, primeiro sob a provisão graciosa de Deus e, depois, do reflexo da graça na vida do indivíduo e da igreja. Ele considera, no livro, a obra previamente realizada por Deus para que andássemos nelas e as responsabilidades do trabalho árduo, do trabalho de cada um para provisão de subsistência, e do trabalho a fim de produzir generosidade.

No capítulo 3 deste livro, “Soberania e responsabilidade”, Emilio chega ao *xis* do problema: “somos livres e responsáveis ou Deus

controla todas as coisas?”. Olhando do lado de fora dos campos do Senhor, isto é, dos campos da fome, o coração teme o desamparo e intenta esforços *autorredentivos*, mas quem será capaz de alçar a si mesmo preso pelos próprios cadarços? Só Deus é o Provedor. Ele dá o campo, o tempo, a semente, a vida, e o crescimento — e chama-nos à colaboração no plantio e ao usufruto da colheita. Sobretudo, vigora a sua graça. Veja, assim, o que Paulo diz:

Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho. Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós. Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo (1 Coríntios 3.6-11).

Nas tentativas para solver os problemas nos campos da fome, transferimos os impasses do nosso coração para as questões sobre as quais nos tornamos incrédulos. Uma hora, um diz: “Se Deus é bom, por que a fome, a morte, a solidão? Vai ver que Deus quer que aprendamos a nos virar”. Outra hora: “É a lei de Deus; ou a cumprimos ou ele a executa”. Outro diz: “É tudo pela graça. A lei foi trocada pela graça”. E, daí por diante, a coisa fica mais feia do que campo crestado e barriga vazia. Não é assim, porém, nos campos do Senhor. Ele é o Provedor que dá todos os provedores, pessoas ou coisas. Dá o campo e a força para plantar, dá o fruto do campo e o prazer de comer! A verdade é que Deus é bom e sua graça precede todos os seus atos criadores e redentivos. Primeiro a Graça e, então, o amor gracioso, a justiça graciosa, a lei graciosa, a disciplina graciosa e daí em diante. A graça de Deus harmoniza, ou redime, todos pontos da vida.

Ah! Eu não posso entregar o ator sem plagiar; então, vá lá, leia o Emilio: “*Serendipity* é, por exemplo, entrar no campo precisamente do homem piedoso e bondoso em posição de salvar a história... *Serendipity* é quando coisas ocorrem que ninguém poderia ter imaginado, a não ser alguém todo poderoso e onisciente”. Quase ao final de seu livro, Emilio pergunta se o texto bíblico em questão é sobre Rute, Noemi ou Boás, ou outros, e responde: é sobre cada um deles, em certa medida, mas, acima de tudo é sobre Jesus! É sobre Deus movendo-se graciosamente na direção da criatura e provendo relacionamentos graciosos. Entre esses relacionamentos, o de adoção, o que é colocado sob um subitem — “Adoção, ou a arte de trazer para dentro de casa” —: “Aliás, lidemos rapidamente com um ponto que, infelizmente, é distante de muitos dentre o povo de Deus”. Esse tema marca o livro de Rute, do início ao fim. Marido adota esposa e esposa adota marido, pais adotam filhos e filhos

adotam pais, “naturais” ou “estrangeiros”, sogra adota nora e nora adota sogra, e o resgatador parente adota a viúva. De onde procede a bênção? De onde a graça? Do Senhor, sim, que é a fonte de toda graça em toda sorte de bênção. Deus adota filhos de todas as nações para que verdadeiramente comunhem a adoção de Cristo. Deus é o original dessa adoção e, nós, as suas imagens. Como o Emilio aponta, “Boás é *goel*, a figura que aponta mais claramente para Jesus. Mas veja como Rute nos lembra algo de Jesus também. Ela é quem se sacrifica pelo bem de Noemi ... Ela é a epítome do amor *hesed*”.

“Eis o evangelho segundo Rute.”

À medida que varava as páginas do livro, levei na mente o calor de meu coração no encontro com

Deus. Agradei a Deus por minha salvação no Senhor Jesus, o meu Boás amado, e agradei por cada situação e instante, rogando-lhe forças para espelhar seu caráter em tudo e a todos. Confessei-lhe os pecados sabidos ou ocultos e me deixei lavar no sangue de sua palavra. Falei-lhe de minhas dores grandes e pequenas. Trouxe à mente a minha esposa, meus filhos, meus netos, minha igreja local, a família estendida, cheio de gratidão pela aliança da fé. Especialmente, aqui, agradei a Deus pelo Reverendo Doutor, o pastor amigo, o primo Emilio amado. Agradei por que a leitura de *Redenção nos campos do Senhor* levou-me a ver que os campos são do Senhor para que, neles, eu o glorifique e usufrua dele para sempre.

— **Wadislau Martins Gomes**

Mogi das Cruzes, janeiro de 2017

1. Mortimer J. Adler, *A arte de ler* (Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1954), especialm. p. 46-48.

INTRODUÇÃO

Como eu gostaria de poder pregar o livro de Rute sem que os ouvintes soubessem o final da história. Como eu amaria que você, interessado leitor, ainda não tivesse ideia do que está por vir. O mais provável, entretanto, é que saiba bem todos os *spoilers* da história de Rute e Boaz. Ou, no mínimo, já tem uma vaga ideia de por onde essa história vai. De qualquer forma, espero que neste passeio guiado por Rute eu possa apontar algumas coisinhas e algumas ramificações que tenham passado despercebidas na sua leitura.²

Temo que precisemos lidar com algumas breves questões introdutórias. Queria poder prometer uma surpresa a você, leitor. Um prêmio caso não pule esta seção. Infelizmente, a logística seria muito

complexa para a distribuição de tais brindes. Tentarei, ao menos, fazer com que esta introdução seja uma leitura prazerosa e que de fato o ajude, sem deter-me em questões secundárias.³

Este livro se origina de uma série de sermões que pude pregar já por quatro vezes. A primeira, ainda como estagiário, na *Fellowship Presbyterian Church* em Greer, Carolina do Sul, no inverno de 2008.⁴ Depois, em 2011, preguei a mesma série (espera-se, com melhorias) na então Congregação Presbiteriana Semear, que deu origem à igreja que pastoreio. Por fim, revisei o assunto duas vezes em 2017, primeiramente para o acampamento de moços da Igreja Presbiteriana Semear e da Igreja Presbiteriana Redenção no período do Carnaval de 2017 e, mais tarde, na temporada de inverno da Palavra da Vida em Caldas Novas. Ou seja, agora já deu. Incentivado por vários amigos valiosos, decidi colocar no papel o material. Este livro é bem mais que a mera transcrição dos sermões, entretanto. Há

bastante material extra, há algumas discussões mais elaboradas. Além disso, num sermão há um nível de repetição de ideias que se faz necessário na comunicação oral, mas que tende a ficar cansativo no papel. Assim, tentei adequar bastante a linguagem à palavra escrita.

A história de Rute é uma das mais amadas da bíblia. O povo acha *Orgulho e Preconceito*⁵ o máximo porque não conhece Rute! Essa, sim, é de chorar e cair de joelhos. Em um livro curto e fácil de ler, encontramos a bela história de uma mulher moabita indo morar na terra prometida, abraçando o Deus verdadeiro e encontrando redenção. Tudo bem, Mr. Darcy e Elizabeth Bennet têm seu charme, mas Rute e Boaz vão além de ser uma história de amor; é uma história de providência, de graça, de vida eterna.

É uma história real de amor entre gente de carne e osso que ilustra verdades profundas acerca de como Deus age, de como ele está ao mesmo tempo

tratando os corações de cada indivíduo e movendo adiante a história da redenção. Infelizmente, muitos conhecem a história de maneira isolada, sem entender que ela é uma pequena parte de uma história maior. Espero que isso mude ao final da leitura. Acima de tudo, o livro de Rute nos ensina acerca de Jesus. Se isso não ficar claro ao longo do meu livro, terei falhado miseravelmente em fazer aquilo que Jesus nos ensinou a fazer, quando conversou com discípulos no caminho para Emaús (Lc 24.13-35).

Quem escreveu Rute? Não sabemos, simples assim. Sabemos que alguém inspirado pelo Espírito Santo de Deus nos deixou essa singela história de amor. Não aprouve a Deus preservar para nós o nome do autor. Mas, desde muito cedo, o livro foi reconhecido pelo povo de Deus como parte do cânon. Rute é um livro pequeno, mas que tem fascinado o povo de Deus ao longo dos séculos. São

inúmeros os livros já escritos sobre ele. Mesmo em português já temos diversos.⁶

O livro de Rute tem uma função muito interessante em sua localização bíblica.⁷ Ele faz a ponte entre o período dos juízes e o tempo dos primeiros reis de Israel. Apresenta, por meio de uma história bem pessoal, como era a vida nesses tempos difíceis e mostra de maneira mais ampla como Deus está guiando a história em todos os momentos. O Deus que opera em grandes ações cósmicas é o mesmo que dirige os detalhes de nosso tempo. Ele comanda o movimento das galáxias e sabe o que se passa na sua agenda.

Essa história aconteceu no período dos juízes (Rt 1.1). Mais ou menos 1000 a 1200 anos antes de Cristo. Era uma época de tumulto e descrença. O povo de Deus já estava na terra prometida, mas esquecia frequentemente de quem o havia levado até ali. Embora amorosa e poderosamente levados até ali pelo Deus que os tirara do Egito, insistiam

em trair seu Deus com falsos deuses. Professavam ser povo de Deus, mas eram ateus na prática. A época dos juízes é confusa, retratada sombriamente no livro bíblico de mesmo nome. Um refrão horroroso aparece ao longo do livro: “cada um fazia o que era certo aos seus próprios olhos”. Foi um período encharcado de sangue. Ele contém histórias de arrepiar os cabelos e gelar o coração; se alguém fizesse um filme, seria proibido para menores de 38 anos. No meio desse contexto de confusão, surge essa história curta de amor, de drama, de beleza e de redenção.

Este livro não é um comentário sobre Rute.⁸ Eu não teria a competência linguística para fazer isso e, para falar a verdade, nem penso que seria um livro necessário, considerando a abundância de bons comentários sobre Rute já disponíveis em português.

Quando foi escrito o livro de Rute? Esse tópico gera grande discussão, e não nos deteremos nisso.

Notemos apenas, como Gleason Archer sugere bem, que o livro deve ter sido composto em algum momento após o rei Davi se tornar preeminente, uma vez que ele é mencionado com destaque e provavelmente a história tem como um de seus grandes objetivos falar acerca das origens do rei. Archer nota ainda que seria natural que Salomão fosse mencionado também na genealogia final (4.18-22), caso já tivesse reinado.⁹ Assim, talvez o período de composição do livro tenha sido durante o próprio reinado de Davi. Há muitas outras considerações linguísticas, estilísticas e históricas que poderiam ser examinadas como pistas para datação e autoria. Os bons comentários já disponíveis fazem um bom serviço ao explorar detalhadamente essas questões.

Sobre o que é o livro? Não há uma resposta fácil, não há consenso. Não se trata de uma história da carochinha ou de um conto dos irmãos Grimm. Essas em geral têm um ponto óbvio. Por exemplo, a

estória de João e Maria indo atrás de uma casa feita de doces nos ensina que o amor por açúcar vai acabar nos matando.

Mas e Rute? Alguns enfatizam corretamente a figura que dá nome ao livro, a virtuosa Rute. Outros enfatizam, também corretamente, o resgatador Boaz. Alguns focam na figura de Noemi. Outros, como Robert Chisholm, sugerem que é necessário traçar vários temas teológicos que percorrem o livro.¹⁰ É claro, o livro é sobre todas essas pessoas, mas é acima de tudo sobre o Deus que orchestra todas as coisas e que cuida de seu povo em todo tipo de situação. Vejamos, então.

Uma última notinha sobre este projeto. Escolher o título de um livro é algo bem difícil. Ainda mais em se tratando de Rute, pois já há tantos livros falando dessa história. Um gaiato sugeriu “Dona Rute e seus dois maridos”, mas ia dar muita confusão e criar mais calor que luz. Uns amigos envolvidos no mercado editorial sugeriram um

título no estilo puritano: *O Evangelho da graça de Deus segundo manifesto pela sua providência e mediante a inspiração do Santo Espírito, Terceira Pessoa da Trindade, no singelo mas belo livro do Antigo Testamento comumente chamado Rute. Onde se comprova, contra o antigo erro dos dispensacionalistas, que a aliança proposta por Deus em Cristo abrange toda a história da redenção.* Sabe, é até interessante. Mas o pessoal do *marketing* e da arte não iria gostar nem um pouco. Além do mais, quero um título que minha filha pequena seja capaz de decorar com facilidade.

Decidimos pelo título que você pode ver na capa. A ideia é simples, foquemos no grande projeto de redenção de nosso Deus, que está utilizando os campos deste mundo para atrair a si um povo que ele fará morar nos campos de uma nova terra. E tanto os campos velhos como os campos novos, pertencem ao Senhor. É ele quem escreve a história.

2. Quando começo a pregar série, é até fofo ver a má vontade no olhar de alguns ouvintes, como quem pensa: “Ah, não, Rute de novo não!”.

3. Secundárias não significam sem valor.

4. Aproveito para agradecer a meu mentor e pastor daquela igreja, o Rev. Marty Martin. Com sua baita paciência, ele sempre instrui sabiamente este humilde autor. Seu estilo de pregação marcou minha própria maneira de pregar. Aqueles almoços no restaurante chinês da Old Spartanburg Road têm mais influência em meu ministério do que imagina nossa vã filosofia. Rute aqueceu nossos corações naquele inverno tão gostoso.

5. Essa é, provavelmente, a obra mais amada da grande escritora Jane Austen. Já teve várias adaptações para televisão e cinema e segue como um dos grandes baluartes da ficção ocidental. Vale a leitura – até os homens vão gostar, mesmo achando que não. A trama é relativamente simples, focando em Elizabeth Bennet, uma de cinco irmãs solteiras, e aborda as possibilidades de casamento com um homem chamado Darcy, a vida na

sociedade inglesa, o romance, as expectativas, o orgulho e, bem, como você pode imaginar, preconceito.

6. Inclusive, nesses livros você pode encontrar boas e valiosas discussões sobre a datação e autoria do livro. Procure, por exemplo, por Ian Duguid, *Ester e Rute* (São Paulo: Cultura Cristã, 2016); Robert L. Hubbard, *Rute* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008); Dean R. Ulrich, *Da fome para a fartura: o evangelho segundo Rute* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011); Arthur Cundall e Leon Morris, *Juízes e Rute: Introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1986); David Atkinson, *A mensagem de Rute* (São Paulo: ABU Editora, 1983) e ainda Robert Chisholm, *A história de Rute* (São Paulo: Cultura Cristã, 2016).

7. Há diferenças na ordem dos livros entre a Bíblia Hebraica e a nossa. Voltaremos a esse tema adiante no livro. Fique sintonizado.

8. E assim, em uma simples frase, eu me livro da necessidade de ser exaustivo no tratamento do assunto. Seria malandragem de minha parte? Ou

um arroubo de sinceridade projetado para cativá-lo, simpático leitor?

9. Gleason Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1994), p. 307.

10. Robert Chisholm, *A história de Rute*, p. 30 ss.

1

ESCOLHAS E TRAGÉDIAS

“As pessoas iradas não são sempre sábias.”

Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*

“Não ceda ao alarme inútil; embora seja correto estar preparado para o pior, não há ocasião para considerá-lo certo.”

Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*

“Não entre em pânico.”

Douglas Adams, *Guia do mochileiro das galáxias*

“Keep calm and carry on.”

Lema em cartazes britânicos à época da Segunda Guerra Mundial.

Fazendo do seu próprio jeito

Faltou pão na casa de pão. Como assim? Calma, voltaremos a isso.

Frank Sinatra costumava cantar, numa de suas canções mais famosas: “Eu fiz do meu jeito”,¹¹ como se essa fosse a parte mais importante de viver. Como se o mais importante fosse tomar decisões de acordo com o que julgamos ser melhor, sem que outros ditem nosso rumo. Por que, tantas vezes, tentamos tomar as rédeas da vida em nossas mãos como se Deus não existisse? Por que um homem que nunca roubou sente-se tentando a tirar um pouco de dinheiro do escritório? Por que uma turba decide fazer justiça com as próprias mãos e espancar até a morte o que pensam ser um bandido? Por que por vezes achamos que cabe a nós ser os justiceiros virtuais e participamos de linchamentos eletrônicos de reputações? Por que um casal que não consegue conceber acaba fazendo o impensável e planeja furtar uma criança?

Por que solteiros crentes que não conseguem alguém para casar acabam indo procurar fora da igreja? Por que a igreja começa a buscar alternativas espúrias para atrair pessoas quando vê os números caindo, e começa a agir como se o velho evangelho não fosse suficiente? Por que jovens decidem viver *la vida loca* por discordarem de seus pais? Por que reagimos com rebeldia quando a situação não está conforme nossos anseios? Por que achamos que cabe a nós fazer aquilo que pensamos que Deus se esqueceu de fazer?

Muitas vezes passamos por situações difíceis e reagimos pecando ao invés de seguir as orientações do Senhor.¹² E isso, é claro, faz com que tudo em geral piore.¹³ O livro de Rute começa com uma situação difícil em que veremos um homem como nós todos, que por falta de fé toma más decisões que assolam sua vida e a dos seus. Um homem que precisa viver com as consequências de sua tolice. O começo de Rute nos ensina que em situações

difíceis da vida não devemos ir por caminhos que o Senhor não aprova.

Uma situação difícil levando a caminhos ruins

O livro começa assim:

1 Nos dias em que julgavam os juízes, houve fome na terra; e um homem de Belém de Judá saiu a habitar na terra de Moabe, com sua mulher e seus dois filhos.

2 Este homem se chamava Elimeleque, e sua mulher, Noemi; os filhos se chamavam Malom e Quiliom, efrateus, de Belém de Judá; vieram à terra de Moabe e ficaram ali.

3 Morreu Elimeleque, marido de Noemi; e ficou ela com seus dois filhos,

4 os quais casaram com mulheres moabitas; era o nome de uma Orfa, e o nome da outra, Rute; e ficaram ali quase dez anos.

5 Morreram também ambos, Malom e Quiliom, ficando, assim, a mulher desamparada de seus dois filhos e de seu marido.

A vida está seguindo em Belém, e então surge uma situação difícil, como tantas vezes acontece neste mundo caído. O verso 1 nos indica que se trata de um contexto complicado, um tempo de instabilidade política e social, o já mencionado período dos juízes. Nesse tempo, o povo de Israel não tinha governo centralizado. Enfrentavam muitas batalhas internas e externas. Época de idolatria de Israel, provocando o Senhor à ira. A história desse tempo parece um bumerangue, indo e voltando no mesmo ponto: o povo se metia em encrenca, juízes eram levantados por Deus para aliviar a situação e guiar o povo de volta ao bom caminho; no entanto, bastava a morte do juiz, e o povo voltava a seus maus projetos.

O contexto é distante de nós, cultural e geograficamente, mas é também similar ao nosso. Será que vivemos em período melhor? Temos, é claro, grande avanço tecnológico. Mas as trevas do coração caído não mudam com desenvolvimento

civilizatório. Há terríveis semelhanças. Basta olhar ao redor do mundo e veremos enorme instabilidade política e social em cada canto da terra. Todo ano tem agitação nova no Oriente Médio. Todo ano os Estados Unidos estão entrando, saindo ou mantendo-se num conflito militar. Todo ano acontecem muitos atentados terroristas, islâmicos ou não. Vemos as pessoas vivendo como se não houvesse Deus, cada um fazendo o que é reto aos seus próprios olhos. A cada semana os criminosos encontram novas maneiras de nos chocar. E ficamos, recorrentemente, decepcionados com a ação do estado em punir o mal. Será que a expressão “cada um faz o que é certo a seus próprios olhos” descreveria bem a situação nas universidades federais do país? Vemos instabilidade em nossas famílias, em nossa situação econômica, em nossa devassidão moral, em nossa baderna política. Nós também vivemos em tempos difíceis.

De fato, todos os tempos são difíceis desde que Adão comeu aquele fruto em nosso nome.¹⁴

Nos tempos já complicados de Rute, surge uma nova dificuldade: houve fome na terra. Fomes não eram situações inéditas na história do povo de Israel; basta lembrar-nos daquela que causou a migração de Jacó e seus filhos para o Egito (Gn 46).¹⁵ É importante sermos cuidadosos em afirmar que calamidades são respostas específicas de Deus à infidelidade do povo ou juízo sobre pecados específicos. Lembremos que Jesus rejeitou conectar a cegueira de certo homem a seu pecado individual ou ao de seus pais (João 9.1-3). Em outra ocasião, Jesus falou sobre a queda da torre de Siloé matando dezoito pessoas, explicando que eles não eram mais culpados que os outros habitantes de Jerusalém (Lc 13.1-5). Sejam sempre cautelosos. É claro, o pecado quebrou o mundo e nada de mal ocorreria se não fosse por ele. Mas isso não significa que

possamos fazer sempre associações diretas entre catástrofes e pecados específicos.¹⁶

Entretanto, aparentemente nesse caso específico da fome em Belém, trata-se de uma forma de Deus pesar a mão sobre o povo dele a fim de que se voltem para ele.¹⁷ Estamos lidando com um tempo pouco após a conquista da terra prometida, pactualmente dada por Deus com condições de obediência que gerariam bênçãos ou maldições. Deus havia alertado seu povo, dizendo que, para viver na terra prometida, eles deveriam andar perto do Senhor, ou ele iria fazer secar os campos e os ventres de Israel.¹⁸ Deus usava esses períodos de estiagem para mostrar a seu povo a realidade que estavam vivendo a fim de que se voltasse para ele em arrependimento.

Vislumbre a seriedade da situação: eles estão na terra prometida. Terra que, teoricamente, mana leite e mel. A terra garantida a pai Abraão e seus muitos filhos, dos quais Elimeleque é um deles,

Noemi também, e os dois filhos que eles têm. A terra pela qual ansiaram por quatrocentos anos enquanto viviam no Egito, e pela qual peregrinaram por quarenta anos no deserto. A terra que custou o sangue de muitos deles em batalhas contra filisteus, amorreus, amalequitas e tantos outros. O lugar onde sonhavam viver e finalmente sair da desolação do deserto. Mas Belém se tornou terra seca. Algo curioso se perde na tradução: Belém literalmente significa “casa de pão”.¹⁹ Rute começa, assim, com uma surpreendente declaração: não havia mais pão na casa de pão. Faltou pão onde menos esperávamos. Belém era conhecida por ser um grande celeiro, com produção de uvas, oliveiras, trigo e muito mais. E agora o celeiro está vazio. O tempo, que já era complicado, agora está desolador.

Situações extremas e reações ruins

Imagine viver nessa crise. Economia do país em frangalhos. Família para cuidar. Filhos para

alimentar. São muitas as perspectivas que nos assombram a respeito do futuro. Muitos de nós estão sem um emprego estável. Planos de aposentadoria parecem virar pó. O que é que o assusta acerca do futuro? Qual é a fome que vai tentá-lo a tomar as rédeas da situação e deixar de esperar na providência do Senhor? Será o emprego que parece que você vai perder? Ou o emprego que você não consegue? Uma situação familiar que só piora? Um casamento que não chega nunca? Ou um casamento que está se esfacelando em suas mãos? A saúde que está se debilitando? Ou a saúde de alguém querido?

Somos por natureza pecadores e nossa tendência natural é reagir pecaminosamente quando as coisas não vão como achamos que deveriam ir. Precisamos lembrar, entretanto, de algo que faz toda a diferença. Se estamos dentro da família da aliança, dentro do povo de Deus, temos as promessas pactuais de Deus a nosso favor. Você

não precisa lutar por si mesmo de forma rebelde, Deus vai cuidar de você. Por que insistir em caminhos que o desonram? Fé é precisamente a ideia de que somos chamados por Deus a andar não por vista, mas crendo nas promessas pactuais do Senhor. Vejamos como uma reação pecaminosa aparece em nossa história.

O texto nos apresenta a um homem com mulher e dois filhos. Seu nome é Elimeleque, sua esposa é Noemi e seus filhos Malom e Quiliom. Ele decide sair de Belém de Judá e ir habitar na terra de Moabe.

Por que ir para Moabe? Esta região ficava do outro lado do Mar Morto, local de terras baixas e férteis. Era uma região que experimentava boa colheita, mesmo sendo uma região pagã! Por vezes, pela graça comum, pessoas que não são do pacto experimentam as bênçãos temporais com maior intensidade do que os redimidos por Deus. Isso não significa desfavor para conosco; mostra a bondade

de Deus em cuidar mesmo dos que o rejeitam. O apóstolo Paulo afirma em Atos 14.16-17 que Deus mostrou bondade para com os pagãos de Listra dando-lhes chuvas, estações frutíferas e até mesmo alegria. Muitas vezes não pensamos assim, mas a Bíblia afirma que Deus dá alegria para descrentes. No final das contas, acaba sendo para sua maior condenação, pois recebem benesses das mãos de Deus e se recusam a adorá-lo.

À primeira vista, a escolha de Elimeleque pode parecer uma boa decisão. O texto nos diz que ele foi apenas habitar, o verbo utilizado indica uma mudança temporária, não uma imigração vitalícia. Ele não quer deixar o povo de Deus nem a terra dada por Deus permanentemente. Apenas cuidar temporariamente de seu problema. Não estaria ele apenas querendo cuidar de sua família? Qual o problema nisso? Não são inúmeros os imigrantes que cruzam fronteiras no mundo todo em busca de uma vida menos complicada? Eu mesmo morei

alguns anos fora do país, por causa de minha preparação ministerial. O que há de errado nisso? Nesse caso, a situação é diferente, como veremos adiante, e como Elimeleque saberia muito bem. Mas somos bons em dar nossas escapadinhas. Às vezes pensamos assim, não é mesmo? Vou fazer algumas coisas que não são muito legítimas diante de Deus, mas é uma emergência, é só por um tempo. Logo que a maré virar, volto ao caminho de obediência. Somos especialistas em racionalizar e desculpar nosso pecado.

A questão de tomada de decisões é bastante confusa no meio cristão. Alguns pensam que Deus não nos direciona de maneira alguma, cabendo a nós toda decisão. Outros pensam que Deus tem uma vontade secreta que ele sempre deseja que descubramos antes de tomar decisões. Essa segunda maneira de pensar tem infelizmente paralisado muitos cristãos; não casam, não tomam decisões

financeiras, vocacionais, eclesiásticas sem terem uma suposta confirmação da parte de Deus.

É preciso pensar biblicamente acerca desse processo. Há ótimos livros disponíveis sobre o assunto.²⁰ Um aspecto que é importante desmistificar é essa ideia prevalecente de que precisamos de alguma forma receber confirmação da parte de Deus acerca de nossas decisões e que isso significaria estar no tal centro da vontade de Deus. A Bíblia não diz que Deus deseja que descubramos cada parte de seu plano.

Do que precisamos então? Um bom começo é analisar os mandamentos da Bíblia. Muitas de nossas indecisões seriam resolvidas se meramente conhecêssemos melhor o que Deus exige do homem. O problema, muitas vezes, não é desconhecimento; é que tentamos achar uma maneira de torcer a vontade de Deus para que ela caiba no que nós queremos fazer.

Queremos, por vezes, a aparência de piedade, mas não a real piedade de seguir o que ele manda. Negamos o mandamento claro enquanto dizemos estar buscando sua vontade. Precisamos sempre analisar nosso coração. Irmãos mais sábios podem ajudar tremendamente nisso. E vale lembrar a declaração explícita de 1 Tessalonicenses 4.3, que afirma que a vontade de Deus é sempre a nossa santificação. Qualquer decisão que nos leve a deixar o caminho da obediência e crescimento é uma má decisão.

Elimeleque pecou ou não?

Nem todos pensam que deixar Belém tenha sido uma má decisão.²¹ Por certo há muitos que falam positivamente sobre sua decisão, enquanto outros autores mal tocam no assunto. Espero, entretanto, que fique claro que a saída de Elimeleque de Belém deveria evocar em nós leitores muito mais o mal-estar de ver alguém que sabemos estar fazendo uma

tolice do que a simpatia por alguém que estamos vendo tentar superar grandes obstáculos.

As histórias de superação e triunfo estão entranhadas em nossa cultura popular. Sejam histórias de heróis improváveis, histórias de grandes conquistas esportivas ou mesmo relatos de grandes pessoas que surgiram do nada, nos é caro o tema de alguém corajosamente enfrentando os problemas e emergindo do outro lado do desafio vitoriosamente. Talvez a impressão do leitor, ao começar o livro de Rute, seja a de que estamos diante de um homem que decidiu fazer de tudo para superar a adversidade e que vai, por meio de grandes lutas e sacrifício próprio, proteger a família e alcançar seus sonhos. Esse enredo básico é o padrão para inúmeros filmes e lendas. Mas, parece-me, Elimeleque está agindo de modo semelhante a outro personagem comum do cinema: o que habita no filme de terror. A atitude é recorrente: a pessoa está em casa, a noite ou está chuvosa ou há uma

tempestade de neve. Na televisão há notícias ruins, seja uma fuga em massa de um presídio ou hospício, sejam rumores de um maníaco à solta. Nosso personagem ouve um barulho estranho no quintal e decide ir investigar. O que pensamos na hora? Fique dentro de casa! Está ruim aí, mas é pior sair! Acredito que a decisão de Elimeleque seja mais próxima disso do que a de um herói em busca de superação.

Com isso, não pensemos que Elimeleque seja de todo mal ou infiel. Não se trata disso. Pelo que sabemos, pode ter sido um belo pai, marido e vizinho em muitos aspectos. Aliás, é curioso como comentaristas muitas vezes debatem sobre as ações de Elimeleque e Noemi como se fossem personagens ou completamente certos ou completamente errados, sendo que todos somos gente com muito mais nuance. Somos gente normal que acerta em uma e tropeça na seguinte. Gente que faz coisas boas com motivos escusos

misturados a bons motivos. Podemos, ao mesmo tempo, elogiar a disposição e, talvez mesmo a hombridade de Elimeleque em agir em prol dos seus, e criticar sua incredulidade e mesmo rebeldia. Mas como concluir que foi errado sair de Belém em direção a Moabe?

Situações limite

Nessa situação, todo o coração de Elimeleque é exposto na falta de confiança no Senhor. Situações-limite têm o poder de nos mostrar a realidade sobre o que está em nosso coração. Para começar, a reação apropriada do povo judeu diante de Deus pesando a mão sobre eles em Belém deveria ser a de se voltarem, como povo, para Deus em arrependimento. Mas eles são tentados a seguir o caminho aparentemente mais fácil, ir para Moabe. Na cabeça deles, talvez seja melhor estar nos campos verdejantes e sem o bom pastor, do que no vale da sombra da morte com o bom pastor.

Outra questão importante: quão severa era a fome? No decorrer da história aprendemos que se tratava de uma família de posses; Noemi mais tarde vai falar sobre voltar pobre e vazia, o que indica que ela não o era antes. Inclusive na volta haveria terras da família a resgatar. Certamente Elimeleque e os seus não foram os primeiros belemitas a sentir a fome. E não vemos nesse período um êxodo maciço do povo de Deus. Pelo que sabemos, foi apenas essa família que nessa época procurou pastos mais verdes.

Provavelmente Elimeleque e família poderiam ter aguentado mais na terra de Judá; ainda não estavam passando fome. No final das contas, talvez seja uma atitude que diz: para mim é mais importante ter abundância do que estar na terra que Deus nos chamou para viver. A terra que Abraão recebeu. A terra que Isaque e depois Jacó herdaram. A terra pela qual o povo escravo no Egito anelou por séculos. A terra para a qual foram quando Deus os

tirou com mão forte do Egito. A terra que bebeu o sangue dos nossos pais mortos em batalhas.

Uma ironia desse abandono, como aponta Robert Chisholm,²² é que a lei de Deus em Dt 23.3-4 aponta maldições contra Moabe precisamente por terem falhado em ir ao encontro de Israel com pão e água quando estes subiam do Egito. Moabe deveria trazer à mente de Elimeleque associações com escassez, não com fartura. Mas lá se vai Elimeleque em busca de comida na terra dos que se negaram a ajudar Israel com alimento.

Não perca de vista algo muito sério nessa decisão: eles estavam abandonando a terra prometida! Não se trata de eu ou você indo estudar fora do país, ou morar em outra cidade por causa de um emprego ou algo assim. Trata-se de deixar o pedaço de terra que Deus miraculosamente deu a nossos pais. A porção do planeta diretamente conectada às promessas do Senhor no contexto daquele momento na história da salvação.²³

Além disso, a fome não parece ser generalizada por todas as tribos de Israel. Judá passa por fome, mas o texto não indica que outras partes também passavam. Eles poderiam, provavelmente, ter buscado o apoio dos irmãos de outras tribos. Somos assim também. Confiamos mais no gerente do banco, no plano de previdência privada ou nos fundos de investimento do que em nossos irmãos e irmãs. Preferimos a direção do vizinho, do *coach*, do guru e mesmo do *youtuber*. Buscamos ajuda de todo mundo quando temos problemas, menos dos que compartilham nossa fé e visão de mundo. A responsabilidade diaconal da igreja é real e envolve, quando possível, quando legítimo, ajudar nossos irmãos que estão em dificuldade.

Moabitas não eram auxiliadores. Eles haviam dificultado o caminho dos israelitas quando o povo de Deus voltou do Egito. É a semifamosa história de Balaão, que foi contratado pelo rei de Moabe para amaldiçoar os israelitas (Nm 22 a 24). Os

moabitas haviam oprimido os israelitas nos tempos do Rei Eglom, que encontrou seu fim nas mãos de Eude, o canhoto filho da mão direita (Jz 3). O relacionamento entre essas nações era complicadíssimo. Mas, mesmo assim, Elimeleque preferiu ir para essa terra.

Possibilidades desastrosas

Essa viagem poderia ter várias consequências desastrosas para a família. Para começar, Elimeleque acaba por colocar seus filhos numa situação difícil: o perigo de casarem-se fora da família do pacto. A lei de Deus (Dt 7.3-4) claramente proibia casamento em jugo desigual, mas Elimeleque expõe seus filhos a isto.²⁴ Começamos com pequenas concessões e logo escorregamos ladeira abaixo.

Ligado a isso está ainda o descaso com a verdadeira adoração. Diferente de hoje, onde nossa adoração não está ligada a um lugar específico,

naquele tempo era importante estar perto do povo de Deus na terra prometida para ter acesso ao sistema sacrificial e aos sacerdotes. Não havia adoração ao SENHOR em Moabe. Eles iriam passar muito tempo longe da possibilidade de adorar com o povo de Deus. Em Moabe eles não vão mais ter acesso às festas religiosas. Não vão experimentar os encantos da Festa dos Tabernáculos, o deleite do Sábado, a solenidade do Yom Kippur (Lv 17). Não havia adoração a Yahweh em Moabe. Essa era uma terra de antigos inimigos de Israel. Adoradores de Quemoz, que o SENHOR mais tarde prometeria esmagar numa pilha de esterco (Is 25.10). Lá não há o tabernáculo por perto, lá não há ninguém adorando e cantando e recontando as maravilhas do Senhor. Não parece que Elimeleque anseia pelo encontro em adoração a Deus como a corsa anseia pelas águas.

Aliás, será que este fator entra na nossa equação ao escolhermos um lugar para morar? Quando

decidimos a casa, cidade, ou país onde iremos habitar, levamos em consideração as reais possibilidades de adorarmos a Deus e sermos alimentados numa igreja fiel? É claro, pode ser a que mudança da família seja justamente motivada por alcançar uma região com poucos cristãos, uma motivação missiológica. Contudo, não me refiro a relocações com esse lado missionário, mas a simples mudanças. Convenhamos, nós pouco pensamos sobre as possibilidades de vida eclesiástica quando planejamos nossas futuras moradias.

Quando ainda existia o programa do governo federal brasileiro *Ciências Sem Fronteiras*, alguns dos membros de minha igreja foram aceitos no programa. Uma das jovens veio me pedir recomendações acerca de igrejas na Itália, país onde estaria. Lembrei-me de um colega de seminário que estava plantando igrejas na região de Roma, na boa esperança de que ele pudesse sugerir algo. Meu

amigo me ajudou, sim, com mais de uma sugestão, mas não sem antes de me dar uma bronca: “Emilio, você devia ensinar suas ovelhas a primeiro ver se há uma boa igreja no local, antes de decidir ir fazer a vida lá”. Ai, que vergonha! De fato. É algo que poucas vezes ensinamos e em que poucas vezes pensamos. Geralmente escolhemos o lugar para viver com base em oportunidade de emprego, praticidade quanto à escola, qualidade de vida, tempo de trânsito, proximidade da praia e toda sorte de coisas, menos a presença de um lugar para servir e ser servido pelo povo de Deus. Quão importante é isso para você? Pode ser que nos próximos tempos surja uma oportunidade de mudar de cidade. Que tal, antes de aceitar, investigar se haverá um local adequado para o fortalecimento espiritual e serviço de sua família?

Esquecendo quem somos

Vale notar ainda mais uma coisa: Elimeleque significa algo como “Deus é meu rei”. Entretanto, infelizmente, ele age como alguém que não confia na proteção de seu rei, preferindo tomar em suas próprias mãos a vida de sua família. Ele age como um ateu prático, como se fosse ele o rei de sua própria vida. E lá vão eles em direção a Moabe. Contra as promessas do SENHOR. A rota mais provável passaria pelas ruínas de Jericó, mais um lembrete do poder do Deus a quem servem. Mas eles seguem adiante.

Elimeleque age em desacordo com quem ele é de nome e de fato. Infelizmente, podemos com facilidade identificar-nos com ele. Muitas vezes negamos o nome de “cristãos” que recebemos quando nos juntamos a Cristo. Situações-limite revelam onde nosso coração habita de fato. Quando chega a situação-limite, onde está seu coração? Se a crise econômica vem, como você gasta seu dinheiro? Qual a primeira coisa que você corta do

orçamento? Se o casamento não chega, ou casamento vai mal, o que você faz? E se não houver ninguém no contexto da igreja para namorar e casar? Você vai atrás de descrentes como se isso fosse justificado diante da situação? No fundo, você quer é tomar em suas mãos o problema; ser autônomo, ser lei para si mesmo. Nisso você trai o nome de cristão, de alguém que se submete à vontade de Cristo e confia no amor providencial dele.

São inúmeras as situações na vida em que nos veremos com a escolha de Elimeleque. Como agir quando a promoção no emprego não vem e você se percebe com a chance de sabotar seus colegas ou roubar a fama do projeto? E quando somos injustiçados ou mal interpretados? Será que quando a situação apertar nos voltaremos ao Senhor ou, como Elimeleque, tentaremos resolver com nossos próprios caminhos escusos? Vale comparar essa atitude com a do nosso Senhor Jesus. Ele, no

momento mais difícil de seu ministério, orando no Getsêmani, perseverou em trilhar o caminho amargo que o esperava. Sabia que o amor do Pai era suficiente e que a vida não é para nosso próprio serviço.

E você, pai ou mãe? Se a situação financeira apertasse, você esperaria no Senhor ou teria feito como Elimeleque? Compare isso com a atitude de Jesus quando estava com fome. Mesmo tentado pelo diabo, ele não cedeu ao desejo de fazer as coisas pelo seu próprio caminho. Foram quarenta dias e quarenta noites, seria totalmente razoável que ele transformasse pedras em pães – disse o diabo. Ou que clamasse para uma legião de anjos para salvá-lo das legiões romanas.

Fazemos isso como igreja também. Por exemplo, quando achamos que os métodos bíblicos de crescimento e fortalecimento da igreja não aparentam estar produzindo o fruto que nós achamos que teriam de produzir, podemos acabar

passando a utilizar toda sorte de métodos e programas que tantas vezes ferem os princípios bíblicos. Ou quando não queremos adorar da forma prescrita por Deus, pensando que em nossa imaginação faremos algo supostamente mais relevante. Pensamos que temos de mudar o culto para fazê-lo mais adequado a uma geração visual e encher de elementos não autorizados pela Palavra. Achamos que temos de migrar da pregação expositiva para conversas de autoajuda, para um papo aberto ou o quer que seja. Não vemos frutos como gostaríamos e começamos a querer sair do trilho e tomar a vida nas nossas mãos. Isto mostra nossa pequena paciência para esperar a mão poderosa do Senhor.

Matthew Henry é contundente em sua crítica a Elimeleque. Após elogiar a disposição de Elimeleque em prover para os seus, Henry diz:

Mas não vejo como a sua mudança para o país de Moabe, nessa ocasião, pudesse ser justificada. Abraão e Isaque eram somente peregrinos em Canaã, e a mudança deles era propícia. Mas a semente de Israel já estava estabelecida e não deveria mudar-se para os territórios dos pagãos. Por que Elimeleque deveria ter mais motivos para se mudar do que seus vizinhos? Se por qualquer administração imprudente ele tivesse dissipado seu patrimônio, e vendido ou hipotecado sua terra (como poderia ter sido o caso), que o colocava numa condição mais precária do que os outros, a lei de Deus teria obrigado seus vizinhos a socorrê-lo (Lv 25.35). Mas esse não era o seu caso, porque ele partiu cheio, v. 21. Parece que a fome não era tão extrema para aqueles que permaneceram em casa, porque havia o suficiente para sobreviver. Além disso, a sua responsabilidade era pequena; somente dois filhos. Se Elimeleque não era capaz de satisfazer-se com a escassez, como ocorria com seus vizinhos, e no dia de fome não podia se fartar (Sl 37.19), a não ser que tivesse uma mesa tão farta como antes, e se ele não podia viver com a esperança de que, no devido tempo, viriam anos de fartura outra vez, ou não podia aguardar com paciência por essa época, era por sua falta. Assim, ele estava desonrando a Deus e a boa terra que o Senhor tinha dado a eles, debilitando as mãos dos seus irmãos (Ed 4.4), com quem ele deveria estar disposto a sofrer. Elimeleque foi um mau exemplo para os outros. Se todos tivessem seguido o seu exemplo, Canaã teria ficado despovoada... Evidenciamos um espírito insatisfeito, desconfiado e instável quando nos mostramos enfadados com o lugar no qual Deus nos colocou, e dispostos a

deixá-lo assim que nos deparamos com uma dificuldade ou inconveniência... Se ele tivesse investigado melhor, provavelmente teria encontrado fartura em alguma outra tribo de Israel, como, por exemplo, as tribos que ficavam do outro lado do Jordão, que faziam fronteira com a terra de Moabe. Se Elimeleque tivesse o devido zelo por Deus e a afeição pelos seus irmãos israelitas, não teria se convencido tão facilmente em ir e peregrinar entre os moabitas.²⁵

A situação se agrava e pecado leva a morte

A decisão pecaminosa de Elimeleque de não confiar na providência de Deus teve sérias consequências. Dificilmente o pecado é estéril; ele geralmente traz consigo filhotes diversos. Pecado nunca ajuda a situação. Pecado só atrapalha e infecciona as feridas. Seria mais fácil você curar um rasgo na batata da sua perna aplicando esterco de bode na ferida do que resolver o problema da vida com pecado. Veja como a decisão tola de Elimeleque leva a caminhos e finais amargos:

3 Morreu Elimeleque, marido de Noemi; e ficou ela com seus dois filhos,

4 os quais casaram com mulheres moabitas; era o nome de uma Orfa, e o nome da outra, Rute; e ficaram ali quase dez anos.

5 Morreram também ambos, Malom e Quiliom, ficando, assim, a mulher desamparada de seus dois filhos e de seu marido.

Elimeleque insistiu em ir. Muitas vezes pensamos algo como “Deus não me impediu... logo deve ser da vontade dele”. Como Jonas, rumamos para longe do que Deus manda e nos confortamos em que tudo parece estar indo bem, até que venha a tempestade. Às vezes vamos contra o que ele revelou, mas fingimos que não é com a gente. Valorizamos nossa autodeterminação como se fosse a própria vida.

Nosso tempo é de confusão. Uma era em que achamos que encontraremos nosso valor e significado em sermos pessoas que vão em frente e fazem o que pensam ser melhor, custe o que custar.

O ideal de “se descobrir” e tentar ser autêntico tem servido de jaula para muitos. Vivem presos a um ideal de tentar a autocompreensão e a autoexpressão condizente com tal compreensão, e cada escolha ou posicionamento pode se tornar tragicamente complicado. Tim Keller mostra muito bem como essa busca secular por autodeterminação tem sido uma narrativa que promete libertar o indivíduo, mas acaba por aprisioná-lo.

Timothy Keller alerta:

O processo moderno de formação da identidade, diz para ir e criar a si mesmo do zero. Você deve identificar os seus sonhos, especialmente os mais vívidos, e atingi-los – ou sentir-se como um fracasso. Isso esmaga aqueles em muitos segmentos da sociedade onde dinheiro, aparência, poder, sucesso, sofisticação e amor romântico se tornam não apenas coisas boas, mas fatores necessários para a identidade.²⁶

Esse tipo de situação tem paralisado nossos jovens e mesmo muitos adultos. Muitos são incapazes de tomar simples decisões na vida, pois sentem que cada escolha diz respeito a fracasso completo ou felicidade incomparável. E, assim, escolher coisas importantes como uma carreira, e mesmo coisas de pouca importância, como um passeio de feriado, passam a ser decisões de vida ou morte. Pois a vida passa a consistir nessas coisas.

O livro de Rute começa nos mostrando que o caminho da vida não é simplesmente buscar o melhor para si, mas buscar viver o amor sacrificial do caminho proposto pelo Senhor, mesmo que esse caminho seja duro. O caminho mais fácil não é necessariamente o correto. Nisso vem um alerta importante: nossos pecados não são seguros, eles nunca ficam onde os colocamos. Nós achamos que podemos compartimentalizar a vida e deixar alguns pecados vivos e seguir bem. Mas não temos essa opção. Logo o pecado com suas consequências

começa a complicar a vida não só de Elimeleque, mas de toda a família.

A situação foi degradingolando aos poucos. Como quando uma onda do mar o pega e você mal consegue se recuperar antes da seguinte, olhos ardendo do sal, tosse e desorientação. As ondas de sofrimento atingem a família em sequência desoladora. Primeiro morreu Elimeleque. O plano de habitar por um tempo se torna algo permanente, ao menos para ele, que acabou sendo enterrado fora da terra prometida. E a vida vai passando. Quando decidimos ir para longe do Senhor nas pequenas coisas, nunca achamos que a decisão será tão custosa quanto as pessoas estão dizendo. Mas aquilo que era temporário logo vira uma década. E assim ficaram Noemi e seus filhos. Como diz Ian Duguid, eles meramente existem lá, sem um plano ou projeto maior: “Uma vez assumido, o caminho da contínua e mais profunda desobediência é

muitas vezes bem pavimentado e quase não oferece resistência”.²⁷

A mera permanência por lá é em si trágica. Eles não precisam adivinhar a vontade de Deus. Eles deveriam voltar para a terra prometida. No entanto, seguem por lá. O líder da família faleceu, o filho mais velho deveria proteger a todos. E poderia ter liderado um retorno. Contudo, ainda mais fácil que sair do caminho do Senhor é permanecer fora dele. Eles continuam, por qualquer razão, achando que é uma ideia melhor morar em Moabe. E assim se vai toda uma década. É triste reconhecer, mas muitas vezes escolhemos conforto e estabilidade ao invés de fidelidade. Ficar longe do contato com o povo de Deus é muito perigoso para nossas almas (Hb 10.25). O costume de estar longe vai ficando forte. Aquele tempinho que você vai deixar de ir à igreja aos domingos para estudar para um concurso logo se torna seu costume. E você não vai mais, e até mesmo deixa de sentir falta.

Os filhos se casam. Algo que sempre deveria ser fonte de alegria acaba não sendo algo muito bom, nesse caso. Os filhos são adultos, e há moças atraentes em Moabe.²⁸ Será que houve alguma confusão familiar sobre casar fora do pacto? Você consegue imaginar o possível diálogo?

— Filho, não pode, Deus disse que não pode casar com mulheres moabitas.

— Ué, mãe, mas a gente saiu da terra prometida... Por que pode quebrar umas regras e outras não? Eu vou casar... minha felicidade está acima de outras coisas.

Mulheres moabitas não eram boa ideia. Não mesmo! Historicamente já tinha dado confusão. Basta lembrar a ocasião já mencionada, quando o povo de Deus passava em direção à terra prometida (Nm 22-25). Os moabitas, preocupados com sua terra, contrataram Balaão para amaldiçoar o povo de Deus. Funcionou ao contrário... Balaão abençoou o povo de Deus. Sabe o que os moabitas

fizeram, então? As mulheres moabitas seduziram vários dos homens israelitas e fizeram com que adorassem a Baal-Peor. Essa confusão toda resultou na morte de vinte e quatro mil pessoas e alguns episódios de violência extrema!

E assim fica a família. São estrangeiros em terra estranha; ao menos Noemi tem os filhos! Mas eles acabam se casando com descrentes, que não seguiam o Deus de Israel. Talvez Noemi tenha pensado algo como “Estou viúva, mas ao menos meus filhos fortes e vistosos cuidarão de mim”. Então o texto brutalmente nos conta que morrem também os filhos, Malom e Quiliom, de maneira inesperada. Noemi, que já enterrara o marido em terra estranha, agora tem de viver a dor de enterrar sua prole! Esse é um dos piores tipos de tragédia que ocorre em um mundo caído. Algo completamente invertido. Martinho Lutero passou pela dor de enterrar duas de suas filhas, Isabel e

Madalena. Considere o relato, de partir o coração, sobre a morte de Madalena aos treze anos:

Enquanto a menina estava morrendo, Lutero tentava confortar sua esposa chorosa dizendo: “Pense acerca de para onde ela está indo. Ela vai ficar bem”. À medida que Madalena declinava ele orou: “Eu a amo muito, mas, se é tua vontade levá-la, querido Deus, me contentarei em saber que ela está contigo”. Ele então perguntou à jovem deitada na cama: “Querida Madalena, minha filhinha, você gostaria de ficar aqui comigo, seu pai. Mas você está contente em ir para seu Pai que está nos céus?”. Ela disse: “Sim, querido pai, como Deus quiser”. Lutero exclamou “Garotinha querida!” e se maravilhou em que Deus lhe houvesse dado tão grandes dádivas. Ele se ajoelhou e abraçou a filha, chorando e ainda orando a Deus para poupá-la, mas então disse: “Seja feita tua vontade”. Madalena morreu em seus braços. Ao colocarem Madalena no caixão, Lutero comentou: “É estranho saber que ela está certamente em paz e melhor lá, muito melhor, e ainda assim sofrer tanto!”. Quando a enterraram, Lutero disse: “Há ressurreição da carne”.²⁹

Perceba, o reformado alemão, um gigante da fé, terrivelmente abalado pela morte de sua prole. Enterrar amados é algo doloroso, sempre. Mesmo com a esperança da ressurreição. Se para Lutero foi difícil, quanto mais para uma mulher que não tinha nem o apoio do cônjuge nem da comunidade de fé. Noemi passou por essa dor com o marido e com os dois filhos, Malom e Quiliom. Ela não está bem.

Pais nunca deveriam ter de enterrar seus filhos, mas, por causa do pecado, este mundo se tornou um grande cemitério, salpicado de carne e ossos de filhos. Vale lembrar que a primeira mãe teve de enterrar seu filho pouco depois de saírem do jardim, um filho morto pela mão do próprio irmão maligno.

A situação se aperta ainda mais. Pelo visto, Noemi e suas noras rumam para a pobreza. Mais tarde ela afirma que perdeu tudo de material que tinha. Mas o plano não era ir para escapar da fome? Veja, o problema em si não é ser pobre. O problema é

quando você peca com o intuito de não ser pobre e ainda assim o tiro sai pela culatra. Paulo nos alertou em 1 Tm 6.9: “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição”. Parece uma triste descrição da situação de Noemi: se metem em armadilhas e se afogam em ruínas.

Assim, o pior pesadelo de Noemi se realiza: ela é viúva, não tem filhos para cuidar dela, as noras não são de seu povo, está longe de sua terra e de seu povo e não tem dinheiro. Ela tem suas noras, sim, mas o que esperar dessas moças? Podem ser simpáticas, bonitas, mas será que ajudarão? Será que Noemi terá o destino trágico de outras viúvas? Não se trata do século 21, em que uma mulher pode conseguir emprego em diversas áreas dignas e viver com tranquilidade.

Será que há esperança para tal situação? Pode até haver redenção, mas ficarão marcas. Como com

Noemi e Elimeleque, muitas vezes temos de viver com as consequências trágicas de nosso pecado. Por exemplo, Deus perdoad o adultério, o cônjuge pode aceitar a restauração, mas a desconfiança pode continuar por muito tempo. Cristo morreu por coisas perversas que fazemos, mas estas podem muito bem nos desqualificar de posições de liderança na igreja. Deus perdoad assassinos, ladrões e mais, mas isso não quer dizer que não tenham de ir para a cadeia.

Noemi está em apuros e se percebe sem saída. Sabe quando as coisas começam a ruir e não param? Quando um plano que você tinha parece que vira areia em suas mãos? O pior de tudo é quando você sabe que, no final das contas, você tem parcela de culpa na tragédia.

E assim começa o livro de Rute, uma tragédia atrás da outra. Quando fazemos escolhas erradas querendo tomar o controle do mundo, isso geralmente acaba mal. Vale a pena considerar isso

quando formos tomar decisões. O que virá para você no futuro? Só o Senhor sabe. Uma promoção? Uma demissão? Ganhar um filho? Perder um filho? Talvez apareça uma mulher que roube seu filho. Ou talvez a própria morte ronde sua família. Viva no conforto de saber que você está em aliança com o Senhor e que ele o ama.

Como diz Paul Miller, nem sempre esse mundo tem o tal final Disney.³⁰ Fomos muitas vezes ensinados que a vida sempre vai funcionar, que os problemas meio que se resolverão sozinhos e encerraremos o dia com belos números musicais cantando “Livre Estou” de mãos dadas, ou algo assim.

Em tudo isso devemos nos lembrar de que nossas escolhas erradas fazem separação entre nós e o nosso Deus. Podemos não ser linchadores, mas o princípio está em nós. Temo que nosso pai Adão tenha participado de algo ainda pior que um linchamento. Ele fez o que linchadores fazem:

decidem ser leis para si mesmos. Decidiu deixar a lei e autoridade competente de lado e fazer ele mesmo o que achava que devia fazer, comendo o fruto proibido. As mortes resultantes de tal ato são contadas na casa dos bilhões e crescem a cada dia.

Essa péssima decisão afeta nossas vidas hoje; estamos todos nós vivendo em uma terra que não é a prometida, arcando com as consequências do pecado de nosso pai. Isso sem contar as coisas que nós mesmos aprontamos. É assim desde o dia em que Adão e Eva tomaram em suas próprias mãos a decisão sobre o fruto. Deus permite que vivamos e sofram a consequência de nossos pecados e caminhos maus. Foi assim com Adão e Eva, com Israel, com Abraão, com Pedro, conosco. É parte de nosso aprendizado e parte de aprendermos a amar mais o reino. Mas estes caminhos difíceis não implicam que Deus abandonou seu povo; que ele estará distante. Afinal, trata-se do Deus da aliança

que em todas as coisas coordena nossa vida para o bem.

Irá a filha pródiga Noemi retornar para a casa de onde saiu ditosa? Quando se trata do Senhor, sempre há esperança. É vital lembrar que, por pior que estivesse a situação de Noemi, ela ainda tinha esperança de ser redimida. E nunca devemos esquecer que em Belém, a casa de pão onde não havia pão, ali mesmo um dia nasceria aquele que é o pão da vida.

O povo que segue a Jesus já devia, a essa altura, estar acostumado com a ideia de que histórias com começos difíceis podem terminar em glória.

11. Ou ainda algo como “eu fiz o meu próprio caminho”. A canção é a famosíssima “My way”. A letra consiste em uma reflexão sobre a vida que vai chegando ao fim. Tem boas percepções sobre a vida, mas segue em geral pelo triste caminho da autonomia do homem que acha que, no final das contas, o que importa é ter feito tudo do jeito que quis.

12. Sim, eu sei que nem sempre temos orientações objetivas e claras para toda e qualquer situação da vida. O mundo é complexo e cheio de nuance. Temos, é claro, os mandamentos do Senhor. Mas muitas vezes temos dificuldade em aplicá-los na vida real. Espero que este capítulo ajude a entender um pouco mais sobre como pensar nas ramificações de nossas escolhas pode ser algo útil na tomada de decisões.

13. É o que chamamos de a espiral descendente do pecado.

14. Adão representava toda a raça humana naquele pacto estabelecido por Deus, em que Adão era proibido de comer do fruto da árvore do

conhecimento do bem e do mal. Os resultados da quebra da lei do Senhor se aplicam a todos nós – nascidos por geração ordinária, já nascemos pecadores. Procure ler mais sobre o pacto de obras e o pecado original. São temas importantíssimos.

15. Como Robert Hubbard bem nota, o histórico de ações maravilhosas de Deus em tempos de fome deveria deixar o leitor com a expectativa de que, embora a situação seja ruim, muitas vezes Deus utiliza fomes para avançar o plano para seu povo. Cf. Robert Hubbard, *Rute* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008), p. 125.

16. Lembro-me de um colega de seminário nos Estados Unidos afirmando categoricamente que o furacão Katrina, que devastou Nova Orleans, era uma punição divina contra a imoralidade da cidade. Contudo, pouco depois, outro furacão atingiu uma área que era considerada das mais firmemente cristãs no país. Sejam cuidadosos.

17. É estranho ver Robert Chisholm indo contra a autoria divina da fome: “O versículo 6 declara que Yahweh trouxe alívio para a fome; em nenhum outro lugar o texto diz que ele trouxe a fome” (p.

66). Ora, a Bíblia apresenta-nos Yahweh como o Deus soberano sobre todos os eventos do universo. O fato de o texto não dizer especificamente que foi Deus quem trouxe a fome é irrelevante, pois o resto das escrituras nos ensinam que nada se passa fora de seu controle.

18. Deuteronômio 28.15 em diante. Ver ainda Levítico 26.3-4, texto que conecta a benção do Senhor sobre a terra e o clima à obediência e fidelidade do povo.

19. Meu primo, Rev. Daniel Charles Gomes, me mostrou isso muito antes de eu sequer sonhar em aprender hebraico. Não que seu seja muito bom no hebraico. Enfim. Obrigado, primo!

20. Recomendo principalmente o livro de Kevin DeYoung, *Faça alguma coisa* (São Paulo: Mundo Cristão, 2012), bem como o do de meu amado irmão Heber Campos Jr, *Tomando decisões segundo a vontade de Deus* (São José dos Campos: Fiel, 2013). Há ainda o de Sinclair Ferguson, *Descobrendo a vontade de Deus* (São Paulo: PES, 1997). Alguns anos atrás fizemos com os jovens de nossa igreja um profundo estudo sobre esse tema. Foi libertador

para muitos deles. Importantes decisões foram tomadas dali em diante.

21. Reconheço que nem todos concordam com minha análise de que Elimeleque pecou nessa escolha. David Atkinson diz que não temos dados suficientes para julgar (*A mensagem de Rute*, p. 33). Outros sequer entram na discussão. De fato, o texto não afirma isso categoricamente, mas tampouco o desculpa. Devo indicar que outros autores não veem problema na ação migratória. Robert Chisholm, por exemplo, tenta argumentar que não houve nada de pecaminoso na peregrinação de Elimeleque, comparando-a à descida ao Egito de Jacó e seus filhos. Penso, pelas razões que trago, que o caso é mais sério e envolvia, sim, falta de confiança no Senhor. Reconheço que vários colegas expositores a quem respeito pensam diferente de mim, vendo em Elimeleque a bravura do provedor material que se arrisca pelo bem-estar dos seus. Conquanto possa ser louvável a disposição de Elimeleque, ela parece-me escorrer para fora dos limites bíblicos na situação em que o povo de Deus se encontrava.

22. Robert Chisholm, *A história de Rute*, p. 66.

23. Muitos não estão acostumados a pensar nesses termos, mas a teologia bíblica pode nos ajudar a pensar sobre como os diferentes períodos de revelação progressiva e contínua de Deus nos guiam sobre comportamentos em épocas específicas de seu povo. Hoje em dia, no contexto do Novo Pacto, as suas promessas de cuidado não estão atreladas a um pedaço específico de terra, como fora nos pactos anteriores. Hoje o mandato é sim o de ir por toda a terra em nome dele.

24. Não iremos aqui gastar espaço defendendo biblicamente a proibição do casamento com descrentes. Penso ser algo biblicamente claro. Leon Morris aponta que a proibição de Dt 7.3 era especificamente quanto a povos cananeus, o que supostamente não incluiria os moabitas (Leon Morris, *Juízes e Rute*, p. 234). Penso que Morris perde de vista o principal na proibição, que é o de fazer os filhos de Israel irem atrás de falsos deuses. Ora, isso seria um problema com qualquer povo pagão, não apenas os cananeus.

25. Matthew Henry, *Comentário Bíblico Matthew Henry* (Rio de Janeiro: CPAD, 2010), p. 134. Agradeço ao meu amigo pastor Jackson Jacques por me mandar esse trecho.

26. Timothy Keller, *Preaching: Communicating Faith in an Age of Skepticism* (Nova York: Penguin Publishing Group, p. 111). Kindle Edition. [Em português: Timothy Keller, *Pregação: Comunicando a fé na era do ceticismo* (São Paulo: Vida Nova, 2017).]

27. Ian Duguid, *Ester e Rute*, p. 136.

28. Vale mencionar que Robert Chisholm estranhamente tenta argumentar que não havia necessariamente pecado em casar com moabitas. Ele defende que nem a saída da terra nem o casamento eram pecado. Parece-me algo refutável com facilidade a partir do resto das Escrituras, ainda que o texto de Rute em si não condene tais ações de maneira explícita. Aliás, muitas vezes é assim. Julgamos ações de Davi e outros personagens bíblicos a partir da lei do Senhor, mesmo que o texto narrativo não traga em si a

condenação. Para a argumentação de Chisholm, ver nota de rodapé na p. 27.

29. Joel Beeke, “The Family man: Luther at home”. In: *The Legacy of Luther*. Editado por R. C. Sproul e Stephen Nichols (Orlando: Reformation Trust Publishing, 2016, Kindle loc. 2081-2091).

30. Miller diz que o modo Disney é um modo de esperança humana baseada em nada, enquanto o modo bíblico de amar é baseado na real esperança divina. Paul E. Miller, *A Loving Life: In a World of Broken Relationships* (Wheaton: Crossway, 2014), Kindle loc. 301).

2

RETORNO E AMARGURA

“Eu preciso aprender a me contentar em ser
mais feliz do que eu mereço.”

Jane Austen, *Orgulho e preconceito*

“Você deve escolher, Beren, entre esses dois: abandonar a missão e
seu voto e buscar uma vida de vagar sobre
a face da terra; ou manter sua palavra e desafiar o poder
das trevas sobre o trono. Mas em qualquer caminho, eu irei contigo,
e nosso destino será o mesmo.”

Luthien para Beren, em *O Silmarilion*, de J. R. R. Tolkien

“Nada é mais enganoso do que a aparência de humildade.
É frequentemente só o descuido de julgamento
e, às vezes, uma ostentação indireta.”

Jane Austen, *Orgulho e preconceito*

“Ninguém é capaz de saber o quanto sofro! Mas sempre é assim.
Aqueles que não reclamam nunca são consolados.”

Jane Austen, *Orgulho e preconceito*

“A princesa está em outro castelo.”

Toad para Mario Bros, frustrado em busca da princesa Peach. Às vezes princesas não estão onde seria de esperar.

Dias que parecem não acabar

Você já sentiu enjoo. Eu sei disso. Depois de exagerar na pamonha... depois de uma feijoada... enjoo de gravidez... nas curvas da estrada de Santos... Ruim, não é mesmo? Não dá para papear, para se concentrar. Não tem leitura, filminho, conversa que alivie. Nada ajuda! Quem já passou por um terrível enjoo sabe como é difícil pensar em qualquer outra coisa que não seja o enjoo em si; a cabeça não funciona direito, os membros não respondem... tudo piora a situação e parece que nada traz alívio. Há doenças e mesmo tratamentos médicos que dão enjoo. Enxaqueca e

quimioterapia, por exemplo. São várias as situações em que parece que nosso ser interior está querendo se vingar de alguma ofensa e sair. Acho que nenhum desses tipos é tão ruim quanto enjojo de barco.³¹

Meu avô, de quem eu e meu pai herdamos o nome, conta que certa vez, numa pescaria em alto-mar, ele se sentiu terrivelmente enjoado. Segundo meu avô, a situação era tão feia que, se lhe fosse oferecida a morte, ele teria aceitado de bom grado. Certa vez, na Praia do Forte, Bahia, fiz um passeio de barco para ver as baleias jubarte, que no meio do ano frequentam o litoral baiano atrás de algo (será a *axé music*?).³² No passeio, aquela escuna balançava temivelmente, ao menos na avaliação de meu estômago. Foi intenso. Eu não aproveitei nadinha e ninguém viu baleia nenhuma. Eu não chegaria ao extremo de querer a morte naquele dia, mas teria dado, alegremente, a mão esquerda em troca de alívio imediato.

Todos nós já passamos por situações na vida que parecem ser uma grande agonia que nunca acaba. Situações tão agonizantes que nos levariam a pagar altos preços para nos vermos livres. Pode ter sido algo físico, pode ter sido um problema no trabalho, pode ter sido uma questão emocional difícilíssima pela qual você tenha passado. Situações tão desesperadoras que chegam a dar enjoo. Decerto, estar sozinha em Moabe, longe da terra prometida, desprovida do marido e dos filhos, qualifica-se como uma situação extrema da qual se busca alívio.

Na continuação da história do livro de Rute, vemos Noemi sofrendo com o estranhamento e distanciamento de seu Pai celestial. Noemi estava em Moabe contra a vontade revelada de Deus, seguindo a liderança de seu marido. Noemi estava numa situação muito difícil, mas agora aparecia a possibilidade de regresso. Não somente para ela, mas também para alguém que, na verdade, nunca tinha sido parte do povo de Deus. Vejamos no texto

bíblico essa passagem que nos ensina sobre a bondade de Deus em Cristo chamando seu povo a voltar à comunhão e recebendo estrangeiros para virem a ele. Vamos considerar o que isso nos ensina sobre como agir quando andamos em caminhos estranhos à palavra de Deus.

O Senhor não se esquece de seu povo

Vejamos o texto:

6 Então, se dispôs ela com as suas noras e voltou da terra de Moabe, porquanto, nesta, ouviu que o SENHOR se lembrara do seu povo, dando-lhe pão.

7 Saiu, pois, ela com suas duas noras do lugar onde estivera; e, indo elas caminhando, de volta para a terra de Judá [...]

O Senhor sempre se lembra de seu povo, inclusive quando este está em rebelião contra ele. Assumindo que a fome sobre Belém foi resultado da ação de

Deus pesar a mão sobre Israel a fim de fazê-lo voltar ao seu caminho, podemos supor com segurança que o seu povo voltou a servi-lo e a situação mudou. É o próprio Deus que nos conduz ao arrependimento e retorno. Nossa esperança de salvação está na fidelidade infalível dele, não na nossa. Quando Deus pesa a mão sobre seu povo, é a fim de conduzi-lo ao arrependimento.³³ Essa parte da história de Rute se passa provavelmente num dos momentos recorrentes na história do livro de Juízes em que o povo se voltou para Deus. Antes não havia pão na casa de pão, mas voltou a haver.

Como eles conseguiram o pão? Caiu do céu? Embora tenha sido dado por Deus, tudo indica que foi por meios naturais. É claro, sabemos que, na época da peregrinação pelo deserto, Deus proveu pão sobrenaturalmente para seu povo (Ex.16). O ponto aqui é que o pão nosso de cada dia sempre vem da mão de Deus, quer o encontremos na

padaria, quer o encontremos sobre as pedras no deserto.

Em sua bondade pactual, Deus está imediatamente pronto a perdoar seu povo. Não está pronto só a perdoar, mas a prover a maneira pela qual ele o faz. No tempo dos juízes, ele mesmo levantava pessoas para liderar o povo em arrependimento. Por ser fiel à sua promessa de redimir os seus, Deus segue fazendo o bem para nós, mesmo em meio a nossa infidelidade.

Talvez Noemi, ao receber as notícias da bondade do Deus perdoador sobre Belém, tenha pensado algo como: “Uau, talvez também haja esperança de redenção para mim. O que mais eu poderia fazer? Ficar aqui em Moabe?”. Como alguém que passa por uma noite de enjoo e sofrimento, ela vê uma solução e decide ir atrás. Noemi nota que, em Belém, Deus perdoou seu povo, que andava longe espiritualmente, e ela, que estava longe tanto física

quanto espiritualmente, decide ver se ainda há espaço para ela.

Essa lição é preciosa. O povo de Deus sempre pode voltar. Cristãos muitas vezes andam por um tempo longe de Cristo e de sua igreja, e quando caem em si acham que não tem mais volta, ou temem que será vergonhoso demais retornar. Talvez seja seu caso. Talvez você, sofrido leitor, ande longe do Senhor e de seu povo. Nossa esperança não é a de vivermos sem pecar. Entretanto, a verdade libertadora da Bíblia é que “Se, todavia, alguém pecar, temos advogado junto ao Pai, Jesus Cristo o justo” (1 Jo 2.1). O perdão em Cristo é o que pavimenta nosso caminho.

Muitos perdem a oportunidade de voltar por conta de seu orgulho. Mas, felizmente, Noemi engole o orgulho e decide pela vida. “Vou voltar, voltar à minha terra e ver se há perdão e nova vida para mim também. Ver se o Senhor também se lembra de mim”. Ela está decidida a lidar com as

consequências de seu pecado. Voltar e lidar com a vergonha, com a pobreza resultante, com a solidão de ser viúva e sem filhos. Nós também temos de lidar com os resultados de nossas escolhas ruins. Talvez você tenha de pedir perdão a alguém, talvez você tenha de perder a sua posição no emprego ou uma nota na escola como resultado da confissão do pecado.

Antes de ver como fica o retorno de Noemi, precisamos lidar com uma questão delicada: como ficariam as noras? Elas não eram do povo de Israel e não gozavam das bênçãos do pacto. Havia, sim, a possibilidade de irem para Israel com Noemi, mas também eram viúvas vulneráveis. Que caminho seguiriam?

Dois caminhos possíveis

Nessa passagem, vemos a maravilhosa verdade de que Deus está pronto a receber todos os que desejam vir, seja de que origem forem. Os que não

são originalmente povo de Deus também podem vir. Mesmo quem não nasceu na casa de Deus pode se tornar parte do povo de Deus. Veja como segue a história:

8 disse-lhes Noemi: Ide, voltai cada uma à casa de sua mãe; e o SENHOR use convosco de benevolência, como vós usastes com os que morreram e comigo.

9 O SENHOR vos dê que sejais felizes, cada uma em casa de seu marido. E beijou-as. Elas, porém, choraram em alta voz

10 e lhe disseram: Não! Iremos contigo ao teu povo.

Noemi testifica que foram boas esposas e, imaginando que teriam uma vida melhor ali, sugere que fiquem em Moabe e busquem novo marido. Elas insistem, chorando, que irão com Noemi para junto do povo dela. Somos sua família agora. Escolher seguir ao Deus de Israel é arriscado, mas é o caminho da vida. Noemi poderia ter sido egoísta

e pedido que fossem com ela. O caminho seria mais fácil. Mas não é isso que ela faz:

11 Porém Noemi disse: Voltai, minhas filhas! Por que iríeis comigo? Tenho eu ainda no ventre filhos, para que vos sejam por maridos?

12 Tornai, filhas minhas! Ide-vos embora, porque sou velha demais para ter marido. Ainda quando eu dissesse: tenho esperança ou ainda que esta noite tivesse marido e houvesse filhos,

13 esperá-los-íeis até que viessem a ser grandes? Abster-vos-íeis de tomardes marido? Não, filhas minhas! Porque, por vossa causa, a mim me amarga o ter o SENHOR descarregado contra mim a sua mão.

Pelo jeito, o que move Noemi, ao menos externamente, é a sensação de que ir para Belém não é bom para elas. Se ela está de fato sendo sincera, temos uma atitude boa e admirável em Noemi. De certa forma, isso implica em dificultar

sua própria situação; há duas mulheres mais jovens dispostas a ajudá-la e ela está abrindo mão de tal apoio.

Noemi reconhece que elas têm usado de benevolência para com ela. Essa palavra traduzida como “benevolência” (v. 8) é o termo hebraico *hesed*. Trata-se de uma palavra bastante utilizada no Antigo Testamento, embora apareça em português com grande variedade de traduções. *Hesed* aparece com frequência para referir-se à fidelidade pactual do Senhor para com seu povo.

Paul Miller explica algo sobre a riqueza do termo:

Algumas vezes *hesed* é traduzida como “amor constante”. Ele combina compromisso com sacrifício. *Hesed* é amor unidirecional. Amor sem estratégia de fuga. Quando ama com amor *hesed*, você se prende ao objeto de seu amor, não importa como ele responda... Se tem uma discussão com seu cônjuge, em que você é ofendido ou não foi ouvido, você se recusa a retaliar por meio do silêncio ou pela retenção de seu afeto. Sua resposta à

outra pessoa é inteiramente independente de como aquela pessoa o tratou. *Hesed* é um amor obstinado.³⁴

Esse amor é ligado às obrigações pactuais. Peter Leithart, examinando o amor pactual de Davi para com Jonathas no episódio da adoção de Mefibosete (2 Sm 9), diz que “*hesed* significa fidelidade a obrigações pactuais que é expressa em atos de generosidade e bondade”.³⁵ Essa história ilustra muito bem a maravilhosa verdade de que pessoas nascidas fora da casa do ungido do Senhor podem, pelo amor pactual, ser inseridas na família. Voltaremos a Mefibosete em outro capítulo.

Noemi reconhece o *hesed* de Rute e Orfa para com ela e pede que Deus recompense tal amor. Será que se trata meramente de um amor agradecido e altruísta da parte de Noemi? Lembrese, normalmente agimos com intenções mistas e cheias de nuance. Não se deve negar que exista

gratidão real, mas será que havia algo mais sinistro por detrás das palavras de Noemi? Talvez eu esteja ficando demasiadamente cínico.³⁶ Entretanto, talvez Noemi pensasse que se livrar delas fosse necessário para ser recebida de volta; afinal, elas eram um símbolo vivo do que a rebelião de sua família tinha causado. Como levar consigo duas noras sem marido? Ian Duguid sugere que seriam sempre um amargo lembrete de que haviam feito bobagem, de que seus filhos haviam casado fora do pacto: “A simples presença dessas mulheres moabitas constantemente lembraria a Noemi, e a todos ao redor, do pecado dela em ter abandonado a Terra Prometida e ter casado seus filhos fora do povo da aliança”.³⁷ De certa maneira, seria mais confortável não ter as duas com ela. Mais fácil abortar essa relação e fingir que ela nunca existiu. Ninguém em Belém sequer precisaria saber a respeito.

Noemi insiste para que permaneçam em Moabe, com a expectativa de que o Senhor lhes dará felicidade (v. 9). Conquanto a Bíblia nos ensine que sim, Deus dá alegria a descrentes (At 14.17), Noemi parece um tanto confusa sobre a natureza da bênção do Senhor. Não há bênção duradoura fora do povo de Deus. É em Deus que temos vida, nele nos movemos e existimos. Mais adiante (v. 15) Noemi fala em Orfa voltando aos deuses moabitas. Noemi está ainda confusa sobre o que é vida em abundância. E aí talvez ainda esteja a razão de nossa resistência em nos prendermos a Cristo e seguirmos o caminho estreito. Achamos que a vida real é vivida longe dele, fazendo o que queremos em Moabe. Achamos que santidade é uma vida inferior; a imitação de Cristo, no entanto, é como nos tornamos cada vez mais o que fomos feitos para ser e assim encontramos mais e mais satisfação.

Noemi traz essa imagem meio absurda para tentar convencê-las: “Tenho eu outros filhos? Estou

esperando bebê? E se eu tivesse marido? Vocês iriam esperar eu engravidar, ter filhos e eles crescerem? Voltem para sua terra... vão ser felizes”. A proposta é simples: por que escolher um caminho de dor e provável sofrimento ao invés de um caminho mais fácil de felicidade? Casem-se com um bom homem moabita e vai ficar tudo bem. Orfa e Rute se veem diante de uma decisão emotiva, difícil e com consequências profundas.

Passamos por esses dilemas, não? Por que escolher um caminho em que você diminuirá sua liberdade, se amarrará e por certo custará algo de sua felicidade? Quando nos prendemos a alguém, estamos fazendo isso. E é importante entender isso. Quando pactuamos com alguém, estamos limitando nossas escolhas. Quando nos casamos, por exemplo, estamos fechando a porta para todas as outras inúmeras possibilidades. Mas isso não é ruim. Há grandeza e vida mais abundante na limitação do que na suposta liberdade. Algo similar

se dá quando alguém, como Rute, decide se juntar ao povo de Deus. Está renunciando aos ídolos. Está abandonando o caminho largo para seguir por um caminho estreito.

Quando escolhemos gratificação imediata ao invés de um caminho de fidelidade ao Senhor, estamos dizendo que nossa liberdade e felicidade são mais importantes do que nosso Deus. Estamos seguindo a velha sugestão da serpente, a de que Deus não tem em vista nossos interesses. A ironia é que a verdadeira vida em abundância está no prender-se a Cristo, não na suposta liberdade fora dele como um filho pródigo.

Implicitamente, talvez Noemi estivesse tentando dar a entender algo duro demais para se dizer às claras. Talvez ela não quisesse dizer, mas pensasse que a única esperança para elas se casarem seria se ela mesmo tivesse mais filhos. Os homens de Israel não cometeriam o mesmo erro que seus filhos. Sua chance de ter um marido protetor era em Moabe.

Como sugeriu Ian Duguid, elas seriam tão bem-vindas em Israel quanto um sanduíche de presunto num bar Mitzvá.³⁸ Com bacon. Mas por que isso?

É importante lembrar a origem dos moabitas, pois essa história traz consigo lembranças de tudo que é ruim na história de Israel. Sua propensão a fazer o mal, sua facilidade em aprontar, seu rápido esquecimento do caminho do Senhor. A origem dos moabitas é a de gente que toma a vida nas próprias mãos, como Elimeleque fizera. Está registrada em Gênesis 19. É um evento escabroso que ocorre depois de Ló sair com sua família de Sodoma, depois de a mulher de Ló virar uma estátua de sal e se dar mal.

Morando ele com as filhas numa caverna, elas decidem aprontar. Nosso pai está velho e não há homem aqui para casar conosco. Vai ele mesmo. A filha mais velha de Ló o embebedou, dormiu com ele, engravidou e deu a seu filho o nome de Moabe. Dele surgiu o povo moabita. Mulheres de Moabe

não seriam lá vistas como muito confiáveis, *a priori*. E talvez isso preocupe Noemi. Uma coisa é ter moabita na família morando em Moabe. Outra coisa é trazer para Israel. Aliás, somos muitas vezes assim com as pessoas também. Receamos levar para a igreja aqueles que pensamos que irão nos envergonhar. Será que temos mantido Rute longe do contato com o povo do Senhor?

14 Então, de novo, choraram em voz alta; Orfa, com um beijo, se despediu de sua sogra, porém Rute se apegou a ela.

15 Disse Noemi: Eis que tua cunhada voltou ao seu povo e aos seus deuses; também tu, volta após a tua cunhada.

Orfa faz a escolha humanamente sensata e prudente. Mas é como um caminho largo conduzindo à perdição. Ela fica com seu povo, vai atrás de um novo marido e desaparece das páginas da história da redenção. Uma vida aparentemente

sensata pode ser o caminho da perdição. Ela vai atrás do humanamente certo e seguro, seguindo a mesma lógica de Elimeleque e Noemi no passado. Mas essa escolha custou para ela muitíssimo.

O caminho estreito do amor pactual

Rute, entretanto, escolhe o amor pactual por Noemi e pelo Senhor Deus de Israel. Ela o faz por meio de “uma resposta incandescente que fez trinta séculos trepidarem”:³⁹

16 Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.

17 Onde quer que morreres, morrerá eu e aí serei sepultada; faça-me o SENHOR o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.

18 Vendo, pois, Noemi que de todo estava resolvida a acompanhá-la, deixou de insistir com ela.

Esse voto de Rute é muito usado em cerimônias de casamentos, e não há problemas nisso, mas poucos se lembram de que foi dito por uma nora para a sua sogra. Rute se apegou a Noemi (v. 14). Esse é um termo que envolve a linguagem de fazer uma aliança, usado em Gn 2.24 para se referir a como um homem se une à sua mulher no matrimônio.⁴⁰

Mas é lícito fazer esse tipo de promessa? Votos⁴¹ são parte legítima da vida cristã. Em certas ocasiões solenes, é correto que diante de Deus façamos certas promessas em pacto e sem reserva de coração. Há votos de casamento, votos de ordenação a ofícios eclesiásticos e muitos outros tipos.

A confissão de Fé de Westminster, por exemplo, fala acerca de seriedade dos votos: “Quem vai prestar um juramento deve considerar

refletidamente a gravidade de ato tão solene e nada afirmar de cuja verdade não esteja plenamente persuadido, obrigando-se tão somente por aquilo que é justo e bom e que tem como tal, e por aquilo que pode e está resolvido a cumprir”.⁴² Quando falou contra jurar por isto ou por aquilo, Jesus não estava proibindo que fizéssemos votos, mas instando para que não fossemos levianos ou que ficássemos deixando cláusulas pelas quais poderíamos escapar de nossas obrigações. Jesus quer que, quando falamos “sim”, tenhamos em mente nada mais que o “sim” (Mt 5.33-37).

O voto de Rute foi belíssimo e muito custoso. Ela abandonou seu povo, seus falsos deuses, sua terra. Não foi um simples “vou morar ali uns meses; se não gostar, eu volto”. Rute não está indo por amor a Noemi apenas, é pelo amor do Senhor que a atingiu e se esparramou em direção a Noemi. Com esse voto, Rute se comprometeu a viver e morrer em terra distante. Os moabitas, como tantos outros

povos pagãos, viam seus deuses como de certa forma atrelados à região deles. Rute está efetivamente se colocando fora do alcance de seu velho deus e chamando a Yahweh como testemunha. Ao dizer que deseja ser enterrada na terra de Yahweh, ela está abandonando sua ligação com os deuses moabitas e se apegando ao Deus de Israel.

Junto a isso vêm vários perigos. Ela está deixando uma situação de mais provável segurança financeira. Talvez ainda tivesse seus pais. Talvez pudesse se casar com um moabita. Rute está deixando sua terra sem garantias de receber algo melhor. Ela está jurando que não voltará. “Onde quer que morreres, morreréi eu e aí serei sepultada”. Ela não disse “quando você morrer eu morreréi”. Não se trata de um pacto de suicídio ou algo assim. Ela disse *onde* você morrer eu morreréi. Ela estava explicando que onde Noemi morresse, ali ela morreria também, mesmo que fosse

cinquenta anos depois. Não estou indo por um tempo, como vocês foram a Moabe, meramente tentar a vida. Eu estou indo de vez, eu estou mudando de lado, eu estou renunciando a meu falso deus e seguindo ao Deus verdadeiro. Serei enterrada com seu povo, pois agora seu povo é meu povo, seu Deus é meu Deus.

É o contrário do suposto amor que vemos hoje em dia, em que os sentimentos falam acima do compromisso. Ela abandona Quemoz e se agarra a Yahweh.⁴³ Perceba que este passo não é conveniente ou fácil para Rute. É algo que nasce de um coração que encontrou a beleza e o poder do Deus verdadeiro. Rute tem mais interesse e confiança no Deus de Israel do que Noemi. E, muitas vezes, é assim conosco, com os que cresceram na igreja, os que já nasceram na casa. A ligação com Deus acaba sendo algo demasiadamente normal, perdemos o senso de assombro.

Quanto estamos dispostos a deixar a fim de nos apegarmos ao Deus vivo? Em algumas regiões do mundo, pessoas têm de deixar muito para seguir a Cristo: empregos, família, posições, dinheiro, liberdade e, por vezes, a própria vida. Nós não queremos deixar quase nada. Devemos estar dispostos a deixar tudo o que Cristo nos pedir. Por vezes, deixar Moabe significar fechar muitas portas. Seguir em direção a Cristo é uma escolha que deve ser pesada. É claro, se levarmos a sério o que a Bíblia fala, não será uma escolha difícil. Muitos são chamados a deixar até mesmo familiares para seguir a Jesus, mas vale a pena (Mt 19.29). O caminho é estreito, mas leva à vida eterna.

Há uma tremenda boa notícia aqui que não pode ser esquecida. É possível para os que nasceram fora da casa de Deus virem a Deus. Mesmo quem nasceu fora do povo de Deus pode ser parte do povo de Deus. Qualquer um que quiser pode vir aproveitar a bondade e as ofertas do Senhor. Isso

não é apenas para aqueles que uma vez andaram com ele, mas estão longe, como Noemi; também é para todos os que, como Rute, percebem que é o melhor caminho a seguir e que não há vida fora dele. Mesmo que nunca tenha sido parte do povo de Deus, você é bem-vindo a se juntar a nós. Mesmo no Antigo Testamento o caminho estava aberto. Qualquer estrangeiro poderia se tornar um seguidor do Deus de Israel.⁴⁴

Outro fato importante a notar no voto de Rute é o entendimento de que se identificar com Deus é se identificar com o complicado povo de Deus! Seu povo será meu povo. Juntar-se a Jesus Cristo implica estar com seu povo. Isso inclui gente difícil de lidar!⁴⁵ É muitas vezes uma triste surpresa para novos convertidos, quando se dão conta do quanto pode ser difícil conviver com o povo do Senhor.

Todos nós temos em nossa vida a mesma escolha de Rute e Orfa. Podemos seguir longe de Deus como Orfa. Nisso estaremos longe do Deus

verdadeiro em que há vida. Ou podemos, como Rute, nos arriscarmos por um caminho de dificuldade, no qual há vida. Você deve vir até o Deus de Israel como Rute, sem ter nada para oferecer, apenas confiando que Yahweh é o Deus misericordioso que está pronto a receber pecadores.

Rute fez um estrondoso e belo voto, cheio de amor pactual (*hesed*). Como irá Noemi reagir a palavras tão belas como as de Rute?

O perigo da amargura

18 Vendo, pois, Noemi que de todo estava resolvida a acompanhá-la, deixou de insistir com ela.

19 Então, ambas se foram, até que chegaram a Belém; sucedeu que, ao chegarem ali, toda a cidade se comoveu por causa delas, e as mulheres diziam: Não é esta Noemi?

20 Porém ela lhes dizia: Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso.

21 Ditosa eu parti, porém o SENHOR me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o SENHOR se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido?

22 Assim, voltou Noemi da terra de Moabe, com Rute, sua nora, a moabita; e chegaram a Belém no princípio da sega da cevada.

Rute fez um dos mais belos votos de amor pactual de todos os tempos. Como Noemi reage? Deslumbrada e agradecida? Noemi sequer agradece. Ela vai em direção a Israel com Rute a tiracolo. Ela volta para Deus, mas volta amargurada. Ela está pronta para aceitar sua situação, que parece tão dura. Mas será que é tão ruim assim? Há ao menos uma pitada de esperança em forma de uma mulher moabita que não a larga de jeito nenhum.

Noemi, em sua amargura, sequer reconhece o valor do que a nora fez. O voto de Rute é respondido com terrível silêncio. Como nós fazemos quando, amargurados, perdemos de vista as coisas espantosas que Deus está fazendo ao nosso redor.

O que será que ocupa a mente de Noemi a ponto de sequer reconhecer ou agradecer a maravilha do

que ouviu? Não temos detalhes, mas podemos imaginar não podemos? Talvez algo mais ou menos assim: “Como vou falar com a Maria Ester? O que vou dizer para a Isabel? E quando Jacó, irmão do Elimeleque perguntar, como vou fazer? E explicar nossa pobreza para a Rebequinha?”. A volta depois do pecado pode ser difícil. Mas vale a pena.

O verso 19 mostra grande alvoroço com seu retorno. Logo a cidade toda está falando delas. É mesmo a Noemi? Será? Comoção local que provavelmente se desenrola como uma bola de neve. Cadê o marido, cadê os filhos? Quem é essa mulher com ela? O povo começou a falar. O povo de Deus gosta de falar. E nisso, muitas vezes, age mal. Como você recebe os que estão voltando? Até onde sabemos, ninguém foi até elas, ninguém abraçou, envolveu, recebeu, ofereceu ajuda. Como você recebe os que têm vivido fora da igreja, quando voltam em humildade e mostram arrependimento? Você fala algo como “eu já sabia,

teve o que merecia”? “O Senhor o tratou amargamente?” Ou você recebe como o pai na parábola do filho pródigo, que exulta em que alguém perdido foi achado (Lc 15.11-32)?

Noemi rapidamente diz para que não a chamem de Noemi, mas que a chamem de Mara. A palavra “mara” significa amarga. Em Êxodo 15, temos um curioso episódio logo após a saída do Egito, em que o povo do Senhor chega a um lugar onde as águas são amargas e o lugar é batizado de Mara. Lá o Senhor Deus agiu e as águas amargas ficaram doces. Será assim também com Noemi?

Chamem-me de Mara. Antes seu nome era Noemi, que significa agradável. Mas ela acha que esse termo não descreve mais sua vida. É fácil permitir que a amargura tome o coração a ponto de nos tornarmos pessoas amargas. É bem fácil. Quando Deus não dá as coisas como queríamos. Quando ele muda nossos planos. Quando parece

que ele está querendo o nosso mal. Cuidado. A amargura, às vezes, vem devagar e corrói a alma.

Veja o problema na atitude de Noemi. Ela insiste que voltou sem nada, embora tivesse saído cheia. “Sou como uma filha pródiga, perdi tudo.” Mas não é não. Noemi não está voltando vazia coisa nenhuma! E essa mulher que jurou viver por você a seu lado? Se você voltou sem nada, então Rute é menos que nada! John Piper diz:

Quando decidimos que Deus está contra nós, geralmente exageramos nossa falta de esperança. Tornamo-nos tão amargos que não enxergamos os raios de luz que surgem de detrás das nuvens.⁴⁶

Noemi diz que voltou vazia, mas isso não é verdade. Ela voltou com Rute, mais sensata, preciosa e fiel do que seu marido e que seus filhos. A amargura nos impede de ver o que o Senhor tem

feito por nós. Autopiedade míope pode nos impedir de ver o que de bom o Senhor nos tem dado. Está tudo ruim em sua vida? Você continua vivo. Você continua ao alcance da graça. Você continua podendo levar seu coração para o lugar adequado diante de Deus.

Pelo menos ela está no lugar certo, perto do povo do Senhor. É para onde os amargos devem ir. Um dos episódios mais interessantes da história de Davi é registrado em 1 Samuel 22. Fugindo de Saul, ele e seus familiares se abrigaram na caverna de Adulão. E o texto nos diz que se juntaram a ele pessoas aflitas, pessoas em aperto e pessoas amarguradas. Tempos depois, essas pessoas em união ao ungido do Senhor se tornaram algo bastante especial, inclusive alguns dos chamados valentes de Davi. Por vezes na vida, estaremos assim mesmo: amargurados, aflitos ou em aperto. Contudo, o melhor lugar para estar é perto de Jesus e de seu povo. Afastar-nos só piora o problema.

Deus nos trabalha em meio às dificuldades da vida. Elas são parte do plano do Senhor. John Newton é bastante famoso pelo hino *Amazing Grace*. Mas ele tem muitas outras excelentes obras. Uma de minhas favoritas é *I asked the Lord* (Pedi ao Senhor). Costumamos cantar em nossa igreja a seguinte versão:

Pedi a Deus⁴⁷

1. Pedi a Deus e Senhor meu

Crescer na fé, em graça e amor
E saber mais do que me deu

2. Foi ele quem me fez orar

E ele, sei, quem respondeu
Mas foi assim meu caminhar
Que o desespero me tolheu.

3. E eu esperando em seu favor

Que eu já pudesse descansar
Que o seu poder e eterno amor
Vencesse o mal e o meu pecar.

4. Mas ao invés me fez sofrer
Às sombras do meu próprio mal
E ao inimigo deu fazer
Da minha alma o seu quintal

5. E mais, com sua santa mão
Pudesse a dor'inda agravar
Rompeu com meus desígnios vãos
E fez-me pobre a suplicar.

6. “Senhor, por quê?”, chorei aos céus
Que este verme à morte dás
“Assim respondo aos filhos meus,
Que oram por graça, fé e paz

7. Emprego em provas e aflições
O libertar-te e dar um fim
Às tuas mundanas ilusões,

Para encontrar-te todo em mim.”

Noemi ainda não entende que tudo pelo que está passando é parte de um plano do Senhor para fazê-la se alegrar nele sobre todas as coisas. Noemi está Mara, mas o Senhor poder transformá-la em Noemi novamente.

Noemi tem uma teologia correta, mas incompleta. Uma teologia de soberania sem amor. Noemi sabe que é Deus quem a está afligindo (v. 21). Ela está correta em entender a soberania do Todo-Poderoso. Ela não deveria, entretanto, deixar de notar como no meio de toda essa aflição o Senhor está abrindo caminho para seu retorno e crescimento. Que foram o amor e a bondade pactual (*hesed*) de Deus que pesaram a mão para que ela voltasse e fosse restaurada. “Deus me afligiu.” Ela está correta, mas falta-lhe o aspecto de ver o amor. Piper explica:

Eu prefiro tomar a teologia de Noemi às visões sentimentais sobre Deus que permeiam tantas igrejas hoje em dia. Dão-se desculpas sem fim para a soberania de Deus. Noemi não se abala e tem certeza de três coisas: Deus existe, Deus é soberano e Deus a afligiu.⁴⁸

Falta entender que tudo isso é para o bem dela.

Tristeza, alegria e arrependimento

Deus sempre nos recebe de volta, como um pai que sempre abre seus braços para acolher os filhos. Voltar envolve nos entristecermos pelo pecado e suas consequências, mas também nos alegrarmos no que encontramos em Deus. Arrependimento bíblico envolve as duas coisas: voltar-se do pecado em tristeza e seguir em direção a Cristo em alegria, pois ele providenciou perdão.

Estamos falando do que comumente se chama conversão. Trata-se de uma das partes da obra divina de salvação. É algo que Deus nos leva a fazer

e que envolve dois elementos conscientes: arrependimento e fé. Conversão tem a ver com mudança de caminho, mudança de direção. O capítulo nos dá diversas pistas acerca de mudança de direção ser um tema central – a palavra hebraica para “voltar” é usada em diversos momentos, embora em português a tradução mude um pouco, ora aparecendo como o verbo voltar, ora com a ideia de tornar-se. O ponto é claro. O capítulo nos mostra que retornar é preciso, ainda que o coração não esteja ainda completamente ajustado.

Arrependimento é o lado negativo da conversão; envolve tristeza pelo pecado, por seus resultados, por sua forma; compreensão do perigo e da sujeira que é ficar longe de Deus. Envolve confissão de pecados diante de Deus. Fé é o lado positivo, em que, saindo do caminho ruim, abraçamos alegremente o novo caminho que é Cristo.

Davi escreveu dois salmos (32 e 51) lidando com os efeitos de seu pecado com Bate-Seba, na triste

ocasião em que ele roubou a mulher de outro homem. No Salmo 32, ele descreve a experiência de estar debaixo da mão pesada do Senhor. Sua força se esvaiu, sua alegria sumiu, ele estava sob o peso da convicção de pecado. Em tal tristeza, Davi teve sua força consumida, com Deus pesando a mão sobre ele. Esse peso, entretanto, era apenas parte do processo. Davi descreve no Salmo a alegria que vem de saber-se perdoado e restaurado.

Há momentos em que sabemos que precisamos parar de andar longe e voltar. Épocas em que sabemos muito bem o estrago que estamos causando, mas temos a esperança de que, de alguma forma, escaparemos. Na verdade, é uma ferida infectada acumulando pus. Noemi já entendeu a necessidade de voltar, mas ainda não chegou à alegria da restauração; ela voltou fisicamente, mas ainda não entendeu a novidade de vida. O Salmo 32 termina com excelente alegria. A mão pesada de Deus serve também para deixarmos

a alegria das coisas criadas e encontrarmos a verdadeira alegria da reconciliação com nosso Deus.

Noemi entende que não deveria ter ido – sente tristeza pelo pecado, mas ainda não encontra a alegria do perdão. Como o filho pródigo. Ela volta do país distante em busca de pão, que sabe haver na casa de seu pai, mas acha que terá de viver em amargura e servidão. Ela não tem ideia de que será recebida pelo Senhor com grande amor.

Mas e Rute?

Rute está amando sua sogra e o Deus dela, agora seu Deus também. Mesmo sem ser reconhecida. Isso não é seguro para o coração, mas é o certo. Em os *Quatro Amores*, C. S. Lewis diz:

Amar é sempre ser vulnerável. Ame qualquer coisa e certamente seu coração vai doer e talvez se partir. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto, você não deve entregá-lo a ninguém, nem

mesmo a um animal. Envolve-o cuidadosamente em seus *hobbies* e pequenos luxos, evite qualquer envolvimento, guarde-o na segurança do esquite de seu egoísmo. Mas nesse esquite – seguro, sem movimento, sem ar – ele vai mudar. Ele não vai se partir – vai tornar-se indestrutível, impenetrável, irredimível... O único lugar além do céu onde se pode estar perfeitamente a salvo de todos os riscos e perturbações do amor é o inferno.⁴⁹

Rute está oferecendo a vida por Noemi e mal é notada. Esse tipo de situação costuma ser desanimador. Mas precisamos focar nas realidades que não vemos. Paul Miller coloca de forma linda:

Mas essa solidão, esse morrer, ao invés de ser o seu fim, pode demonstrar a beleza de Jesus em você. O momento em que você pensa que tudo saiu errado é exatamente o momento em que a beleza de Deus está brilhando através de você. Glória verdadeira é quase sempre escondida – quando você está aguentando calado sem uma multidão incentivando. Quando velhos soldados se reúnem para refletir sobre suas experiências de tempo de guerra, eles não pensam sobre as cerimônias de entrega de medalhas em que o mundo honra seu valor. Eles pensam na batalha, no

sacrifício, no que passaram – essa é sua glória. Quando você, pela milésima vez, silenciosamente perdoa alguém que nunca irá saber de sua dor, essa é sua glória. Quando você continuamente faz uma tarefa da casa sem ouvir agradecimentos, e até mesmo com críticas, essa é sua glória. Amor escondido despedaça o ego. Entrar em Belém sozinha, uma estrangeira, sem um homem protetor – somente com Yahweh – essa é a glória de Rute.⁵⁰

Rute segue amando e agindo. Mesmo sem nenhum agradecimento, sem reconhecimento. Essa é uma das duras realidades do amor *hesed*: por vezes agimos e nem mesmo somos reconhecidos por nossa ação. Somos capazes do mesmo desdém que sofremos, é claro. Ocorre, por exemplo, quando o amor pactual de Cristo por nós fica em segundo plano e focamos apenas nas nuvens. Temos alguém muito melhor que Rute e que jurou seu amor por nós. Por que nos esquecemos disso?

Restaurando o coração

Quando tinha cerca de 8 anos de idade, eu gostava de jogar futebol na sala de estar de nosso apartamento, como já haviam-me dito para não fazer. Na mesa de jantar havia uma belíssima escultura, uma águia talhada de pedras e linda de ver. Tal águia era um prêmio que meu pai havia recebido por excelência no seu trabalho. Como todos sabem, bolas são atraídas por águias de pedras, e um dia a linda escultura se fraturou de maneira irremediável.

Minha mente infantil e pecadora, rápida como águia e dura como pedra, entrou em ação rapidamente: O que fazer? Dá para esconder? Não. Tem pedaço de águia para todo lado. Dá para culpar o Tércio?⁵¹ Até daria, mas melhor não. A única saída era a confissão. Minha mãe chegou em casa primeiro e contei para ela, aos prantos. Ela me assegurou que meu pai me perdoaria, é claro. Mas não descansei o coração até de fato ele chegar e

escutar de sua boca o perdão e vê-lo ilustrar o perdão por meio de um abraço forte.

Há situações em que nós cruzamos linhas, quebramos regras, fazemos o que é proibido por nosso Pai celestial. E enquanto não retornarmos a ele e restaurarmos o relacionamento por meio do perdão, tampouco teremos paz de espírito, felizmente. Por quanto tempo você tem habitado no pecado contra o Pai celestial? Há quanto tempo você tem vivido com o coração cheio de culpa, vergonha e tristeza pelo que fez de errado? Você pode voltar ainda hoje. Em Isaías 55.1-2, o profeta faz o maravilhoso convite: “Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde, e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”. A oferta do evangelho é essa. Ter acesso à mesa mesmo sem merecer, mesmo sem poder pagar. Noemi voltou à casa de Pão. Nada nos impede de voltar também.

Noemi está amarga, sim. Mas Deus é paciente em nos moldar. Veja como ele está trabalhando em Noemi. É fácil e perigoso sermos simplistas ao analisar a providência de Deus. Poderíamos simplesmente olhar para Noemi e dizer que sua aflição é resultado do pecado, só que há uma imagem maior que não conhecemos. É fácil ser como os amigos de Jó. Claro, Deus está pesando a mão sobre Noemi, na sua disciplina, mas as coisas são mais complexas; em seu plano maravilhoso, Deus usou o descompromisso e a falta de coerência de Noemi e de sua família para atrair para a comunidade do pacto uma estrangeira distante. Noemi deve ter se perguntado: “Por que, por que eu?”. Ora, Noemi, para salvar não somente a você, mas também a Rute. A teia da providência de Deus é mais complexa e mais bonita do que podemos imaginar. Devemos lembrar que não vemos tudo o que Deus está fazendo. Não vemos nem mesmo a maior parte.

O capítulo termina cheio de dúvidas no ar. Rute terá um marido? Improvável. Elas conseguirão comida e sustento? Elas não têm família, não têm emprego, não têm terra, não têm dinheiro.

Mais importante do que o final da história delas é o final da sua, sofrido leitor. Como está seu coração? Você está amargo por causa do que o Senhor tem feito para trazê-lo de volta? Assim como em Israel, há boas novas para os que buscam o Deus verdadeiro. Jesus Cristo tomou o cálice amargo da ira do Pai em favor de seu povo. Ele sim experimentou o que é ser aflito por Deus. Hoje Jesus nos chama para o retorno.

O chamado é para gente que sempre foi do povo de Deus, mas que tem andado distante, como Noemi. O chamado é, também, para os que nunca foram da igreja, mas hoje percebem a necessidade e a beleza do evangelho, como Rute. É hora de sair de Moabe para Israel, dos caminhos distantes para a casa do Pai. Hoje é dia de voltar, de experimentar a

alegria da mão estendida de Cristo que oferece sua cruz e sua tumba vazia. Em Moabe pode haver comida gostosa, mas não há vida perto de Deus. Hoje é o dia de retornar, hoje é o dia de abraçar, de buscar o Senhor. Ele ainda pode ser achado. Não importa se você é como Noemi ou Rute. O importante é que não seja Orfa. Que não deixe de vir. Aqui tem o pão da vida oferecido para você.

O capítulo termina nos dando uma dica do que está por vir: era tempo de colheita. Quem sabe tal colheita não ocorra em mais de um sentido?

31. Opinião enviesada, subjetiva e potencialmente errada.

32. O mais provável é que elas vão para lá *apesar* da axé *music*. Disso o Greenpeace não reclama!

33. Reflita sobre o Salmo 32, e como Davi descreve o Senhor pesando a mão sobre ele a fim de que se arrependesse. Faça isso, lhe fará bem.

34. Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 315-318. Para mais nuances do termo, veja a breve discussão de Chisholm, *A história de Rute*, p. 75 e nota 38.

35. Peter Leithart, *A Son to Me: An Exposition of 1 & 2 Samuel* (Moscow: Canon Press, 2003), p. 209.

36. Talvez meu cinismo tenha brotado de uma década de ministério pastoral. Ou, talvez, tenha vindo de quatro décadas lidando comigo mesmo e minhas motivações mistas.

37. Ian Duguid, *Ester e Rute*, p. 142.

38. Duguid, *Ester e Rute*, p. 144. Se você não entendeu a piada, discretamente abra em Levítico 11.1-8.

39. Cynthia Ozick, *Metaphor and Memory* (NY, Vintage, 1991), p. 252. Citado em Paul Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 508.

40. Ian Duguid, *Ester e Rute*, p. 144.

41. Não me refiro a votos no sentido de promessas feitas a Deus com a tentativa de extorquir dele alguma ação em nosso favor. Refiro-me a promessas pactuais.

42. Confissão de Fé de Westminster XXII.III.

43. Rute invoca o nome de Deus revelado na aliança com Moisés. Não é um Deus genérico. Rute está amando a Noemi como reflexo do amor que teve por Deus Yahweh e Yahweh teve por ela. Não sabemos como ela veio a se apegar ao Senhor. Bem, sabemos que, em algum momento, o Senhor agiu em seu coração, ou ela não creria. Mas o fato é que, por algum caminho, ela teve acesso à verdade das escrituras. Talvez por meio de Malom, ou quem sabe por meio da própria Noemi.

44. Vale ver, por exemplo, em Êxodo 12.48, a maravilhosa provisão para estrangeiros que desejem participar da Páscoa judaica.

45. Existe outro tipo de pessoas?

46. John Piper, *Doce e amarga providência* (São Paulo: Hagnos, 2017), p 26.

47. Versão de Marcelo Martinez Vieira. Marcelo é excepcional músico, intrépido missionário, amoroso pai, filho e marido, e ainda se sai muito bem como primo. Desses homens dos quais o mundo não é digno. Saudades, primão.

48. John Piper, *Doce e amarga providência*, p. 30.

49. C.S. Lewis, *Os quatro amores* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), p. 168.

50. Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 807-813.

51. Tércio de Martins e Garofalo, irmão mais novo do autor. Tércio foi coautor de diversos delitos infantis, e seria bastante plausível que ele estivesse envolvido no evento em questão.

3

SOBERANIA E RESPONSABILIDADE

“ — Você já tinha resistido à minha beleza e quanto aos meus modos – meu comportamento para com você foi, pelo menos, bordejando a descortesia, e nunca falei com você sem querer lhe causar a dor que desejava. Agora, seja sincero; você me admirava pela minha
impertinência?

— Pela vivacidade de sua mente, sim.”

Elizabeth e Darcy, em *Orgulho e preconceito*, Jane Austen

“And all I have to do is think of her.”

Something, The Beatles

“Eu penso na Sarah. O resto é fácil.”

Comissário Jim Gordon, em *O retorno do cavaleiro das trevas*, de Frank Miller.

Soberania e responsabilidade

Geralmente temos dificuldade em lidar com dois aspectos da realidade que a Bíblia ensina claramente: a responsabilidade humana e a soberania de Deus.⁵² São inúmeras as discussões filosóficas em redes sociais, livros, artigos e rodinhas ao final de cultos nas igrejas. A questão com frequência é colocada assim: somos livres e responsáveis ou Deus controla todas as coisas? É claro que a discussão pode ser bastante frutífera, se balizada biblicamente. No entanto, muitas vezes ela fica em abstrações que não refletem como a própria Bíblia tantas vezes lida com o assunto. O capítulo 2 de Rute nos ajuda a tirar o debate da teoria e ver essas questões em ação no tempo e no espaço. Vejamos os primeiros 18 versículos:

1 Tinha Noemi um parente de seu marido, senhor de muitos bens, da família de Elimeleque, o qual se chamava Boaz.

2 Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele que mo favorecer. Ela lhe disse:

Vai, minha filha!

3 Ela se foi, chegou ao campo e apanhava após os segadores; por casualidade entrou na parte que pertencia a Boaz, o qual era da família de Elimeleque.

4 Eis que Boaz veio de Belém e disse aos segadores: O SENHOR seja convosco! Responderam-lhe eles: O SENHOR te abençoe!

5 Depois, perguntou Boaz ao servo encarregado dos segadores: De quem é esta moça?

6 Respondeu-lhe o servo: Esta é a moça moabita que veio com Noemi da terra de Moabe.

7 Disseme ela: Deixa-me rebuscar espigas e ajuntá-las entre as gavelas após os segadores. Assim, ela veio; desde pela manhã até agora está aqui, menos um pouco que esteve na choça.

8 Então, disse Boaz a Rute: Ouve, filha minha, não vás colher em outro campo, nem tampouco passes daqui; porém aqui ficarás com as minhas servas.

9 Estarás atenta ao campo que segarem e irás após elas. Não dei ordem aos servos, que te não toquem? Quando tiveres sede, vai às vasilhas e bebe do que os servos tiraram.

10 Então, ela, inclinando-se, rosto em terra, lhe disse: Como é que me favoreces e fazes caso de mim, sendo eu estrangeira?

11 Respondeu Boaz e lhe disse: Bem me contaram tudo quanto fizeste a tua sogra, depois da morte de teu marido, e como deixaste a teu pai, e a tua mãe, e a terra onde nasceste e vieste para um povo que dantes não conhecias.

12 O SENHOR retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do SENHOR, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio.

13 Disse ela: Tu me favoreces muito, senhor meu, pois me consolaste e falaste ao coração de tua serva, não sendo eu nem ainda como uma das tuas servas.

14 À hora de comer, Boaz lhe disse: Acheга-te para aqui, e come do pão, e molha no vinho o teu bocado. Ela se assentou ao lado dos segadores, e ele lhe deu grãos tostados de cereais; ela comeu e se fartou, e ainda lhe sobejou.

15 Levantando-se ela para rebuscar, Boaz deu ordem aos seus servos, dizendo: Até entre as gavelas deixai-a colher e não a censureis.

16 Tirai também dos molhos algumas espigas, e deixai-as, para que as apanhe, e não a repreendais.

17 Esteve ela apanhando naquele campo até à tarde; debulhou o que apanhara, e foi quase um efa de cevada.

18 Tomou-o e veio à cidade; e viu sua sogra o que havia apanhado; também o que lhe sobejara depois de fartar-se tirou e deu a sua sogra.

Um mero dia de trabalho?

A história do capítulo é relativamente simples. Rute e Noemi estão em Belém e precisam comer.

Rute vai gastar um dia trabalhando. Nada que todos nós já não tenhamos feito, certo? Esse dia de trabalho se passa no campo de um homem bondoso chamado Boaz, que fica impressionado com ela, cuida dela e a favorece. Rute volta feliz e abastecida de comida para casa, e Noemi fica impressionada. Pronto. Um dia como qualquer outro. Todavia, nos detalhes dessa história há muita coisa acontecendo que nos ajuda a pensar sobre como Deus espera que andemos e sobre como ele cuida dos pormenores da vida.

Muitas vezes nos vemos em dilemas ligados a esperar ou agir. O que você faz quando alguém está doente? Ora ao Senhor ou dá remédio?⁵³ E quando precisa de comida? Trabalha ou espera que caia do céu? E quando deseja encontrar uma esposa? Toma banho, apara as arestas de sua personalidade difícil, busca crescer à semelhança de Cristo⁵⁴ e conversar com as pessoas ou entrega nas mãos do Senhor?

A Bíblia ensina tanto a responsabilidade do homem quanto a soberania de Deus em todas as coisas. Embora isso seja claro nas escrituras, nossa prática trai nossa inconsistência: só oramos pedindo que Deus ajude quando a doença é séria, senão confiamos nos remédios e pronto. Qual foi a última vez em que você orou acerca de um resfriado, pedindo a Deus que parasse a coriza e a dorzinha de cabeça? Por outro lado, por vezes queremos certas coisas e não agimos. Muitos desejam buscar uma esposa ou um emprego e tudo o que fazem é orar e não mover uma palha.

O capítulo 2 de Rute nos ajuda a investigar essas coisas por meio de um exemplo específico, o da labuta pela sobrevivência de Rute e Noemi. O capítulo nos mostra de maneira bela que o Senhor está no controle de todas as nossas necessidades e utiliza, inclusive, nosso trabalho para nossa provisão.

Deus espera que trabalhemos para nossa provisão

O texto começa mostrando Rute indo trabalhar. Lembremos algo acerca de como chegamos até aqui, pois, caso não tenha reparado, a situação não está nada fácil. Elimeleque saiu com a família para morar em Moabe, a fim de escapar de uma fome em Belém. Lá, seus filhos se casaram e a vida deu uma volta brutal, quando morreram tanto Elimeleque quanto os filhos. Ficou o trio de viúvas, Noemi, Rute e Orfa.

Noemi ouviu dizer que o Senhor havia visitado seu povo e decidiu retornar. Depois de uma conversa difícil, Orfa ficou na terra de Moabe, e Rute fez um juramento épico e foi junto com Noemi, que estava muito, muito amarga. O capítulo 2 começa com uma informação nova e aparentemente meio solta: há um parente do finado Elimeleque; ele se chama Boaz e tem muitos bens. Ok. Guardemos essa informação.

A vida segue. A comida não vai aparecer sozinha na mesa. Elas estão na terra prometida, mas a despensa está vazia. Deus espera que lutemos pelo pão nosso de cada dia. Esse é o princípio geral da vida ordinária (2 Ts 3:10-12). Rute levanta cedo para trabalhar num serviço sem glamour: “vou ao campo apanhar espigas”. Por vezes é muito difícil para quem já esteve em boa situação financeira dar o passo duro de fazer um serviço que seja aparentemente mais humilde. Rute experimentou com seu falecido marido um período sob a proteção e provisão de um homem. Agora ela está desamparada, humanamente falando, e ainda se vê como a parte mais habilitada da família que sobrou para trabalhar duro de sol a sol. Não é nada fácil a situação. Mas devemos ser gratos a Deus. Rute tem força em seu corpo para andar debaixo de sol e colher espigas. Ela não vai perder tempo em murmuração, nem vai ficar dependendo da bondade alheia, nem mesmo ficar na

autocomiseração das amargas. Vai fazer o que pode. Por ela e por Noemi.

Mas o que ela foi fazer, exatamente? Esse trabalho de apanhar espigas era árduo. Na colheita havia a seguinte divisão de trabalho: os homens, em geral, faziam o trabalho mais duro de agachar e cortar os feixes, e as mulheres seguiam atrás juntando e atando os feixes. Nisso, um pouco do produto ia ficando pelo caminho. Desse algo que sobrava, os necessitados, os forasteiros e outros podiam apanhar para sua própria provisão (Lv 19.9-10). É isso que Rute vai fazer. Rute vai trabalhar com fé; ela agora confia e segue a Yahweh. Ela vai trabalhar confiando na sua promessa, confiando na sua bondade e na sua graça. Ela fala em ir trabalhar seguindo aquele que a favorecer (v. 2). A ideia é que, ao ir, ela está contando que vai achar graça. Graça humana demonstrada horizontalmente para com o próximo, como reflexo da graça que Deus mostrou por nós.

A atitude de Rute deve nos ensinar algo sobre a humildade e a dignidade que existem em qualquer emprego honesto. Apanhar sobras de espigas é serviço humilde e um tanto inglório, mas não está abaixo dela, não é algo de que ela se ressentia. Muitos corações reclamariam: “Deus, eu deixei tudo pelo Senhor e agora terei de colher espigas? Sobras? Eu abandonei a segurança de minha terra para isso?”. A postura de Rute é muito importante e revela algo precioso sobre quem ela é. Esse contentamento é bom e agradável a Deus. É a tranquilidade de confiar sua vida a Deus ao invés do vitimismo do coração que acha que Deus e o mundo lhe devem tudo. Trabalhar é algo bom e justo. Em nossa cultura brasileira, muitas vezes não valorizamos algumas ocupações honestas e dignas, seja por não pagarem bem ou por não terem *status* social elevado. E, infelizmente, muitos deixam de trabalhar, não pela real falta de vagas de emprego, mas por preconceitos não bíblicos acerca do que é

digno.

Mas o coração de Rute é exemplar. Como John Piper explica:

Rute sabe que é moabita. De um ponto de vista natural, ela está em grande desvantagem; é estrangeira. Não se ressentiu disso, mas aceita o fato. Como não israelita, ela não espera nenhum tratamento especial. Sua resposta à bondade de Boaz é humilde surpresa... É diferente da maioria das pessoas de hoje em dia. Temos um senso de direito. Esperamos bondade e ficamos surpresos e ressentidos se nossos “direitos” não são atendidos. Mas Rute expressa um sentimento de que é indigna, caindo o rosto em terra. Pessoas orgulhosas não se maravilham quando são bem tratadas. Não são profundamente gratas. Mas as humildes, sim.⁵⁵

Trabalho envolve humildade, muitas e muitas vezes. Aliás, é bom lembrar: trabalho não é resultado da queda! É, sim, algo bom e dado por Deus. Adão recebeu incumbências mesmo antes do

pecado (Gn 2.15, 19). Agora, depois de nossos pais terem aprontado lá no jardim, o trabalho é mais sofrido (Gn 3.17), mas continua sendo fonte de alegria e honra diante do Senhor. No entanto, muitos ainda se ressentem de precisar labutar. Paul Miller sugere que imaginemos uma Rute com a atitude tão comum que vemos hoje em dia:

Ela vai ao campo fervendo por Noemi a ter ignorado antes e não estar ajudando hoje, e irritada com Deus por tê-la colocado numa situação em que se vê sozinha e vulnerável. Então, quando Boaz oferece ajuda, ela agradece, mas de má vontade, uma vez que ele não entende quão dura é a vida dela e o que ela teve de abandonar. Como poderiam essas pequenas dádivas compensar o que ela perdeu? Sua fervilhante amargura e seu senso de justiça ferido drenam a alegria da vida.⁵⁶

Felizmente, ela não é assim. Rute permanece firme e fiel no pouco que o Senhor coloca em suas mãos a fazer. Ela trabalha o dia todo e segue

trabalhando depois de achar alguém que a favorece. Ela entende que ter alguém ajudando não é razão para fazer corpo mole. Precisamos entender bem o seguinte princípio: não é falta de fé buscar meios e trabalhar. Pelo contrário, esta é a real expressão da fé: seguir o que o Senhor falou acerca de procurar e se esforçar em seu trabalho. Tiago insistiu que a fé sem obras é morta (Tg 2.14 ss). A fé em que Deus irá sustentar se mostra uma fé verdadeira quando vamos atrás dos meios para receber tal sustento.

Este é um princípio útil para todos nós: o Senhor espera que trabalhemos duro seja no que for que ele nos colocou à mão para fazer. Pode ser no seu emprego. Pode ser uma situação de trabalho e estudo. Se você está em busca de emprego, leve essa obrigação com a mesma seriedade que levaria o próprio emprego e seja diligente na busca. Se seu trabalho é cuidar do lar, não há nada de desonrado nisso. Mas é preciso fazer com afinco. A acomodação de esperar que alguém resolva por

você não é bíblica. Vale notar, inclusive, que a expectativa do fruto do trabalho nos move e nos anima. Rute, quando volta para casa, apresenta o fruto de seu trabalho com alegria. Esse maravilhoso princípio operou também em nosso Jesus. Em Isaías 53.11, a Bíblia diz: “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito”. É encantador pensar que, quando Jesus olha para seu povo, ele pensa “valeu a pena”. Um tanto assombroso, além de encantador.

Não é somente nos aspectos pessoais de nossas vidas que Deus espera que trabalhemos com afinco. O povo de Deus precisa entender e se aplicar nessa verdade conjuntamente, como um corpo do qual cada membro entende ser parte necessária. Igreja se faz com muito trabalho, com esforço de todas as partes. Somos um corpo e devemos entender que Deus espera que cada membro faça sua parte, que assuma a responsabilidade que temos por

evangelismo, por santificação, por pureza doutrinária e por um culto sadio.

A responsabilidade da generosidade

Outro princípio importante sobre responsabilidade humana que aprendemos ao ver o livro de Rute é o da generosidade. O de sermos desprendidos com o que recebemos da mão do Senhor. Quando Paulo aponta para a mudança de vida de alguém acostumado a roubar, ele diz que a alternativa ao roubo não é somente o trabalho, mas o trabalho que produz excedente a fim de poder ajudar aos demais (Ef 4.28).

Generosidade aparece em vários momentos no capítulo 2 de Rute. Para começar, vemos isso com nossa protagonista. Rute foi generosa para com Noemi, indo trabalhar em favor das duas. Ela não tem muito que oferecer, apenas sua capacidade física e vigor, mas ela vai se gastar em prol das duas. Note que Rute guardou alimento para Noemi

(v. 14, 18). Sobejou, e Rute não teve a atitude mesquinha de dizer “vá lá e colha você também, Noemi”. Noemi está sendo quase um peso morto, travada na sua autocomiseração. Focando em ser triste. Rute, no entanto, vai cuidar dela assim mesmo. Nenhum de nós tem tão pouco que não possa compartilhar. Seja em termos de dinheiro, de tempo ou de dons e talentos. Generosidade é algo a ser exercitado. Isso é verdade no que diz respeito a Rute, que tem pouco, bem como a respeito de Boaz, que tem muito. Mais adiante voltaremos a Boaz.

Outro princípio importante em nossa responsabilidade na vida é a busca da proximidade com Deus e, por consequência, com seu povo. Isso está diretamente ligado à generosidade no uso do que Deus coloca em nossas mãos. No contexto do corpo, nós partilhamos das dádivas que recebemos de Deus, abençoando e sendo abençoados uns pelos outros.

A vida no contexto do povo de Deus é essencial para nosso bem-estar. E temos responsabilidade nisso. Deus nos atrai até ele, mas ele nos ensina que devemos intencionalmente buscar nos achegarmos. Boaz elogia Rute (v. 12) precisamente por ter ido buscar sua proteção debaixo do cuidado do Senhor Deus de Israel. E isso ocorre indo morar em Israel, junto ao povo do Senhor. Esse passo, embora custoso, como vimos no capítulo passado, cria para ela vastas possibilidades de usufruir dos benefícios do pacto. Rute deixou muito para trás, mas foi para perto de Deus, e isso manterá seu coração maleável, sensível às bênçãos de Deus, atento às possibilidades de servir. Ali Deus usará pessoas para cuidar dela, assim como ela generosamente cuida de Noemi.

Não que a vida seja fácil meramente por estarmos perto do povo de Deus. Sabemos muito bem que a vida na igreja pode ser espinhosa. Mesmo os trabalhadores do campo de Boaz não são lá muito

receptivos, mas também não dificultam sua vida. Ninguém oferece ajuda, ninguém sabe o nome dela, é uma moabita que apareceu por aí e está trabalhando. Ela segue trabalhando e confiando no Senhor. Não somente agindo, mas atenta ao que Deus está fazendo.

Nisso tudo, Rute é capaz de contar as bênçãos, como vemos no verso 19. Quando Noemi pergunta sobre o dia, facilmente seu relato poderia ser similar aos que eu faço: “Normal, nada demais, cansado, vou tomar banho”. Mas Rute se alegra com o que recebeu. Como seria bom se contássemos as bênçãos com mais frequência. Aliás, é precisamente essa atitude de Rute, seu trabalho, sua esperança, sua gratidão na provisão de Deus, que parece começar a quebrar a amargura de Noemi. Lá está a que fora amarga, no v. 20, dizendo: “bendito seja ele do SENHOR!”. Quando tudo o que escutamos é murmuração, nossos corações tendem a se afinar a essa melodia. Quando

somos expostos a corações gratos e ao que Deus tem feito, nossa amargura pode começar a se adoçar.

Rute está trabalhando, suando, conseguindo progresso em sua situação difícil. A barriga vazia não deixa tempo para se preocupar com as questões filosóficas do livre-arbítrio. Ela trabalha, ela provê. E faz isso confiando no Deus soberano. Mas qual é a lição então? É tudo responsabilidade nossa? Trabalho, generosidade, gratidão? Será que “Deus ajuda quem cedo madruga”? Será que por Rute ter feito o que fez o Senhor lhe foi misericordioso e lhe deu comida e iniciou o contato com Boaz? Na verdade, não. A Bíblia ensina a responsabilidade humana, mas ensina também a mão soberana de Deus guiando a história e tudo o que acontece. Ele nos chama para o trabalho, mas ele é quem dá as condições, o fruto e a força para agir. É vital para nosso trabalho e vida entendermos que temos responsabilidade, mas que estamos debaixo da

soberania amorosa de Deus. Abrir a cortina e ver o que está por detrás do espetáculo. Façamos isso.

A soberania cuidadosa de Deus em nos suster

Veja comigo que coisa curiosa. Rute vai trabalhar no campo de um homem chamado Boaz, e trabalha duro. Ela impressiona. Quando chega o dono do campo, Boaz, ele pergunta (talvez com olhinhos judaicos brilhando): “quem é essa?”. “É a moça moabita que veio com Noemi e pediu para colher espigas. E, olha, ela está trabalhando firme! Fez uma pequena pausa para descansar... mas segue firme”.

Vale nos atentarmos a algumas formas em que a soberania de Deus se mostra tanto preparando como guiando a situação. Enquanto Rute está suando, pensando, dobrando os joelhos e enrijecendo as costas, há coisas acontecendo que ela nem imagina.

Para começar, ela está tranquila trabalhando e nem sabe onde. É meramente o campo que ela encontrou. Mas não é um campo qualquer, é o de Boaz. O verso 3 nos mostra algo interessante. O bom campo não é obra do acaso (algumas traduções dão esta ideia). A forma que o autor escreve indica certa ironia, como quem diz “e ela foi indo e olha só onde foi parar”. O ponto é que o Senhor a dirigiu até aquele campo que ela nunca imaginara ser de um possível parente resgatador (mais sobre isso adiante, fique sintonizado). E veja como o campo lhe é propício. Para começar, é mesmo um bom campo onde de fato havia grãos e espigas para ela catar. Um campo onde as pessoas levam a sério a provisão da lei (Lev 19.9-10) sobre deixar as espigas para quem precisa. Muitas vezes essas leis não eram obedecidas.⁵⁷ E essa lei era baseada em algo muito importante. Vejamos a prescrição legal em Levítico 19.9-10:

9 Quando também segares a messe da tua terra, o canto do teu campo não segará totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua messe.

10 Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

Em última instância, de quem era aquela terra? “Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24.1). Os campos de Boaz são campos do Senhor. Ele é o dono de todo o ouro, toda a prata, todo o trigo, todo o milho, todas as vagas de emprego. Providencialmente Rute vai trabalhar no campo de um homem que entende que tudo o que ele tem veio da mão de Deus. Se a terra é do Senhor, Boaz sabe que deve utilizá-la de forma que agrade a Deus.

Veja como há ainda mais condições favoráveis a Rute. Note os servos de Boaz. Eles falam bem dela,

quando não têm nada a lucrar com isso. Eles não a maltratam por ser uma estrangeira. Não seja ingênuo e considere comigo as possibilidades: vários homens, uma mulher desamparada, e ainda por cima estrangeira. Um campo afastado da cidade... Quão fácil teria sido isso tudo acabar mal? Rute não tem ideia de quanta coisa está sendo preparada pelo Senhor para que ela fique bem. Lembre-se, é o período dos juízes. Cada um fazia o que era reto a seus próprios olhos. Era fácil ir parar num campo pertencente a alguém cruel e abusivo. Leia Juízes 19 para se lembrar do tipo de coisa que podia acontecer com uma mulher naqueles dias. Deus a coloca perto de bons servos, e talvez esse grupo seja seguro precisamente por causa da influência de Boaz.

Ela está humanamente desamparada. Como Paul Miller explica:

Sem um protetor masculino, Rute está sexualmente vulnerável; sem dinheiro, está financeiramente destituída; sem amigos, é solitária; e, fora de seu país, está aberta a preconceitos. Ela não tem protetor, marido, tribo, família ou comida. E está encarando as responsabilidades de um homem. Ela é uma mulher de fibra. Vulnerabilidade é parte do custo de *hesed*. O amor traz risco.⁵⁸

Humanamente desprotegida, mas divinamente amparada.

Rute está se arriscando, não somente se cansando. E o Senhor Deus está operando. A providência do Senhor é bela e misteriosa. Um hino antigo de William Cowper fala que ele deixa pegadas no oceano.⁵⁹ Devemos nos lembrar dessas lições. Coisas casuais à nossa vista na verdade são planejadas pelo Todo-Poderoso. Não há acaso. Este simples fato deve nos confortar o coração. Deus sabe a situação de sua família, seu pecado que ninguém mais sabe, o sofrimento escondido que só você conhece. Ele está agindo.

A soberania de Deus em prover Boaz

Às vezes, a melhor demonstração do cuidado soberano do Senhor se dá por intermédio de pessoas-chave que ele coloca em nossas vidas. Na minha própria vida tenho diversos mentores que apareceram inesperadamente para me direcionar e podar. Veja as condições favoráveis que Deus está provendo para Rute na pessoa do dono do campo, Boaz. Havia muitos donos de terra em Israel, mesmo na região de Belém. Ela, contudo, chega na terra dele. Boaz é um homem de posses, mas não um avaro, um mesquinho. É um homem que tem dinheiro, mas que serve somente a um Senhor. Um homem generoso. Ele tem diversos empregados e os trata bem e dignamente, como um bom cristão faria (veja v. 4 e 5). Ele invoca as bênçãos do Senhor sobre os seus.⁶⁰ Como bem nota Ian Duguid,⁶¹ na Bíblia, muitas vezes as primeiras palavras de alguém nos dizem algo significativo sobre ela. E as primeiras que saem da boca de Boaz

em nossa história são bênçãos proferidas para seus empregados. Além disso, note o respeito que os funcionários parecem ter por ele. Trata-se de um homem que leva a sério a lei do Senhor. Para Boaz, as leis de Levítico 19 não eram um mero mandamento arcaico, mas algo vívido que instrui acerca de como o Senhor dele espera que ele viva.

Rute atrai a atenção dele. Boaz puxa conversa e fala sobre a proteção que ele está disposto a oferecer-lhe, bem como indica ter ficado impressionado com sua história, notando que, nesse momento, Rute já era bem conhecida da cidade (v. 8-12). Veja que interessante: não se trata de um falso papo piedoso para tentar conquistar a moça. Homens às vezes fazem isso; fingem interesse nas coisas do Senhor para se aproximar de mulheres da igreja.⁶² O que chamou a atenção de Boaz, contudo, foi justamente sua linda história de fé: como ela deixou o caminho de Moabe e veio com Noemi servir ao Deus de Israel.

Pessoas piedosas se impressionam com piedade. Aliás, vale a pergunta aos leitores solteiros: o que os impressiona em alguém a ponto de fazê-los parar para olhar? Em que ponto a piedade entra na sua lista de elementos atrativos? E, para os leitores casados, vale refletir: o que buscam fomentar e desenvolver em seu cônjuge? É a piedade e seus frutos? Ou sua preocupação primária é que o cônjuge fique cada vez mais com um corpo bonito e boa saúde financeira? Aos leitores solteiros que desejam se casar, minha principal sugestão é buscar tornar-se cada vez mais um homem ou mulher biblicamente adequado, e isso naturalmente tenderá a atrair as pessoas certas. Ao focar no que queremos em alguém mais do que em ser a pessoa adequada, agimos com uma mentalidade contrária à de servos que devemos buscar ser.

Boaz está disposto a permitir que ela leve mais do que ele era obrigado por lei a dar. Chisholm explica:

Ele disse aos seus trabalhadores para deixarem Rute colher grãos entre os feixes, o que era mais vantajoso do que andar logo atrás dos trabalhadores (cf. v. 8-9), porque permitia a ela que colhesse os grãos antes que as pilhas fossem amarradas em feixes.⁶³

Ele ordena aos servos para que a deixem rebuscar mesmo onde não seria normalmente permitido, deixando-a colher livremente sem censura. E mais ainda, deveriam intencionalmente pegar algumas espigas dos molhos e deixar de propósito para ela, sem repreendê-la (v. 15 e 16). Boaz não quer meramente cumprir a lei. Ele quer ir além das exigências. Mas ele vai fazer isso de um jeito que não a envergonhe nem cause ressentimento nas outras mulheres. Assim, ele instruiu seus empregados para que a deixassem colher e largassem um pouco mais para ela pegar. Aliás, eis uma boa marca de piedade. Fazemos a lei

resmungando ou nos alegramos tanto no espírito da lei que estamos dispostos a fazer até mais do que ela exige?⁶⁴

Mais uma demonstração desse cuidado especial é que Boaz leva Rute para comer junto com ele (v. 14). “Vem, pode molhar sua comida no meu vinho. Temos grãos tostados de cereais. Coma, coma, coma.” E ela encheu a pancinha moabita. Lembrese da importância social das refeições no tempo antigo. Não é meramente como na praça da alimentação do *shopping* em que pedimos licença meio sem jeito para sentar à mesa com estranhos, pois o espaço é limitado e fica só nisso. Na mesa de Boaz há comunhão, comunidade. Esse homem está rompendo barreiras culturais. Ele está se expondo. Está cuidando de alguém que precisa de cuidado. Paul Miller compara essa ação com as promessas de como Jesus cuidará de sua noiva, servindo-a à mesa (Lc 12.37).⁶⁵

Note algo muito importante: Boaz está demonstrando para com Rute o mesmo amor desinteressado e generoso que Rute demonstrou por Noemi. Boaz nota o vulnerável, o estrangeiro, o diferente, o que não se encaixa. Boaz está preocupado com alguém que era de um país detestado, alguém que a vida toda seguira falsos deuses, que falava diferente, provavelmente se vestia diferente, que não conhecia bem seus costumes belemitas.⁶⁶

Boaz se impressiona com o fato de que Rute deixou pai e mãe (v. 24). Esse tipo de ação é o que pensamos ao tratar biblicamente de casamento, mas Rute o fez por uma sogra. De certa forma, Rute se fechou para a possibilidade do casamento. Boaz entende que ela foi buscar proteção debaixo das asas de Deus e agora ele de certa forma a coloca sob sua própria proteção, ao menos ali naquele campo. Eles não estão casados e, pelo que sabemos, ele nem está pensando nisso.⁶⁷ Está protegendo essa mulher

desprotegida, sem querer nada em troca. Rute volta para casa levando uma grande medida de comida, um efa de alimento. Seria algo como um sacão de ração canina, cerca de 13 quilos de comida em um dia de trabalho. Noemi fica chocada com tamanho resultado e pergunta:

19 Então, lhe disse a sogra: Onde colheste hoje? Onde trabalhaste? Bendito seja aquele que te acolheu favoravelmente! E Rute contou a sua sogra onde havia trabalhado e disse: O nome do senhor, em cujo campo trabalhei, é Boaz.

20 Então, Noemi disse a sua nora: Bendito seja ele do SENHOR, que ainda não tem deixado a sua benevolência nem para com os vivos nem para com os mortos. Disse-lhe mais Noemi: Esse homem é nosso parente chegado e um dentre os nossos resgatadores.

21 Continuou Rute, a moabita: Também ainda me disse: Com os meus servos ficarás, até que acabem toda a sega que tenho.

22 Disse Noemi a sua nora, Rute: Bom será, filha minha, que saias com as servas dele, para que, noutra campo, não te molestem.

23 Assim, passou ela à companhia das servas de Boaz, para colher, até que a sega da cevada e do trigo se acabou; e ficou com a sua sogra.

Noemi reconhece que a benevolência (*hesed*, v. 20) do Senhor está em ação. Ela percebe que há mais do que o esforço de Rute, há um Deus soberano agindo.

O texto ainda nos diz que, na providência do SENHOR, Boaz não é apenas um homem com os meios (rico) e disposição (generoso) para ajudar. É um homem apropriado para ir além da mera ajuda pontual. Ele estava numa posição interessantíssima de fazer o bem de um jeito ainda mais significativo a Rute e Noemi. Ele era um parente-resgatador, um *goel*. Lidaremos com isso no próximo capítulo, mas já vale adiantar um pouco o assunto. O *goel* é basicamente um parente que estava em posição de redimi-las resolvendo o problema da pobreza e

solidão de uma vez por todas. E Noemi já fareja que o Senhor está agindo.

Mal conhecemos Boaz neste ponto da história, mas ele já aparece como exemplo de como deveríamos ser: misericordioso, piedoso, manso. Alguém que é reconhecido e amado por seus empregados, alguém pronto a ajudar quem está em necessidade. Boaz o faz lembrar de alguém? Quem é o mais rico? Aquele que é, de fato, dono de céus e terra? Quem é piedoso, verdade seja dita, o único que cumpriu a piedade em sua inteireza e que é a própria revelação da piedade (1 Tm 3.16)? Que não só respeita a lei de Deus, mas de fato é o autor da própria lei? Quem é o homem mais apropriado, manso, bondoso? Nosso Senhor Jesus é aqui vislumbrado em forma de sombra.

Quando falamos que o Antigo Testamento contém sombras de Cristo, estamos simplesmente dizendo que Deus pontilhou o Antigo Testamento de pessoas, eventos, objetos e até festas que serviam

como prévias da pessoa e da obra de Jesus Cristo.⁶⁸ Boaz é alguém que nos chama a atenção. E a principal razão para isso é sua semelhança com o que é ser um homem verdadeiro, o Senhor Jesus Cristo. Veremos ao longo do livro outras formas em que essa similaridade vai aparecer.

Um Deus que planeja cada passo

Consideremos a boa ação de Deus. A providência de Deus nos é suficiente. Jesus insistiu para que observássemos aves e flores (Mt 6.25-34). A ideia é que, ao percebermos o cuidado de Deus para com partes de, relativamente, pequeno valor na criação (vegetais e aves), sejamos levados a considerar como Deus cuida daqueles que são sua própria imagem e semelhança. Deus cuidou de Rute em coisas que ela não imaginava. Ele lhe deu as condições de trabalho, o ânimo para fazê-lo, um campo bom, um homem piedoso e bondoso no seu

caminho que ainda por cima pode vir a ser um resgatador.

No caso de Rute, Deus deu abundantemente. Mas poderia ter mantido as duas em escassez também por mais tempo. Paulo fala em Filipenses 4 sobre aprender a viver contente em qualquer situação. Ele conhecia abundância assim como escassez, e tudo podia passar naquele que o fortalecia.

Em nossos caminhos devemos lembrar que foi o Senhor quem preparou todas as condições para o que temos. Não precisamos escolher entre confiar na soberania e agir. Nosso emprego, nosso estudo, nossas oportunidades, nossos contatos, nossa inteligência, nossos dons e capacidades, tudo isso veio da mão do Senhor. Na cultura dos EUA, há muito a ideia do *self-made man*. Aquela pessoa que se fez sozinha, que começou de baixo, cresceu, lutou, agarrou as oportunidades. Mas não existe isso de fato. O Senhor é que deu entendimento, oportunidades, força, saúde, inteligência.⁶⁹

No caso de Rute, essa soberania se mostra preparando cada passo. A fidelidade pactual (*hesed*) de Deus para com ela e Noemi não falha. Deus foi fiel às promessas que fez em seu pacto. Deus demonstra bondade para Rute e Noemi, sua bondade está ligada à sua promessa. Rute agora é parte da família do pacto; pode contar com esta benevolência tanto quanto qualquer israelita de nascimento. Ela não nasceu na família do pacto, mas juntou-se a tal família. E tem direito às mesmas promessas. Ela não nasceu na casa, mas se tornou parte da casa.

Deus soberanamente cuida de nós. E a expressão máxima do amor *hesed* de Deus, de sua benevolência, se mostra na cruz do calvário. Lá, o Senhor Jesus, em fidelidade ao pacto feito antes da criação do mundo, entrega sua vida por um povo de todas as tribos, línguas e nações. Lá ele provê para seu povo aquilo que nunca seríamos capaz de

atingir, utilizando a própria carne e o próprio sangue.

Deus está provendo para o futuro de Rute e Noemi, tanto material quanto espiritualmente. Rute poderia continuar trabalhando nos campos de Boaz, com segurança, protegida de possíveis perigos. Aquele futuro que antes parecia tão sombrio agora começa a ter raios de luz. Haveria ainda mais luz com o passar do tempo. E nisso Deus está lidando com o coração de Noemi. De rebelde para amargo e triste pelo pecado, ela começa agora a perceber a alegria da provisão do Senhor.

Vale também investigar o cronograma tão belo de como Deus está cuidando desses fatos todos, planejando os eventos do livro com uma relação curiosa e nada incidental com o calendário de festas judaicas.⁷⁰ Duguid explica que Rute e Noemi saíram de Moabe e voltaram para Judá na época da festa da Páscoa; um excelente momento para um

novo Êxodo, não? Era o tempo em que se começava a colher os cereais. Elas passaram ali as sete semanas da festa da colheita, chegando então a hora da festa das primícias, a celebração dos primeiros frutos. E a própria Rute é, por assim dizer, parte das primícias! Deus está trazendo fruto conectado às promessas do pacto com Abraão (Gn 12 e 15).

A colheita da cevada durava cerca de um mês e emendava na do trigo – culminando em Pentecostes. Rute, uma gentia, estava sendo incorporada na comunidade do pacto. O que aconteceria séculos depois também em Pentecostes, segundo o registro de Atos 2? Uma bela ocasião com muitos gentios crendo em Cristo. “A incorporação de Rute ao povo de Deus foi o prenúncio de uma colheita muito maior. Um dia, Deus faria uma colheita entre os gentios quando sua graça se estenderia para a totalidade das nações.”⁷¹

Nós também já recebemos as primícias; temos nova vida em Cristo, temos o Espírito Santo. Temos ainda muitas coisas por tratar e trabalho a fazer, mas já sabemos de quem somos e para onde vamos. Temos a benevolência, *hesed*, a fidelidade amorosa de Deus a seu pacto. Há momentos em que isso é tudo o que temos. E isso basta.

Na sua bondade, Deus nos oferece muito mais que colher as espigas no caminho, ele nos convida para o banquete de sua própria mesa. Quando nos encontramos com o povo do Senhor para cultuar, participamos de um banquete preparado por Deus. Alimentamo-nos de sua palavra, recebemos as bênçãos do culto público e inclusive participamos de uma refeição pactual em que, com pão e vinho, somos alimentados física e espiritualmente na comunhão com Jesus.

O capítulo termina lembrando-nos de que Rute vivia com sua sogra (v. 23). Sim, algumas coisas estão sendo cuidadas. Ainda há algo importante a

ser resolvido em sua vida. Algo que envolverá Boaz, e que será ainda mais fabuloso que meramente alimentar as famintas.

Confiar e agir

Esperar ou fazer? O que fazer quando alguém está doente? Orar ou dar remédio? O que fazer quando precisa de comida? Trabalhar ou esperar em Deus? As duas coisas.

Há uma palavra na língua inglesa que é muito bonita, além de trazer consigo uma ideia muito prazerosa e que remete a uma experiência que nos é comum: *serendipity*. Ela diz respeito a algo bom e inesperado. Benesses com as quais não contávamos e nem sequer imaginávamos. *Serendipity* é, por exemplo, entrar no campo precisamente do homem piedoso e bondoso em posição de salvar a história. Do nosso ponto de vista, seres finitos, é meio que o acaso calhando em nosso favor. *Serendipity* é quando ocorrem coisas que ninguém

podia ter imaginado, a não ser alguém todopoderoso e onisciente.

O capítulo 2 de Rute nos mostra de maneira bela e vívida como a responsabilidade do homem e a providência de Deus se combinam numa teia que nos faz ver a providência dele agindo nessa história. Podemos não entender os detalhes, podemos ficar confusos quanto às estações, mas temos um Deus que cuida de cada detalhe. São inúmeras as passagens das Escrituras que nos ensinam a bela realidade tanto da soberania completa de Deus, como de nossa responsabilidade de criaturas de agir conforme ele nos ordena. Nas nossas próprias lutas, muitas vezes não veremos os bastidores do que ele tem tramado, mas podemos saber que Deus segue agindo.

Há uma frase antiga, dita em tempos diferentes, mas profundamente verdadeira: “creia em Deus e mantenha a pólvora seca”. Soberania divina e responsabilidade humana andam juntas, não são

inimigas. Como Charles Spurgeon diria, não é necessário reconciliar velhos amigos.

Conosco não é diferente do que foi para Rute. Devemos ser diligentes com tudo que o Senhor nos dá a fazer. Entretanto, sem nos esquecermos de que Deus preparou e segue orquestrando várias coisas que aos olhos humanos parecem acaso. A teia da providência é maravilhosa e vai mais longe que podemos imaginar. Ela envolve até mesmo os campos em que, supostamente por acaso, entramos para trabalhar.

Não sabemos o que Deus está fazendo; o que sabemos é que ele nos ama, sua fidelidade ao seu pacto conosco é infalível. Ele nos chama a ser fiéis no que nos é dado fazer nesse tempo que temos. Basicamente: “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

Deus nos chama para participar de sua obra, mas é ele quem faz tudo por nós de maneira

maravilhosa e muitas vezes inesperada. Vida cristã é vida de serviço, muitas vezes sofrido; mas vida de quem sabe que tem um Senhor amoroso cuidando e protegendo. Assim dá para dormir mais tranquilo. Dá para levantar cedo, reforçar o café e ir ganhar o pão. Deus sabe o que nos espera; foi ele que colocou o futuro lá.

52. Não irei me deter aqui em defesas da doutrina da soberania. Qualquer bom manual de Teologia Sistemática lidará com o assunto. Sugiro, é claro, os autores de orientação reformada como Herman Bavinck, Charles Hodge, Louis Berkhof e vários outros. O livro *O ser de Deus e as suas obras: a providência e a sua realização histórica* (São Paulo: Cultura Cristã, 2001), do Dr. Heber Carlos de Campos, é especialmente útil. Vale a pena ainda ver o que ensina A. W. Pink em *Deus é Soberano* (São José dos Campos: Fiel, 2012).

53. Estou dolorosamente atento a esse dilema. Escrevo neste momento deitado na cama com uma baita crise de dor nas costas. Hoje de manhã fui ao Pronto-Socorro, e Deus me ajudou por meio de um médico competente, de uma auxiliar de enfermagem habilidosa, de anti-inflamatórios, analgésicos e relaxante muscular, um terapeuta capaz que, com massagem, ventosas e agulhas, me ajudou. É claro, isso não exclui pedir oração e orar. É apenas reconhecer que Deus não está limitado a meios sobrenaturais.

54. Por favor, não deixe de ler o livro de Voddie Baucham, *O que ele deve ser se quiser casar com minha filha* (Brasília: Monergismo, 2012). Um excelente livro em que o autor lida com os princípios bíblicos acerca de masculinidade.

55. John Piper, *Doce e amarga providência*, p. 53.

56. Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 1392.

57. Talvez Rute estivesse recebendo algo que fosse um pouco além da exigência legal, e necessitasse assim contar com a benevolência dos proprietários. Ver discussão em Chisholm, *A história de Rute*, p.102, nota 44. De qualquer maneira, não muda o fato de que nos tempos dos juízes não seria nada incomum haver pessoas que não levavam a sério a prescrição da lei.

58. Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 1170-1172.

59. *God Moves in a Mysterious Way*. Há uma bela versão em português rodando por aí. Pergunte para os melhores músicos do ramo.

60. Aliás, jovens solteiras, em sua avaliação de possíveis candidatos, fica a seguinte dica: como o seu pretendente trata as pessoas que o servem?

Garçons, atendentes, funcionários... Isso pode trazer valiosas pistas acerca de quem ele realmente é.

61. Ian Duguid, *Ester e Rute*, p. 159.

62. Pastores e líderes, fiquem atentos a tais elementos e botem os lobos para correr. Sem dó.

63. Robert Chisholm, *Rute*, p. 106.

64. Não confunda isso com as nocivas tendências do legalismo, que envolvem o desejo de colocar exigências onde Deus não colocou e assim prender a consciência das pessoas.

65. Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 1453.

66. Como foi importante, ao chegar nos Estados Unidos para estudar, ser recebido por gente disposta a lidar com diferenças culturais e nos amar apesar das estranhezas naturais que vinham do famigerado choque cultural. Agradeço a todos.

67. Ver Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 1290. John Piper sugere, em *Doce e amarga providência* (p. 72 ss), que esta pode ser uma maneira de Boaz discretamente mostrar que haveria interesse de sua parte, caso ela

demonstrasse interesse também. Voltaremos a essa possibilidade no próximo capítulo.

68. Bons livros conservadores de teologia bíblica irão ajudar tremendamente a pensar sobre isso. Em português já temos diversas obras de Geerhardus Vos, Gerard Van Groningen, Greg Beale, Richard Gaffin e Sidney Greidanus e vários outros que apontam para o cristocentrismo do Antigo Testamento. Esse é um assunto com o qual você, amado leitor, faria muito bem em se familiarizar.

69. Recomendo o livro de Malcolm Gladwell chamado *Fora de Série. Outliers – Descubra por que algumas pessoas têm sucesso e outras não* (Rio de Janeiro: Sextante, 2008). Esse livro abre os nossos olhos para quantos fatores fora de nosso controle estão envolvidos no sucesso. Por exemplo, você sabia, intrépido leitor, que o mês de nascimento tem enorme influência em quão bom jogador de hockey um garoto canadense tenderá a ser? E não, não estamos falando de astrologia.

70. Quem me chamou a atenção para isso foi Ian Duguid, em bela discussão no seu livro *Ester e Rute*, a partir da p. 165. Aliás, para uma belíssima análise

crístocêntrica das festas judaicas, procure o livro *Encontrei Jesus numa festa de Israel* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010), de John Sittema.

71. Ian Duguid, *Ester e Rute*, p. 166.

4

DESCANSO E PROTEÇÃO

“Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente eu a admiro e a amo.”

Darcy para Elizabeth, em
Orgulho e Preconceito, de Jane Austen

“Adrian!”

Rocky Balboa, depois de levar uma baita surra e ganhar súbita notoriedade, só querendo saber do abraço de sua amada

“– Eu te amo.

– Eu sei”.

Leia e Han-solo, em *O Império Contra-ataca* (*Star Wars* – Episódio V)

No final do capítulo 2 de Rute, vimos que Noemi já vislumbrava a possibilidade de que Boaz se tornasse mais que um benfeitor da maneira que ele já vinha sendo. Como diz Jane Austen em *Orgulho e Preconceito*: “A imaginação de uma dama é muito lépida; pula da admiração ao amor, e do amor ao matrimônio num instante”. Noemi rapidamente farejou um bom desfecho para a história delas. Ela deseja uma situação de maior segurança para ela e Rute. É isso que ela indica no primeiro verso do capítulo 3:

1 Disse-lhe Noemi, sua sogra: Minha filha, não hei de eu buscar-te um lar, para que sejas feliz?

Descanso e proteção

Descanso e proteção são das coisas que causam nossas ansiedades mais básicas. Todos nós temos temores acerca disso. Mesmo criancinhas sentem, por vezes, a sombra de ficarem desprotegidas, de

não serem cuidadas. Cansaço, bem, isso é algo que todos temos. Descanso e proteção são duas necessidades básicas de todos nós.

Estamos sempre atrás de oportunidades de descansar ou de melhorar a qualidade de nosso descanso. Férias, feriados, recessos. Viagens, dormir até tarde, *spas*, exercícios, colchões melhores, carros mais confortáveis, cirurgia para corrigir desvio de septo, remédios. Precisamos descansar. Isso está em nossa mente e parece que temos cada vez menos oportunidade.

Proteção é outro desses anseios básicos de todos nós. Pessoas buscam maneiras de ter um ano melhor, alguns recorrem até mesmo a coisas falsas e proibidas pela Bíblia. Muitos vivem atrás de técnicas para supostamente atrair coisas boas e mesmo algumas para tentar prever algo sobre o futuro. Búzios, carregar sementes disso ou daquilo na carteira, usar roupa de baixo da cor certa na virada do ano e assim por diante. Queremos

proteção na nossa saúde. Alguns levam mais a sério, outros menos. Volta e meia pensamos em ir para a academia, em comer melhor, em diminuir a fritura.⁷² Queremos proteção financeira, quem sabe passando num concurso público ou começando a levar a sério o projeto de guardar dinheiro.⁷³ Queremos proteção, quem sabe um porte de arma ou, no mínimo, umas boas lições de Krav-Magá.⁷⁴

Rute e Noemi não são diferentes de nós. Elas também precisam de descanso e proteção. E neste capítulo encontraremos o Senhor providencialmente enviando um homem capaz de lhes oferecer tais condições. Ao investigarmos isso, veremos como Jesus Cristo também nos oferece algo bem similar.

Duas mulheres em apuros

Veja como nossas personagens estão precisando dessas coisas. Pense em Rute. Ela é uma mulher, em um tempo em que era muito limitado o que

mulheres podiam fazer em termos de ganho financeiro. Além disso, é viúva, vive sem um homem que cuide dela. Para complicar ainda mais, é estrangeira, com todos os estigmas e incompreensões que sobriariam naturalmente para ela. Sendo moabita então, ainda mais complicado, como já explicamos antes. Não esqueçamos que ela vive em um tempo difícil, no qual nem mesmo em Israel as pessoas eram confiáveis – o famigerado tempo dos juízes.

Rute está precisando de um lar, um abrigo, um refúgio onde se acolher. Literalmente, o que Noemi fala no verso 1 é que ela precisa de *descanso*, o que um bom marido naquele contexto iria lhe prover. Traduções em português usam palavras como lar ou casa. Contudo, literalmente, Noemi diz “Tenho de encontrar *descanso*, ou *lugar de descanso* para você. Na seção anterior, vimos como Rute foi bem protegida e cuidada ao trabalhar nos campos de

Boaz. Parece ser um bom candidato para servir de um abrigo protetor, para ser um oásis.

Pelo visto, Noemi já vislumbra uma boa possibilidade: quem sabe Rute não consiga se casar com Boaz e assim garantir o nosso futuro? Um homem para lhe dar casa (descanso) e proteção.⁷⁵ Rute agora é parte do povo de Deus, e assim o homem piedoso Boaz poderá muito bem casar-se com ela. Tendo se tornado um crente no Deus verdadeiro, agora ela podia ser legalmente viável como esposa. E Noemi tem um plano, valendo-se do momento em que chega o final da época da colheita:

2 Ora, pois, não é Boaz, na companhia de cujas servas estiveste, um dos nossos parentes? Eis que esta noite alimpará a cevada na eira.

3 Banha-te, e unge-te, e põe os teus melhores vestidos, e desce à eira; porém não te dê a conhecer ao homem, até que tenha acabado de comer e beber.

4 Quando ele repousar, notarás o lugar em que se deita; então, chegarás, e lhe descobrirás os pés, e te deitarás; ele te dirá o que deves fazer.

Em Boaz, Noemi pode vir a ter um protetor. Ele pode ser um resgatador para Rute, ao mesmo tempo que garante que as posses deixadas para traz por Elimeleque sejam protegidas. Mas não parece, ao menos aos nossos olhos ocidentais, tratar-se de um plano meio estranho? Talvez até algo um tanto sorrateiro?⁷⁶

Um plano audacioso

Em resumo, parafraseando um pouco, a ideia de Noemi é a seguinte: “Veja, filha, hoje à noite Boaz vai dormir lá mesmo na eira⁷⁷ depois do trabalho no campo, perto do lugar de colheita. Arrume-se bem e vá para lá! Tome um banho, não deixe de se ungir. Mostre que estás pronta para se casar de novo. Hoje você vai arrumar um marido para si.

Chegue perto e deixe que ele dite o rumo da situação”.

Não tem como dizer diferente. A verdade é que Noemi arriscou. Ela viu as possibilidades e talvez tenha tentado forçar um pouco a providência, como nós também fazemos. Ela sabe que o final da colheita chegou. Talvez ela achasse que não haveria outra oportunidade. Talvez a ideia fosse mesmo a de colocar Rute numa situação um tanto dúbia, com vários possíveis caminhos a seguir. Talvez fosse a famigerada “forcinha para Deus”, que tantas vezes achamos que precisamos dar.

Os comentaristas se dividem um pouco acerca dessa estratégia. Paul Miller, por exemplo, olha com bons olhos o plano. Não havia, afinal de contas, um homem para intermediar a negociação matrimonial, como culturalmente seria o esperado. Uma estratégia diferenciada se fazia necessária, e Noemi teria vislumbrado um caminho, ainda que arriscado. Afinal, para essa proposta de casamento,

seria preciso: 1) pegar Boaz sozinho (um homem importante em geral cercado de gente); 2) fazer a sugestão de forma discreta, fora da vista alheia; e 3) fazer tudo isso de forma que a conversa pudesse acabar sem muito constrangimento caso ele não aceitasse. Caso rejeitada, Rute se mandaria no escuro para casa e todos poderiam fingir que isso não aconteceu.⁷⁸ Miller sugere ainda que Noemi estava contando com o caráter de Boaz para não fazer nada inapropriado.

Vejam os melhor a ideia de Noemi, para podermos entender mais sobre a proposta. Como é o plano? Boaz dormiria na eira, fora da cidade, local onde estariam sendo tratados os grãos. Talvez fosse um tanto longe da cidade e fosse necessário ficar por lá para proteger os grãos. A ideia de Noemi é simples. “Vá para lá, descubra os pés dele e veja o que ele diz”. Deite perto dele e descubra os pés. Mas por que descobrir os pés? Qual o significado cultural desta prática estranha? Na verdade, a

explicação mais adequada é que assim ele acabaria acordando com o friozinho nos pés e veria Rute por ali.⁷⁹

Ao lermos isto, devemos imaginar um pouco como um leitor israelita da época ouviria essa história e as conclusões, precipitadas, que possivelmente tiraria. Certamente tal leitor se lembraria de Gênesis 19. Lá se encontra a sórdida história que já mencionamos, em que as filhas de Ló, percebendo que não teriam marido, o embebedaram e se deitaram com ele. De uma das filhas de Ló, nasceu Moabe, dando origem ao povo de Rute. Leitores familiarizados com a história de Moabe provavelmente imaginariam mais uma história de devassidão similar, afinal, é o que parece que vai acontecer. Será que veremos, mais uma vez, Moabe envolvida em usar a escuridão e a bebida para aprontar o que não deve? Não podemos afirmar, mas talvez a própria Noemi tenha imaginado que algo assim aconteceria, e que isso

amarraria de vez Rute a Boaz. O final do plano dela fica dúbio. O que vai sair disso?

Ian Duguid explica a dubiedade:

As instruções que Noemi deu a Rute foram extremamente ambíguas – no original hebraico ainda mais – no sentido de que praticamente cada palavra no versículo 4 se presta a mais de uma interpretação. Será que Noemi ainda via sua nora como “a moabita” e por isso planejava que ela seduzisse Boaz, agindo de acordo com o estereótipo cultural?⁸⁰

E lá se vai Rute para executar o plano. Será que ela estava nervosa? Por certo estava. Afinal, ela estava indo propor casamento! Quase todo homem já passou pelo horror que são os minutos ou horas de agonia sem saber se ligamos ou não para convidar a moça para sair.⁸¹ São poucas as mulheres que passaram por isso, ao menos antes de nosso tempo. Mas Rute passou.

Rute está se arriscando e poderia sentir a terrível vergonha da rejeição. Rute está indo fazer algo seriamente contracultural, por várias razões: por causa da diferença de idade, pela posição social, por ser uma moabita e por ser a mulher fazendo o pedido. O que vai sair disso? A moabita Rute não irá repetir o erro de sua antepassada, graças a Deus.

Um pedido de casamento inusitado

Vejamos como a palavra de Deus descreve os eventos:

5 Respondeu-lhe Rute: Tudo quanto me disseres farei.

6 Então, foi para a eira e fez conforme tudo quanto sua sogra lhe havia ordenado.

7 Havendo, pois, Boaz comido e bebido e estando já de coração um tanto alegre, veio deitar-se ao pé de um monte de cereais; então, chegou ela de mansinho, e lhe descobriu os pés, e se deitou.

8 Sucedeu que, pela meia-noite, assustando-se o homem, sentou-se; e eis que uma mulher estava deitada a seus pés.

9 Disse ele: Quem és tu? Ela respondeu: Sou Rute, tua serva; estende a tua capa sobre a tua serva, porque tu és resgatador.

10 Disse ele: Bendita sejas tu do SENHOR, minha filha; melhor fizeste a tua última benevolência que a primeira, pois não foste após jovens, quer pobres, quer ricos.

11 Agora, pois, minha filha, não tenhas receio; tudo quanto disseste eu te farei, pois toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa.

Rute inicialmente fez como disse para Noemi que faria. Foi até a eira e seguiu o plano. Boaz, conforme o esperado, foi dormir já com o coração alegre. No meio da noite, ele acordou e se deparou com alguém por ali.

A partir desse ponto, entretanto, Rute agiu um pouco diferente do que Noemi sugerira. Uma vez que Boaz acordou e se deu conta de haver alguém ali, Rute imediatamente explicou para Boaz o que queria. Sem rodeios, sem palavras dúbias. Ela não deixou espaço para más interpretações nem para

que Boaz ditasse o rumo da conversa. Ela não queria uma noite de fogo apaixonado sem compromisso real; queria casamento. Ela não queria seguir os caminhos de Moabe, queria seguir os caminhos do Senhor.

Rute pediu que ele estendesse a capa sobre ela.⁸² Estender a ponta da capa sobre a pessoa era símbolo de compromisso para casar. Literalmente, Rute diz “estenda sua asa”. John Piper sugere, por conta disso, algo interessante acerca de Boaz e de como esse interesse mútuo foi demonstrado, ainda que sutilmente. Talvez, antes, quando ele falou sobre Rute buscar abrigo debaixo das asas do Senhor (2.12), ele tenha deixado assim o caminho aberto para que ela considerasse que ele mesmo, Boaz, poderia ser um meio pelo qual o Senhor cuidaria dela.⁸³ Ela, por sua vez, utiliza a mesma linguagem sobre abrigo e asas que ele utilizara antes. Piper vê nisso alguma sugestão da parte de

Boaz, a fim de ele mesmo se mostrar disponível sem se arriscar muito:

não é fácil para um homem mais velho expressar seu amor por uma jovem. Seria duplamente humilhante se ela o recusasse – tanto por ele ser homem quanto por ela ter presumido que uma mulher mais jovem estivesse interessada nele. Boaz o fez com atos de bondade e sutis palavras de admiração.⁸⁴

Aliás, é um bom momento para lidar um pouco com uma questão ligada a casamento. O povo de Deus tolamente coloca barreiras onde Deus não coloca. Uma delas é quanto à diferença de idade entre os cônjuges. Claro que há dificuldades advindas de grande distância de anos, mas não há imposição bíblica de que os cônjuges tenham no máximo cinco ou dez anos de diferença de idade. Boaz fica feliz com a escolha de Rute. Ela não foi atrás de um homem jovem, fosse rico ou pobre. Ela

foi atrás dele, pois é homem crente sério e está na posição bíblica adequada para a situação delas. Perceba, Rute não está pensando somente em si mesma, mas também na situação de Noemi. Sejam cuidadosos. Não coloquemos falta onde o Senhor não coloca.

Seja como for, tenha Boaz sutilmente indicado interesse ou não, o fato é que Rute não deixa dúvidas sobre o que deseja. A opção de Noemi era elaborada, era dúbia, era astuta... deixaria para Boaz a direção da situação. Mas Rute prefere agir com o que entende ser certo, sem negociar. Boaz se alegra, pois vê que Rute é mulher virtuosa.

Boaz reconhece que Rute é um tesouro. Refere-se a ela como uma mulher virtuosa, algo que todos reconhecem. Boaz afirma (v. 11) que ela é falada na cidade, mas muito bem falada. É curioso perceber algo neste momento acerca da personagem e da função do livro de Rute no cânon. Algumas organizações da Bíblia hebraica têm uma ordem

diferente de livros daquela a que estamos acostumados. Numa das organizações, o livro de Provérbios vem logo antes de Rute.⁸⁵ Quase no final de Provérbios temos a seguinte pergunta: “Mulher virtuosa, quem a achará?” (Pv 31.10). Pense nessa pergunta à luz do que acabamos de ver Boaz dizendo. Provérbios termina com uma pergunta que é respondida em Rute. Achamos a mulher virtuosa, celebrada no portão da cidade por quem ela é e pelo que faz.

Rute não é uma mulher de má fama, mas uma mulher que já é conhecida pela boa fama. Só se passaram algumas poucas semanas desde que vieram de Moabe, mas já bastou. Era conhecida na cidade por ser firme, por sua escolha de seguir Yahweh. Ela é conhecida no portão da cidade como mulher séria, piedosa, trabalhadora. Ela ainda não tinha o livro de Provérbios, mas os princípios de Deus acerca de uma mulher virtuosa estão em seu coração. Melhor ter passado a vida toda longe, mas

se tornar virtuosa, do que estar sempre por perto e nunca ser de fato do Senhor. Voltaremos a esse assunto.

Uma multidão em busca de descanso e proteção

Vale notar que o povo de Deus, assim como Noemi e Rute, é como uma mulher precisando de proteção e descanso. Essa temática é comum nas escrituras (Ef 5, por exemplo). Isso é verdade a respeito de Israel no Antigo Testamento, bem como da Igreja, o novo Israel. Somos um povo em busca de descanso, em busca de alguém que nos acolha.

Deus nos dá prévias desse descanso. Encontramos no Dia do Senhor um vislumbre abençoado de tal descanso, mas ainda é apenas uma prévia. Em Hebreus 11.3 lê-se que os peregrinos do Antigo Testamento aguardavam um descanso melhor que aquele que encontravam aqui. Esse anseio se dá por sermos estrangeiros neste mundo. Peregrinos.⁸⁶

Na peregrinação, precisamos de proteção contra o mundo, o diabo e nossa natureza caída. Talvez não precisemos ser protegidos de ataques nos campos de Israel, mas precisamos ser guardados de algo ainda mais temível, a ira santa de Deus por conta de nosso pecado.

Em verdade, nossa situação, por natureza, é bem pior do que a de Rute. Se lemos a história e ficamos facilmente apreensivos quanto a Rute, deveríamos enxergar nossa própria situação natural e quão preocupante ela é. Rute podia trabalhar para suprir suas necessidades; nós não podemos trabalhar para nossa salvação. Quaisquer esforços nossos são inúteis e repulsivos a Deus. Podemos até mesmo nos vestir e nos arrumar, podemos ter boa fama na praça, mas o Senhor nos conhece o coração. Não importa quanto perfume, quanto sabonete, qual gravata, qual vestido utilizemos, não podemos nos maquiar perante Deus. Todos somos, por causa do pecado, naturalmente sujos diante dele. E a

situação é ainda mais séria. Como a Bíblia ensina, nós sequer buscamos redenção (Rm 3.9-20). Por natureza somos filhos da desobediência e nosso coração corre de Deus em rebeldia. Somente quando o próprio Deus nos dá um novo coração é que passamos a ter interesse nele.

Muitas vezes nós não percebemos o quanto é desesperadora a situação natural de todo ser humano. No entanto, a Bíblia é bem clara: sem Deus agindo graciosamente em nosso favor, estamos perdidos. Podemos estar humanamente em situação melhor do que Rute. Mas, na verdade, longe de Cristo, nossa situação é muito mais complicada.

Um homem adequado para dar descanso e proteção

Pensemos em Boaz. Ele esteve trabalhando duro junto com sua equipe por várias semanas. Chega assim o fim do dia. Ainda não acabou o trabalho,

mas já é a fase final. Ele celebra o final da colheita que vem chegando. Vai dormir com o coração alegre de vinho, esperando o dia seguinte chegar. Vai se deitar tranquilo, cansado, feliz. É bom demais, não é? O descanso de quem pegou firme no trabalho ou no estudo. Cabeça no travesseiro e cansaço no corpo de quem sabe que trabalhou duro.

E então acontece. Que isso? O que se passa? Quem está aí? Já aconteceu de você, leitor, acordar assustado no meio da noite? Um barulho, um sonho, alguma coisa? Coração batendo forte, olhos procurando no escuro. Boaz deve ter levado um baita susto. Um vulto a seus pés! Que isso? Um coioote? Tem uma mulher aqui! Quem és tu?

Sou eu, Rute, tua serva. Estende a tua capa... tu és resgatador. Resgatador? O que é isso mesmo? Às vezes, no meio da noite a mente não funciona direito, mas no caso de Boaz, felizmente, funcionou

muito bem. Entendamos o que é essa figura à qual Rute se refere.

O resgatador, também chamado de *goel*, é uma figura muito interessante descrita nas escrituras em Levítico 25.25-34. Se uma família entrasse em dívida ou por qualquer outra razão perdesse seus bens, um parente poderia agir como o *goel*, o resgatador. Ele pagaria as dívidas da família e resgataria suas posses. Poderia inclusive resgatar parentes que houvessem sido vendidos como escravos. Esta lei servia como lembrete de que tudo, no final das contas, pertence a Yahweh. Como explica Paul Miller,⁸⁷ assim como governos fazem com bancos que estão morrendo e os resgatam, um homem poderia fazer com uma mulher da família, em geral casando-se com ela, assumindo as posses e mantendo vivo o nome do falecido caso não houvesse filhos ainda.

Vale notar ainda outra lei antiga das escrituras que pode estar em ação aqui também, embora haja

controvérsia sobre a possibilidade. Trata-se do princípio do levirato (Dt 25.5-10).⁸⁸ Se um homem morresse antes de ter filhos, seu irmão mais novo solteiro deveria se casar com a viúva para preservar a continuidade da semente na família da aliança. Seria uma forma de mostrar bondade para com os mortos e, assim, assegurar que o nome do falecido não fosse extinguido da história. Não se sabe com certeza se o levirato está envolvido aqui ou não.⁸⁹ Como Robert Hubbard lembra bem, o código legal de Israel não buscava exaurir todas as situações possíveis, e talvez seja mesmo infrutífero tentar precisar o quanto de cada aspecto legal estava em vista. O espírito da lei claramente aponta para o grande valor que Deus e Israel atribuíam à sobrevivência das famílias e à propriedade ancestral. Havia uma situação propícia ao levirato (viuvez sem descendente), mas não havia alguém na posição precisamente estabelecida na lei para

suprir o descendente, pois não havia irmãos nem de Elimeleque nem de Malom ou Quiliom.⁹⁰

A ideia de suscitar descendência não era parte das atribuições originais do *goel*, o resgatador. Não é impossível, entretanto, que “talvez a comunidade israelita tenha expandido o papel do *goel* de modo a incluir outras responsabilidades além daquelas esboçadas na literatura legal, como produzir descendência para um parente falecido”.⁹¹

Seja qual for a obrigação legal invocada, neste caso os eventos de Rute 4 deixam claro que haveria na ação do *goel* tanto casamento como resgate da terra. E a ideia de suscitar descendência para o marido falecido vai vir à tona mais adiante.

É importante entender que não era qualquer homem que podia ser o resgatador. Precisaria ser alguém relacionado familiarmente aos resgatados; além disso, tinha de ser alguém em condições financeiras e desejoso de fazer o resgate. Não havia obrigação. E, felizmente, em nossa história temos

um homem apropriado – Boaz. Seu comportamento na eira mostra sua piedade.

Boaz é um homem gracioso e piedoso. Ele enfrenta a tentação que certamente foi real! Estava escuro, não havia ninguém por perto, o coração ia alegre com vinho, e ali estava uma mulher disposta a se casar. Trata-se de um homem com as mesmas inclinações de todos os outros. Ele, entretanto, aproveita rapidamente a situação, não para dar vazão à carne, mas para abençoar Rute, para trazer o Senhor para a situação. Ele conhece a palavra de Deus e percebe a providência do Senhor naquela situação, ao invés de correr para abraçar o pecado que, por certo, batia à sua porta.

Há algo importante a notar sobre a alegria e a disposição dos dois em se casar. Boaz é ainda solteiro, embora já tenha idade um tanto avançada, e se alegra em se casar com Rute, mulher piedosa, mesmo com uma história complicada advinda do paganismo e com as nuances da fama moabita.

Note que não é por um homem estar ainda solteiro em certa idade que exista, necessariamente, algo errado com ele. Isso precisa ficar claro. Há situações em que um homem pode ter preferido aguardar mais um pouco a casar-se de qualquer jeito. Rute vê em Boaz um tesouro. É claro, ela também é um tesouro. E Boaz não é bobo e sabe reconhecer isso. Como ele reage à proposta de casamento?

12 Ora, é muito verdade que eu sou resgatador; mas ainda outro resgatador há mais chegado do que eu.

13 Fica-te aqui esta noite, e será que, pela manhã, se ele te quiser resgatar, bem está, que te resgate; porém, se não lhe apraz resgatar-te, eu o farei, tão certo como vive o SENHOR; deita-te aqui até à manhã.

14 Ficou-se, pois, deitada a seus pés até pela manhã e levantou-se antes que pudessem conhecer um ao outro; porque ele disse: Não se saiba que veio mulher à eira.

15 Disse mais: Dá-me o manto que tens sobre ti e segura-o. Ela o segurou, ele o encheu com seis medidas de cevada e lho pôs às

costas; então, entrou ela na cidade.

Ele rapidamente diz que deseja, sim, se unir a ela. Um homem reconhecido por sua piedade, pronto a se casar com a viúva moabita. Há, infelizmente, uma ideia um tanto comum (e errada) na igreja evangélica acerca do que é a tal “moça para casar”. Devemos ser cuidadosos com essa ideia. Muitos pensam que, para ser uma boa opção, é preciso que uma moça tenha nascido em lar evangélico, tenha levado uma vida ilibada e seja virgem. Mas Deus não exige isso. Deus manda que homem cristão se case com mulher cristã. Não manda que tenha sido alguém com a vida “perfeita” e que tenha sido salva na infância. Conheço ao menos uma Rute que é mulher virtuosa, mesmo tendo passado pagão. E sei de homens tolos que deixaram de se casar com verdadeiras Rutes por não conseguirem lidar com o passado delas. Muitas vezes são os pais que

inculcam esse padrão não bíblico na mente dos filhos. Sejam os atentos. Há verdadeiros tesouros sendo preteridos por conta da tolice de nosso povo acerca dessas coisas.

Penso que isso revela um problema profundo: levamos a sério quando a Bíblia diz que aqueles que estão em Cristo são novas criaturas? Acreditamos mesmo em nova vida? O que importa é que agora, ele ou ela, é parte do povo de Deus. As coisas velhas passaram, eis que tudo se fez novo. Se a pessoa teve um passado pagão em que fazia o que pagãos fazem, isso ficou no passado e foi lavado em Cristo. E vale sempre lembrar aos que não andaram por caminhos escuros: foi apenas a misericórdia de Deus que impediu que isso ocorresse.

Boaz age bem e bíblicamente. Quando queremos direcionamento para a vida, devemos lembrar que Deus usa sua Palavra para nos guiar. Quando a crise aparece, ela tem o poder de mostrar o que está no coração; foi assim com Elimeleque e é assim

com Boaz. O coração cheio da palavra de Deus ajuda tremendamente na hora da tentação. Vale notar ainda a piedade de Boaz em seu desejo de ser o resgatador, mas não a qualquer preço. Ele quer resgatar, mas vai seguir a ordem das coisas. E note mais uma vez a generosidade: ele não estava debaixo da obrigação de fazer, mas, se outro não o fizer, ele se deleitará em fazer. Boaz vai além do que a lei exige, já fora assim com a comida antes!

Ele está disposto, inclusive, a enfrentar o risco social de se casar com uma moabita. Aliás, perceba o cuidado com a reputação dos dois (v.13 e 14). Ele não quer que ninguém saiba que ela esteve na eira. Mas tampouco quer que ela saia dali sem uma manifestação concreta de suas boas intenções. Assim, ele permite que ela fique por ali e que volte para casa levando consigo seis medidas de cevada.⁹² Veja como Boaz cuida de sua reputação. Talvez muitos dissessem que a opinião das pessoas não importaria. Mas Boaz é um homem piedoso, não

faz nada de errado e entende que não deve dar ocasião para que nem sequer pensem que fizeram algo errado.

Boaz precisa se assegurar de que os princípios bíblicos serão respeitados. Ele quer se casar, mas não vai violar a lei do Senhor. Ele não é Elimeleque que atinge seus objetivos a qualquer custo. Há alguém que na linhagem de sucessão tem prioridade no casamento, no resgate em questão. E ele vai tratar disso.

Podemos ver Boaz como um bom alvo de masculinidade bíblica. Um homem que trabalha e que age em prol dos necessitados com generosidade. Um homem que deseja se casar e constituir família, mas não a qualquer custo. Um homem que entende que amor pactual (*hesed*) envolve não explorar a fragilidade da mulher. Que a vida não é seguir aos impulsos em tudo. Que masculinidade envolve honrar o nome da mulher a quem deseja se unir.

Jesus é o maior resgatador

É importante perceber como, no caso de seu povo, Jesus age como resgatador, como *goel*. Ele, na verdade, somente ele, satisfaz todas as condições para ser o resgatador de seu povo. Para começar, o *goel* deveria ser alguém que se identificasse com o resgatado. Para ser nosso *goel*, ele precisava ser um de nós. A dívida que nosso representante Adão adquiriu precisava ser redimida, paga por outro representante que também fosse humano.⁹³ Deus, o Filho, se fez homem para que a dívida fosse satisfeita por um homem, como nós.

Jesus Cristo, o Deus-homem, é plenamente habilitado a resgatar seu povo. Ele viveu uma vida de perfeita obediência à lei de Deus, fazendo o que Adão (e todos nós) foi incapaz de fazer. Ao morrer na cruz, Jesus levou os pecados de seu povo sobre si e transferiu sua justiça aos seus.⁹⁴ Somente ele se qualifica para ter uma morte vicária, pois somente ele teve uma vida perfeita.

Além de capaz, ele está disposto a resgatar. Na aliança da redenção, feita antes da criação do mundo, as três pessoas da santa trindade pactuaram um plano para criar um povo e salvá-lo. Deus, o Filho, se colocou sob a obrigação de ser o redentor desse povo. Mas não havia obrigação fora dos planos divinos. Ele livremente decidiu resgatar seu povo. Sua obra nos resgata, nos redime. Mas, diferente de Boaz, não há outro possível resgatador. Somente ele se qualifica.

O *goel* é uma figura belíssima projetada por Deus para apontar para a ação futura do messias. Paul Miller explica:

Até onde sabemos, o *goel* ou resgatador era único de Israel. Um *goel* antecipa algo sobre Jesus, a personificação da lei que redime seu povo. À medida que Jesus ia por Israel curando os enfermos, cuidando dos pobres e incluindo o estrangeiro, ele estava sendo o *goel* que Israel nunca fora. Ele completou Israel. Quando Jesus morreu na cruz, ele foi o *goel* pelo mundo. Deus não enviou para nós meramente um livro de instruções, ele enviou seu Filho. Ele

não nos deu meramente conselhos; ele nos deu sua carne. Ele não apenas mostrou como fazer, ele mesmo o fez – indo até sua morte. Jesus é o perfeito *goel*.⁹⁵

Assim como Rute, precisamos de descanso e proteção. A boa notícia é que Jesus Cristo nos oferece as duas coisas. Temos proteção eterna contra a ira de Deus, que em Cristo não é mais contra nós. Fomos reconciliados com ele. Precisamos ainda de proteção contra o mundo, a carne e o diabo. Ele é nosso rei protetor. E ele não se envergonha de vir até nós e nos amar. Mesmo com o nosso passado. Ele oferece descanso de nossos esforços fúteis:

Vinde a mim vós todos que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e meu fardo é leve. (Mt 11.28)

Expectativa de redenção

O que vai sair desse plano todo? Vejamos como Noemi respondeu à notícia:

16 Em chegando à casa de sua sogra, esta lhe disse: Como se te passaram as coisas, filha minha? Ela lhe contou tudo quanto aquele homem lhe fizera.

17 E disse ainda: Estas seis medidas de cevada, ele me deu e me disse: Não voltes para a tua sogra sem nada.

18 Então, lhe disse Noemi: Espera, minha filha, até que saibas em que darão as coisas, porque aquele homem não descansará, enquanto não se resolver este caso ainda hoje.

Noemi se alegra. Boaz vai agir. Um resgatador disposto não pode ser detido. O texto nos mostra um homem pronto para resolver o problema e conseguir tudo o que puder para aquela a quem seu coração pede. Noemi sabe disso e assegura Rute acerca disso.

No caso de Jesus, sua obra em nosso favor é completa, é final. Nada precisa ser acrescentado ao que ele fez na cruz. Mas Deus ainda está operando na história. O Espírito Santo segue utilizando sua espada para salvar o povo de Deus, para santificar, para corrigir, para ensinar (2 Tm 3.14-17). Podemos ter certeza de que, assim como Boaz, o Espírito Santo não descansará enquanto não terminar de aplicar a obra consumada de Cristo em favor de todo seu povo. E o próprio Cristo reina e suas ações em nosso favor serão todas perfeitamente cumpridas. E Deus Pai não vai parar enquanto não cumprir todas as promessas que fez na eternidade. O Deus trino segue agindo.

Por vezes andamos tristes e ansiosos com a situação de nossa igreja, nossa cidade, nossa família, nosso país. Olhamos para nossas próprias vidas e desanimamos com nosso avanço na jornada cristã, como se fossem situações inexoráveis. Ficamos cabisbaixos, como se não houvesse mais

nada a acontecer. Mas ele ainda está agindo, ele ainda está trabalhando. Aquele que começou boa obra em nós vai completá-la. Ainda estamos em obras.

Há ainda outra forma de descanso que devemos considerar. As escrituras nos ensinam que aqueles que creem entrarão no descanso de Deus. Um descanso bom, eterno e produtivo em honra e gozo com o Senhor. Ainda há tempo de se juntar a este grupo. Se hoje ouvir sua voz, não endureça o coração. Hoje já experimentamos a alegria de descansar na obra consumada de Cristo, mas este ainda é só um aperitivo. Apenas as primícias, os primeiros frutos. Ainda resta um descanso final. Um casamento aguarda a noiva de Cristo. Quando a obra de redenção planejada e executada pelo Deus trino for consumada, tudo será recriado em perfeita ordem e proteção.

A vida anda, muitas vezes, em caminhos estranhos mesmo. Como John Piper diz:

A vida não é uma linha reta que vai de uma bênção para outra até chegar ao céu. A vida é uma estrada cheia de curvas e problemas. Revés após revés. O ponto principal das histórias bíblicas como a de José, Jó, Ester e Rute é nos ajudar a sentir em nossos ossos (não apenas saber em nossa cabeça) que Deus é por nós no meio de todas essas estranhas viradas.⁹⁶

Chegamos ao fim do capítulo, cheios de esperança, com antecipação do que vai acontecer. Noemi corretamente entende que a questão está fora das mãos delas. Que compete ao parente resgatador fazer o que tem de ser feito. Há coisas que só cabe a ele fazer. Noemi começa o capítulo dizendo que buscará descanso para Rute e termina dizendo que Boaz não descansará enquanto não cuidar dela. Assim como Rute, nossa maior necessidade é encontrar descanso. Seja o descanso de nossos pecados, de nossos enganos, nossas

dificuldades, de nós mesmos. Precisamos de um profeta, um sacerdote, um rei que nos resgate.

Boaz se saiu muito bem. Essa situação de acordar e encontrar uma mulher ao seu lado deve nos lembrar ainda de uma história. Em certa ocasião, o primeiro homem também acordou surpreendido ao lado daquela que era a primeira mulher. Foi quando Adão despertou do sono ao lado de Eva e viu com espanto que ela era carne de sua carne. Ali, ainda sem pecado, já havia descanso e benção. Nosso resgatador, fazendo o que Adão não pode fazer, novamente vai nos dar descanso. Vai nos elevar a uma situação ainda melhor do que a do jardim inicial. Lá seremos protegidos de todo mal, inclusive da possibilidade de pecar.

Já vivemos em descanso. Seguimos labutando. A cada domingo experimentamos um pouco do que é este descanso. Já temos. Mas ainda não. Aprecie a espera, como Rute teve de esperar o casamento.

Jesus não vai descansar enquanto não terminar a boa obra que ele começou.

72. Mas, ao nos depararmos com coxinha, quibe, churros, batata frita, mandioca frita, polenta frita, bacon, enroladinho de salsicha e tantas outras delícias, facilmente esmorecemos.

73. É impressionante como os cristãos brasileiros sabem pouco sobre o uso bíblico do dinheiro. E também é preocupante o quão pouco conhecem sobre princípios bem básicos e úteis sobre como guardar dinheiro de forma sábia e segura. Um mínimo de educação financeira sobre como proteger seu dinheiro lhe fará muito bem.

74. Se você, desarmado leitor, não conhece ainda Krav-Magá, sugiro procurar um local autorizado de treinamento desse espetacular método de defesa pessoal israelense. Pode ser de seu interesse.

75. Ian Duguid (*Ester e Rute*, p. 170) nota como um bom sinal o fato de que Noemi está pensando no bem-estar de Rute e não somente no dela, o que já é um progresso em relação ao capítulo anterior. De fato! Mas corações mais cínicos podem lembrar que muitas vezes demonstramos cuidado pelos outros

apenas quando, no fundo, sabemos que seremos beneficiados também.

76. Por vezes é bem complicado lidar com questões culturais e sua relação com a lei do Senhor. Lembremos que às vezes nossas sensibilidades culturais podem ser feridas, mas sem que isso signifique necessariamente que a lei divina tenha sido ferida.

77. Eira, confuso leitor, é uma espécie de pátio, um lugar plano onde se pode fazer o trabalho necessário para preparar os grãos colhidos.

78. Paul Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 1786.

79. Ver discussão mais aprofundada sobre a linguagem em Dean Ulrich, *Da fome para a fartura* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011), p. 92-93. Ulrich explica que a melhor compreensão da difícil linguagem do trecho é entender que Rute deve ter descoberto toda a perna de Boaz, e foi o frio da noite, e não o calor de seu corpo, como pensam alguns, que acordou Boaz.

80. Ian Duguid, *Ester e Rute*, p. 171. O próprio Duguid contempla também a possibilidade de que Noemi não estivesse procurando causar um

encontro sexual, mas apenas criar uma situação em que a conversa sobre casamento pudesse acontecer.

81. Hoje temos meios eletrônicos para tentar diminuir a ansiedade. Afinal, é bem mais fácil mandar uma mensagem eletrônica do que ligar na casa da jovem e ainda ter de arriscar-se a falar com o pai dela. Obviamente, nossos avós diriam que mesmo o telefone já foi uma baita facilidade, pois eles tinham de fisicamente se dirigir até a casa da jovem em questão e bater na porta. Cada época com sua ansiedade. O fato de que mensagens eletrônicas facilitam a vida não impede a ansiedade. E claro, há novas possibilidades de rejeição e dor, como, por exemplo, ser dispensado por meio de um emoji e ainda ter o registro da conversa distribuído entre as amigas dela, por meio do famigerado *print*.

82. Chisholm mostra como em Ezequiel 16.8 esse tipo de linguajar é utilizado para falar sobre Deus estendendo seu manto sobre uma Jerusalém nua e desprovida de cuidado. Robert Chisholm, *A história de Rute*, p. 130.

83. John Piper, *Doce e amarga providência*. Ver a discussão da página 72 em diante. Boaz parece indicar que gostaria de ter debaixo de suas asas alguém que foi buscar proteção debaixo das asas do Senhor.

84. John Piper, *Doce e amarga providência*, p. 73.

85. Robert Chisholm explica: “Na Bíblia Hebraica, o livro de Rute não está localizado nos Profetas Anteriores (Josué, Juízes, Samuel, Reis); em vez disso, aparece na terceira seção do cânon, os Escritos, como um dos cinco Rolos (ou *Megilloth*). Em algumas edições (cf. BHS), ele aparece como o primeiro dos *Megilloth*, logo depois de Provérbios, provavelmente porque Rute serve de modelo da esposa virtuosa descrita na conclusão de Provérbios”. Robert Chisholm, *A história de Rute*, p. 18.

86. Um belo e pouco conhecido passeio em Londres, turístico leitor, é visitar o cemitério de Bunhill Fields: lá estão enterrados diversos teólogos não conformistas, como John Owen. Lá também descansam os corpos do hinólogo Isaac Watts e do grande John Bunyan, autor de *O peregrino*. Passe

por lá também, peregrino. Leve no bolso a letra de um hino de Watts e cante.

87. Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 1705.

88. Alguns, como Robert Chisholm, rejeitam veementemente que o levirato esteja em vista aqui. Ver a discussão nas páginas 22 e depois 133 e 134 de *A história de Rute*. Ele argumenta que Boaz não era irmão de Malom e que nem Rute nem Boaz estão agindo por obrigação legal, como seria o caso do levirato. Seria ainda normal, argumenta Chisholm, que o parente que recusa se casar com Rute fosse visto pela cidade negativamente, caso estivéssemos tratando de levirato. O fato de que ele tranquilamente recusa o casamento, sem maiores consequências, serve de evidência de que tal lei não está em vista aqui. Ao mesmo tempo, devemos lembrar que, no período dos juízes, a observância das leis andava bem frouxa em boa parte de Israel. Talvez o mais seguro seja evitar sermos dogmáticos sobre o assunto.

89. David Atkinson sugere que Deuteronômio 25 traz os contornos legais gerais e que, na prática, a lei se aplica até mesmo em situações um tanto

diferentes da norma legal. Ele sugere que tanto Genesis 38 como Rute são exemplos de levirato em ação, ainda que os detalhes mudem. Ver a longa discussão em *A mensagem de Rute*, p. 90-101.

90. Ver Robert Hubbard, *Rute*, p. 77-82, para a discussão sobre toda a situação jurídica envolvida no livro.

91. Robert Chisholm, *A história de Rute*, p. 113. Ver ainda a discussão em Hubbard, p. 81: “Parece provável que o dever do *goel* era bem amplo – muito mais amplo do que os atos de resgatadores ensinados em Levítico 25 e aqueles típicos de levirato”. Dean Ulrich também aponta nessa direção, sugerindo que o *goel* poderia se casar com a viúva a fim de combinar mais de uma forma de resgate no mesmo ato. Ver a discussão em *Da fome para a fartura*, p. 104.

92. Talvez haja significado no fato de terem sido seis medidas de cevada. Pensando no padrão veterotestamentário de seis dias de trabalho, seguido de descanso, talvez Boaz esteja indicando que vai trabalhar no problema e que, se tudo der certo, logo Rute terá descanso.

93. Vale a pena ler Anselmo sobre o assunto na obra *Por que Deus se fez homem?*. Em Romanos 5, o apóstolo Paulo desenvolve a conexão entre o primeiro Adão, representante federal de toda a raça humana, e Jesus, o novo Adão, que representa todo o seu povo em sua obra perfeita.

94. É o que chamamos de imputação dupla. Em tempos de rememorar a Reforma Protestante, é uma ótima verdade a lembrar.

95. Paul E. Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 1773-1778.

96. John Piper, *Doce e amarga providência*, p. 83.

5

RESGATE E NOTORIEDADE

“É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa.”

Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*

“Vaidade e orgulho são coisas diferentes, embora as palavras geralmente sejam usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vã. O orgulho está mais vinculado à nossa própria opinião de nós mesmos, e a vaidade, ao que achamos que os outros pensam de nós.”

Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*

“Because you’re mine, I walk the line.”

Johnny Cash

“O amor é um misturar de pronomes. Amor é sujeito e objeto. A diferença entre sua presença e sua ausência é a diferença entre vida e

morte.”

David Mitchell, *The Bone Clocks*

Um nome duradouro

O filme *Troia*, um épico de alguns anos atrás,⁹⁷ começa com a seguinte narração:

Os homens são assombrados com a vastidão da eternidade, então nos perguntamos: será que nossas ações ecoarão ao longo dos séculos, será que estranhos ouvirão nosso nome muito depois de partirmos e imaginarão quem nós éramos, quão bravamente lutamos, quão fortemente amamos?

Um nome duradouro, um legado. Esse tema perpassa todo o filme. Esse anseio, aliás, é comum na história humana. Aparece, por exemplo, na Torre de Babel, onde os homens mostram o anseio de fazer seu nome grande e tentar chegar ao céu (Gn 11).

Para muitos esse é o objetivo da vida: fazer seu nome grande, duradouro. Creio que você, anônimo leitor, em algum momento, já sonhou em ser reconhecido pelas gerações futuras, em ter seu nome no jornal. Lembro quando um pequeno artigo meu foi publicado num importante site de teologia nos Estados Unidos. Fiquei insuportável, contando para todo mundo. Depois fiquei com vergonha de estar contando, e agora já estou contando de novo.⁹⁸

O fato é que o anseio por grandeza é parte do que move tantos de nossos momentos e decisões. Por vezes, é o que nos ensinam desde cedo na vida. Os mais jovens, passando pelas grandes transições da vida, às vezes ficam ansiosos até mesmo com pequenas decisões, pois estas parecem carregar um peso insuportável – a própria vida e a notoriedade parecem depender de muitas escolhas serem perfeitas.

Por vezes, pais e até pastores bem-intencionados inculcam nos jovens desafios elevadíssimos. Somos instados a marcar toda uma geração, a ser extraordinários, a fazer nosso nome grande. Facilmente isso se mistura ao potencial pecaminoso de nosso orgulho. Não queremos ser apenas mais um na multidão. Queremos que nossos familiares saibam que somos valiosos. Queremos que aqueles que nos desprezavam vejam quão longe chegamos. Queremos, quem sabe, virar nome de rua ou de praça. Queremos atingir nosso suposto potencial. Até certo ponto, é normal ter o desejo de fazer grandes coisas, mas é muito fácil deixar que o orgulho decole e a humildade suma. O anseio por um legado pode facilmente se tornar um ídolo.⁹⁹

Esse tema aparece na história de Rute e Boaz. Ao lidarmos com o início do capítulo 4 de Rute, veremos que na redenção dela há direcionamento bíblico acerca desta questão de estabelecer nosso nome. Veremos se as ações em nossas vidas devem

ser na direção de fazer nosso nome grande ou de seguir aquele que tem nome sobre todo nome. Lidaremos com o fato de que a maneira de fazermos um nome para nós mesmos é através de nos oferecermos para Cristo em serviço.

O redentor determinado e piedoso

Estamos tratando da situação complexa de Rute. Na última seção, vimos Rute corajosamente indo pedir Boaz em casamento. Ele se animou muito com a possibilidade, mas não podia ferir a lei de Deus para isso, mesmo que casar com ela fosse algo bom e desejável. Ele então tem algo a fazer a fim de conseguir se tornar o *goel*, o resgatador de Rute. Vejamos como segue a história:

1 Boaz subiu à porta da cidade e assentou-se ali. Eis que o resgatador de que Boaz havia falado ia passando; então, lhe disse: Ó fulano, chega-te para aqui e assenta-te; ele se virou e se assentou.

2 Então, Boaz tomou dez homens dos anciãos da cidade e disse: Assentai-vos aqui. E assentaram-se.

3 Disse ao resgatador: Aquela parte da terra que foi de Elimeleque, nosso irmão, Noemi, que tornou da terra dos moabitas, a tem para venda.

Notemos Boaz em ação. É um homem preocupado, querendo resolver a situação que tem às mãos. Todos nós já nos sentimos assim, com algo incomodando que não vemos a hora de arrumar. Seja um mal-entendido com a pessoa amada, seja uma conta de telefone que veio errada, seja o problema do filho na escola. Ficamos agoniados enquanto não resolvemos. Para lidar com o problema, levantamos cedo, incomodamos os outros, fazemos o que for preciso, pois queremos tratar a questão. Boaz prometera a Rute que cuidaria do problema. E ele não perde tempo.

Boaz entra em ação, vai ao portão da cidade. Ali ele fica plantado até aparecer o tal parente que era o

primeiro da fila para assumir a função de *goel*. O portão da cidade era o local onde negócios e transações diversas eram feitas. Aliás, como Provérbios 31.31 nos indica, a mulher virtuosa era elogiada no portão da cidade.¹⁰⁰ Ali era onde acontecia tudo, era a versão israelita da pracinha da cidade de interior. Coreto, pipoqueiro, cachorro, criança e pedidos de casamento.

Boaz se assenta. Passa o fulano, ele chama o fulano para sentar. Provavelmente Boaz sabia o nome dele, mas o autor do livro prefere deixá-lo de fora da história, utilizando uma palavra indefinida. Vão passando anciãos, e ele os chamando para assentar.¹⁰¹ Dez anciãos para testificar a reunião. Ele não quer de maneira nenhuma que isso dê errado.

Lembre-se, ele se dá este trabalho todo não por estar obrigado, mas por deleite. Boaz deseja servir, deseja abençoar, deseja usar seu nome, seu tempo e seu dinheiro para abençoar Rute e Noemi (que

vinha de brinde). Boaz é grande, pois está menos preocupado com seu nome que com o bem-estar de Rute. Diferente de um homem sem nome que aparece em nossa história.

O homem sem nome e seu investimento tolo

4 Resolvi, pois, informar-te disso e dizer-te: compra-a na presença destes que estão sentados aqui e na de meu povo; se queres resgatá-la, resgata-a; se não, declara-mo para que eu o saiba, pois outro não há senão tu que a resgate, e eu, depois de ti. Respondeu ele: Eu a resgatarei.

5 Disse, porém, Boaz: No dia em que tomares a terra da mão de Noemi, também a tomarás da mão de Rute, a moabita, já viúva, para suscitar o nome do esposo falecido, sobre a herança dele.

6 Então, disse o resgatador: Para mim não a poderei resgatar, para que não prejudique a minha; redime tu o que me cumpria resgatar, porque eu não poderei fazê-lo.

As melhores histórias têm viradas de enredo que nos deixam preocupados. Como aqui. No primeiro

momento parece que o tal Sr. Fulano vai levar Rute para casa! Que tragédia!

Notemos mais detalhes. Ele inicialmente demonstra interesse na oportunidade, pela forma que Boaz apresenta o caso. O que Boaz fala, em outras palavras, é: Noemi tem um campo de que não pode cuidar. Ela está vendendo e precisa do dinheiro. Precisa de resgate. O que ela estava oferecendo, sugerem alguns estudiosos, era o usufruto do campo. Se um parente a redimisse, o campo continuaria na família. Se Noemi morresse sem descendentes, então o campo passaria para o próprio Sr. Fulano. A conta é simples. A essa altura, Noemi não vai mais ter filhos. Tem uma terra dando sopa! Basta pegar a terra, fazer crescer algumas plantações, tratar o campo como um investimento. Bastaria sustentar a viúva por um tempinho e pronto... “Eu a resgatarei!” Nossos corações se apertam, como deve ter se apertado o de Boaz. Será que esse homem vai ficar com Rute?

Mas Boaz tem uma carta na manga. Ele menciona as obrigações para com Rute. E o Sr. Fulano percebe que, nessa grande oportunidade, há também grande responsabilidade.¹⁰²

Quem quiser levar Noemi e as terras, vai ter que levar Rute e suscitar descendência para o nome do falecido marido. Veja, Rute é reconhecida como mulher virtuosa. Mas segue sendo uma estrangeira, o que poderia ser barreira para muitos. E o maior complicador é precisamente a ideia de estabelecer descendente para Malon e Elimeleque; manter vivo o nome dos outros.

Comprando o campo, você também vai cuidar de Rute. Ela é a viúva do antigo dono do campo. Vocês terão filhos e estes um dia terão a posse do campo. Ou seja, seu custo em cuidar das duas, em adquirir o campo, tudo isso vai ser perdido e não haverá retorno deste campo para você mesmo. Se você seguir por esse caminho, não será pelo bem de seu nome. Será pelo bem delas e de quem vier depois.

E, assim, o Sr. Fulano decide que não irá resgatar. Ele percebe que isso significará perder parte de seus bens, parte de seu legado. Ele, pelo jeito, acha que, se decidir resgatar, estará deixando seu caminho para fazer o dos outros. Ao invés de investir em si mesmo, estará investindo nos outros. A ironia é que, buscando fazer um nome para si mesmo ao invés de ajudar os que precisam, seu nome sequer é mencionado na Bíblia. Boaz, por outro lado, que não se preocupava com seu legado, mas com servir, é até hoje lembrado e elogiado.

O desprendimento e a generosidade de Boaz o colocam inesperadamente na história da redenção, e ele passa a ser um dos grandes homens das Escrituras. Afinal, estamos aqui, 3 mil anos depois, falando dele, não estamos? O Sr. Fulano se torna irrelevante na história da redenção. Ele, querendo garantir seu tesouro, perde o maior tesouro disponível em Israel naquele tempo. “Deixe que ele

vá em paz. Ele é ordinário demais para ser marido de Rute.”¹⁰³

Mudando o modo padrão

Assim como o Sr. Fulano, nós colocamos nossos interesses em primeiro lugar. É nosso modo padrão de pensar e agir. Por natureza, pensamos em como as situações poderão nos ser benéficas, como podem nos atingir, como podemos tirar algum proveito. É nosso modo básico de operar.

O escritor David Foster Wallace certa vez proferiu um famoso discurso de paraninfo numa formatura. Nos Estados Unidos o texto foi lançado como o livro *Isto é água*. Wallace argumenta que somos tão centrados em nossa própria pessoa, em nossa própria situação, que não paramos para considerar que outras pessoas talvez tenham vidas tão emocionalmente ricas e cheias de nuance como as nossas; que as outras possam ter dias tão ruins e

complicados como os nossos. O fato é simples, pensamos em nós mesmos em primeiro lugar.

David Foster Wallace diz:

Tudo na minha experiência imediata respalda a minha crença profunda de que sou o centro absoluto do universo; a pessoa mais real, fulgurante e essencial que existe. Raramente falamos sobre esse tipo de autocentramento básico e natural, pois ele é socialmente repulsivo, mas no fundo todos nós temos mais ou menos a mesma impressão. É nossa configuração padrão, embutida em nossa placa-mãe desde o nascimento. Pensem nisso: vocês foram o centro absoluto de todas as experiências que tiveram. Sua experiência de mundo está diante ou atrás de vocês, à sua esquerda ou à sua direita, na sua tv ou no seu monitor ou onde mais for. Os pensamentos e sentimentos dos outros precisam ser comunicados a vocês de alguma forma, mas o que vocês sentem ou pensam é muito imediato, urgente, real.¹⁰⁴

É bem fácil pensar em situações em que mostramos esse padrão. Eis um exemplo para minha vergonha. Quando morávamos nos Estados

Unidos, um de meus cunhados, Guilherme, foi nos visitar. E havíamos mudado para lá fazia poucos meses. Sentíamos saudades de chocolate bis, de pão de queijo e toda sorte de coisa. Só tínhamos recebido uma visita nos primeiros meses, a de minha irmã Catarina, que levou uma mala cheia de deleites. Era com ansiedade que esperávamos a vinda do Gui. E ele foi com duas malas. Uma com as coisas dele. Outra repleta de presentinhos e lembrancinhas para nós. Eu e minha esposa estávamos loucos para encontrá-lo, e também para receber nossos presentes. Quando ele chegou ao aeroporto, vindo com um grupo grande numa excursão, na confusão de pegar malas... Uma das malas ficou esquecida na calçada. Logo a mala de presentinhos. Minha esposa, que é uma pessoa muito melhor que eu, disse aliviada: “Ainda bem que a mala que sumiu foi a de nossas coisas e não a das coisas dele...”. Não foi bem isso o que eu pensei. Minha mente foi mais para o lado do “Ah, não!

Logo a minha mala!”. Eu estava mais interessado em meus chocolates do que no bem estar do meu cunhado. E somos assim tantas vezes. O contrário de Boaz. Pensamos apenas no que vai nos custar e no que vamos ganhar. Não no bem do outro.

Precisamos estar mais atentos ao bem que temos deixado de realizar por causa do custo. E não apenas custo financeiro. Muitas vezes é o custo de tempo ou o desgaste de nossos já sofridos corações que nos impede de agir. Irmãos ficam sem ser cuidados, pessoas carentes de conselho ficam largadas. Uma boa pergunta para medir nossas motivações: quais das suas boas obras você continuaria fazendo se soubesse que ninguém ouviria falar delas?

Um Boaz ainda melhor que o primeiro

O amor de Boaz é do tipo que aceita se envolver em situações difíceis e bagunçadas.¹⁰⁵ Disposto a se envolver com circunstâncias potencialmente

enlameadas e cheias de nuance. Boaz é um belo homem, mas há alguém ainda melhor. O Senhor Jesus também é como Boaz. Ele é homem como nós somos, sangue do nosso sangue. Ele se importa com nossa situação complicada e estava debaixo apenas das obrigações às quais ele voluntariamente se colocou.¹⁰⁶

Ao encarnar, Jesus colocou-se numa situação difícil e custosa para si. Não foi algo simples. Uma vida de humilhação. Envolveu o Senhor da vida morrendo. O eterno caminhando entre nós. Tudo isso feito não para seu benefício, pois o Deus eterno não tem necessidade de nada fora de si mesmo. E ele era de fato um homem adequado para o resgate de seu povo. Aliás, o único homem adequado a andar pela Terra. Jesus agiu sem procrastinar. Ele contou o custo e seguiu adiante assim mesmo. E que baita custo. “A humilhação de Cristo consistiu em Ele nascer, e isso em condição baixa, feito sujeito à lei; em sofrer as misérias desta vida, a ira

de Deus e amaldiçoada morte na cruz; em ser sepultado, e permanecer debaixo do poder da morte durante certo tempo”.¹⁰⁷ Ele arriscou seu nome, foi chamado de demônio. Aquele que é a sabedoria de Deus foi chamado de louco! A verdade encarnada foi acusada de mentir. Muitos ainda hoje falam mal dele, rejeitam o que ele disse sobre si. Mas o fruto de sua ação é incomparavelmente maior do que qualquer humilhação.

A redenção traz grande fruto

Sr. Fulano não quer casamento, mas Boaz quer. A história segue:

7 Este era, outrora, o costume em Israel, quanto a resgates e permutas: o que queria confirmar qualquer negócio tirava o calçado e o dava ao seu parceiro; assim se confirmava negócio em Israel.

8 Disse, pois, o resgatador a Boaz: Compra-a tu. E tirou o calçado.

9 Então, Boaz disse aos anciãos e a todo o povo: Sois, hoje, testemunhas de que comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimeleque, a Quiliom e a Malom;

10 e também tomo por mulher Rute, a moabita, que foi esposa de Malom, para suscitar o nome deste sobre a sua herança, para que este nome não seja exterminado dentre seus irmãos e da porta da sua cidade; disto sois, hoje, testemunhas.

11 Todo o povo que estava na porta e os anciãos disseram: Somos testemunhas; o SENHOR faça a esta mulher, que entra na tua casa, como a Raquel e como a Lia, que ambas edificaram a casa de Israel; e tu, Boaz, há-te valorosamente em Efrata e faze-te nome afamado em Belém.

12 Seja a tua casa como a casa de Perez, que Tamar teve de Judá, pela prole que o SENHOR te der desta jovem.

Boaz passa o cartão, por assim dizer. Assina o contrato, reconhece a firma. Por meio de uma troca de sapatos. Uma prática curiosa que foi caindo em desuso.¹⁰⁸ Até mesmo no tempo em que o livro foi escrito ninguém mais levava o calçado alheio para

casa. A transação foi custosa. Boaz gastou dinheiro para recuperar as posses de Elimeleque. Ele se amarrou a cuidar de Noemi. Ele assumiu a responsabilidade por cuidar da mãe do ex-marido de sua esposa. Pense bem. Quantos homens fariam isso? Além do potencial risco em relação a seu nome e seu futuro.

Veja que o casamento com Rute gera grande expectativa no coração do povo da cidade. Nos versos 11 e 12, o povo e os anciãos pronunciam seus anseios e expectativas para o fruto dessa união. Expectativas ligadas a terra e posteridade. Esse casamento muda a vida de todos. Boaz agora se percebe com novos rumos. Principalmente agora com a esposa piedosa. O povo que assiste pede que sejam abençoados e frutíferos. Quem sabe agora Boaz não terá um filho? Junto a Rute é bem provável que ele venha de fato a ter um nome afamado (v. 11). A vida muda para Rute, agora casada, protegida e com muitas novas

possibilidades. Deixou sua família e sua terra, mas o Senhor está lhe dando família, terra e, como veremos, muito mais. A vida muda para Noemi, que também será protegida e terá descendentes.

Esse casamento também é importante para o povo de Deus como um todo. Pois ele lembra Israel das promessas feitas a Abraão. Esse casamento mostra um Deus fiel a seu pacto, um Deus provedor, um Deus que acolhe gentios que pela fé se unem a ele. Essa demonstração da provisão e fidelidade divina serve de lembrete a todos de que as boas novas de salvação alcançam os limites da terra. Israel foi chamado pelo Senhor Deus para esse objetivo de ser canal de bênção. Por exemplo, no Salmo 67 podemos ver muito bem a ideia de como a bênção divina para Israel deveria servir para alcançar as nações. O salmista diz

- 1 Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o rosto;
- 2 para que se conheça na terra o teu caminho e, em todas as nações, a tua salvação.
- 3 Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos.
- 4 Alegrem-se e exultem as gentes, pois julgas os povos com equidade e guias na terra as nações.
- 5 Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos.
- 6 A terra deu o seu fruto, e Deus, o nosso Deus, nos abençoa.
- 7 Abençoe-nos Deus, e todos os confins da terra o temerão.

A ideia é bem clara, quando o Senhor Deus abençoa seu povo, isso atrai gentios para a bênção da aliança com Deus. Como aconteceu com Rute, que junto com Noemi foi para Israel e se tornou abençoada do Senhor. Deus trouxe alimento para Belém, e Rute e seu casamento com Boaz são frutos dessa bênção sobre Israel.

Outro aspecto a notar é o do interesse pela prosperidade da semente, a prole. Filhos são

bênção do Senhor, é claro. Mas há mais do que isso envolvido aqui. Esse tema da semente é importantíssimo nas escrituras. Há uma promessa basilar vinda lá de Gênesis 3.15, quando Deus prometeu que um descendente da mulher iria esmagar a cabeça da vil serpente.¹⁰⁹ Desde o Éden o povo de Deus já sabe que a derrota da serpente viria por meio de alguém nascido de mulher.

Quando o povo se alegra com o casamento de Boaz e Rute, as perspectivas são de que seja um casamento frutífero. O anseio é que Rute seja como Raquel e como Lia, que edificaram a casa de Israel. Lembrando que elas foram esposas de Jacó, aquele que depois tem seu nome mudado para Israel. É delas, bem como de suas criadas Bila e Zilpa, que vêm as tribos de Israel. Elas vieram de povos distantes, mas se tornaram parte da linhagem da aliança. E delas procede a grande bênção da descendência de Jacó (levando adiante a linhagem bendita de Abraão).

Há bela expectativa de bênção no ar. Nós, leitores, não sabemos ainda o que virá. Há, inclusive, a possibilidade de que Rute seja estéril. Foram diversos anos de casamento com Malom, sem ter filhos. O texto não é explícito quanto a isso. Vale lembrar que tanto Raquel como Lia tiveram filhos da aliança, e que senhor era soberano sobre quando elas podiam ou não ter filhos.¹¹⁰

Não somente o povo menciona a família de Jacó, mas mais especificamente a tribo na qual Rute veio a ser inserida. No verso 12, a oração é para que a casa deles seja como a casa de Perez, filho que Tamar teve de Judá. Estão invocando a história do povo de Deus, e em particular a história do povo de Judá, tribo à qual eles, belemitas, pertencem.

O livro de Rute é permeado pela ideia de semente, fertilidade, produtividade e bênção. Esses sentidos diversos de semente, tanto tratando de terra como de linhagens, se unem de forma fascinante nesta história. Como explica Mark Boda:

Essa mulher, que deixou uma terra sem semente (grão) e em última instância perdeu sua semente (humana), ouviu falar da graça de Deus sobre a terra por meio de semente (grão) e retornou. À medida que ela entre na terra desprovida de semente (humana), ao seu redor há sinais da graça de Deus na semente (grão) sendo colhida pelo povo de Belém. É no meio da colheita da semente da terra que o drama da provisão de Deus para a promessa da semente humana será cumprida.¹¹¹

Deus cumpre seus planos redentivos e chama um povo para a glória de seu nome. Aliás, vale lembrar rapidamente da complicada história de Tamar, descrita em Gênesis 38. Uma história sórdida de uma mulher que se vê maltratada pelo marido Onã, filho de Judá, e que decide, como Elimeleque, tomar a questão em suas próprias mãos. Ela acaba se fantasiando de prostituta para engravidar do sogro. Tamar é o oposto de Rute em termos de piedade. Mas, de qualquer forma, o Senhor utilizou

os dois casos para seus propósitos que não podem ser frustrados. Tanto a história de Tamar quanto a de Rute servem para nos mostrar um Deus que age.

Paul Miller, sem escusar o pecado de Tamar, ao mesmo tempo nota que Deus extraiu bem do mal que ela fez, e que poderia fazer ainda mais com Rute. Ele nos sugere, assim, um bom caminho de feminilidade:

Essas mulheres corajosas nos ajudam a redefinir feminilidade. Elas não cedem nem às frescuras vitorianas nem à irritabilidade feminista. Elas nos dão um terceiro caminho, em que a feminilidade é definida como humildade unida a poder, sensibilidade com coragem. Se Deus pode usar a combatividade de Tamar para fazer dela a mãe da tribo de Judá, o que Deus fará com a *hesed* de Rute?¹¹²

E o anseio da cidade é que seus filhos sejam bênção, que sigam a Yahweh. Por vezes não

consideramos esse anseio quando temos filhos. Essas flechas nas mãos do guerreiro (Sl 127.4) são bênção e responsabilidade nas mãos dos pais. Eles existem primariamente para anunciar o nome do Senhor, não o nome da família. É fácil sonharmos com o nome sendo conhecido, em vez de pensarmos no que eles farão para o Senhor e a igreja.

Se o noivado de Rute e Boaz já traz a perspectiva de grande fruto, quanto mais as promessas de Cristo sobre se casar com sua igreja? Não espere pouco fruto do que o Senhor vai fazer. Aliás, ele já vem fazendo.

Como fazer um nome para si

Um amigo meu¹¹³ costumava dizer que a matemática do reino funciona de maneira misteriosa. Nas mãos do senhor Jesus, cinco pães e dois peixes alimentam milhares. Os resultados, os frutos, pertencem a ele. A nós cabe entregar o que

temos em alegre serviço, focados no nome e na glória dele. Isso fica bem exemplificado nesta história. Boaz, pensando primeiro nos outros, fez um nome para si. O sr. Fulano, focando em si mesmo, perdeu muito. Perdeu Rute. E tudo o que advém disso.

Jesus insiste em dizer que devemos pensar de acordo com sua palavra e o que ele diz ser valioso. Certa vez ele explicou: “quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mt 16.24,25). É muito melhor ter a alma salva do que qualquer outra coisa neste mundo. E, mais que isso, como o próprio Jesus insiste: “E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna” (Mt 19.29). A conta pode ser

contraintuitiva, humanamente falando, mas é bíblicamente cristalina. Achar a Cristo, segui-lo, tomar sua cruz, pode ser difícil sim. Mas é como encontrar um tesouro escondido num campo. É melhor que encontrar uma Rute. É melhor que ser abrigada por um Boaz. É ter vida, e vida em abundância.

Essa conta não diz respeito apenas ao que vem após a morte, mas também aos frutos já na vida presente. Nós muitas vezes pesamos nosso envolvimento com a igreja em termos meramente humanos e perdemos de vista a matemática avançada do reino. Vou gastar meu tempo envolvido em ensinar crianças na Escola Dominical? Vou perder meu domingo de manhã para ir cantar e ouvir um chato¹¹⁴ falar? Vou largar minha vida de deleite por Cristo? Vou passar o acampamento de carnaval em um retiro espiritual ao invés de em um retiro carnal? Mas isso é essencialmente perder de vista a verdade sobre a

história do mundo. O mundo não é dos espertos. O mundo não é dos ricos. O mundo não é dos poderosos. O mundo não é dos que mais se divertem. O mundo é dos mansos em Cristo – esses sim herdarão a terra (Mt 5.5). Jesus Cristo, o nosso *goel*, redime toda a terra. Ela pertence a ele todinha, todinha. Boaz não tinha ideia dos resultados de sua ação. Ele simplesmente fez por bondade e em consequência de seu amor a Deus. Nosso rumo dever ser similar.

O músico português Samuel Úria é dos excelentes compositores com cosmovisão cristã. Uma combinação rara de musicalidade e domínio poético da língua. Uma de minhas favoritas entre suas canções é aquela que homenageia seu avô, Armelim de Jesus. A letra fala de um homem que foi um simples sapateiro, mas que, por viver e morrer amando o seu Jesus, possui um nome que vai durar. Um trecho da letra diz:

Foi assim Armelim.
Ainda que estranho,
era o nome de um homem honrado.
Armelim não tem fim
Há nomes tão fortes
que a morte só leva emprestado.

Boaz estava disposto a oferecer de si mesmo, de sua reputação, de sua riqueza e de seu tempo para beneficiar os outros e seguir a lei do Senhor. Rute, elogiada em Belém, nunca fez nada motivada por ser reconhecida em Belém. Fez por amor pactual. Fez por *hesed*. Essa é a chave. Preocupe-se mais em amar e servir do que em ser reconhecido. Amar como expressão do amor de Deus. Um amor que não exista para cobrar algo dos outros, mas para se doar aos outros. O Sr. Fulano manteve seu dinheiro e suas terras, mas é quase que irrelevante do ponto de vista da eternidade.

A melhor maneira de garantir a eternidade de seu nome é pela união ao Senhor Jesus Cristo. Ao invés de buscar construir nome e fama, importe-se mais em construir, trabalhar e proclamar o nome de nosso redentor Jesus Cristo. Pare de se preocupar em fazer seu nome grande, sirva e ame a Cristo. O resto virá, da maneira que Ele quiser. Busque primeiro o seu reino e a sua justiça.

O plano de Deus em nossas vidas envolve o morrer diário para nossas tolices e o viver diário para as incomparáveis riquezas da graça de Deus. O interesse de Deus não é primariamente que você tenha posição, fortuna, prestígio. Os ímpios correm atrás dessas coisas e seus nomes serão esquecidos. Entre os milhões de indivíduos vivos em 1800, quantos são conhecidos hoje? E dos que viviam em 1500? Ou no ano 500? E de nós, que estamos vivos hoje, quantos serão lembrados daqui a 1000 anos?

Há uma maneira, entretanto, de ter seu nome escrito e lembrado para sempre: é abrir mão de si

mesmo, reconhecer a própria pequenez e estar unido a Cristo. Unir-se a Cristo como parte de sua noiva. Seu resgatador é de quem você precisa. Como Rute que recebeu o nome de Boaz, nós somos a noiva que recebe o nome de Cristo.

Recebemos o nome de cristãos, e esse nome permanecerá para sempre. Se você estiver unido a Jesus, a morte só vai levá-lo emprestado. Mas ressuscitarás para novo céu e nova terra. Junto a todos os filhos e filhas de Abraão que pela fé se agarraram a Jesus. Em eterna alegria, nos campos do Senhor.

97. Filme de 2004, dirigido por Wolfgang Petersen. Com grande elenco, embora não tenha atingido o sucesso esperado, contou depois com uma edição estendida que merece ser vista.

98. Isso é o que os americanos chamam de *humblebrag*, uma tentativa de aparentar humildade ao mesmo tempo em que se conta alguma vantagem. Precisamos de um termo assim em português. Enviar sugestões para felipe@monergismo.com

99. É interessante como muitas discussões no mundo esportivo passam pela ideia de legado. Desde as escolhas de Lebron James acerca de por qual equipe jogar, passando pelas infindáveis discussões e comparações entre Messi e Cristiano Ronaldo, nos interessa muito a ideia de construir algo duradouro e que possa ser medido favoravelmente contra o que outros fizeram. Admiramos a grandeza. Fomos feitos para contemplar grandeza.

100. Algumas versões meramente dizem que ela é elogiada em público.

101. A figura do ancião no AT é o que dá origem ao ofício de presbítero na igreja do Novo Testamento.

102. Evitei, com grande dificuldade, fazer referências a Ben Parker e a seu sobrinho Peter.

103. Cynthia Ozick, *Metaphor and Memory* (NY, Vintage, 1991), p. 252. Citado em Paul Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 2213.

104. David Foster Wallace, “Isto é água”. In: *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (São Paulo: Companhia das letras, 2012). A citação vem das páginas 266 e 267. Obrigado, Filipe Schulz, querido irmão, por pegar a referência para mim. Apresentei David Foster Wallace, carinhosamente conhecido como DFW, para o Schulz alguns anos atrás, e rapidamente ele virou um especialista no autor, ultrapassando o meu amor e conhecimento acerca dele.

105. Recomendo o livro de Timothy Lane e Paul Tripp, *Relacionamentos: uma confusão que vale a pena* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011). É uma bela discussão acerca de como nos envolvermos com pessoas na vida real é algo um tanto difícil e

bagunçado, mas algo que vale a pena. E que deve ser feito.

106. Vale a pena buscar ler sobre a doutrina do pacto de redenção. É de encher o coração e a mente.

107. Pergunta 27 do Breve Catecismo de Westminster.

108. Infelizmente.

109. A temática da semente aparece em todo o desenvolvimento pactual. Bons livros básicos de teologia bíblica, como *O Cristo dos pactos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002), de O. Palmer Robertson, tratam mais detalhadamente do assunto.

110. Ver breve discussão em John Piper, *Doce e amarga providência*, p. 85.

111. Mark Boda, *After God's Own Heart. The Gospel According to David* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed Publishing, 2007), p. 21.

112. Paul E Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 2249-2252.

113. Foi o Rev. Carlinhos Veiga, pastor de minha juventude e hoje meu colega ministerial. Obrigado, velho amigo, por tantas lições.

114. Não que nós pregadores busquemos ser chatos. Mas, olha, acontece.

6

GRAÇA E POSTERIDADE

“Que são os homens comparados às rochas e às montanhas?”

Jane Austen, *Orgulho e preconceito*

“Não há justiça no amor, não há proporção nele, e nem precisa haver, porque em qualquer situação específica é apenas um vislumbre, uma parábola de uma realidade incompreensível que abarca a tudo. Não faz sentido porque é o eterno irrompendo no temporal.”

Marilynne Robinson, *Gilead*

“Eu preferia partilhar uma vida com você a enfrentar todas as eras deste mundo sozinha.”¹¹⁵

Arwen Undómiel para Aragorn, em a *Sociedade do Anel*, de J.R.R. Tolkien

“Meus personagens terão, após um pouco de dificuldade, tudo o que desejam.”

Jane Austen, personagem no filme *Amor e Inocência*,
uma história sobre ela mesma

Famílias e seus membros complicados

A família de minha mãe, os Costa, realiza um encontro anual desde 1995. Chamamos, não ironicamente, de “Encosta”.¹¹⁶ Sempre é uma reunião bem gostosa em algum hotelzinho no interior de São Paulo. Uma bela ocasião para rever familiares, conhecer primos de segundo grau, tios-avôs e agregados diversos. Dezenas de pessoas a cada ano. Churrasco de excelente nível, futebol de nível duvidoso, e um culto.

Em um dos primeiros encontros, no final dos anos 90, eu e alguns primos de idade próxima estávamos, após piscina e comida, relaxando e papeando. Conversávamos sobre algumas histórias dos tios e primos, coisas hilárias bem como fatos

tristes do passado. Algum gaiato¹¹⁷ teve então a ideia: E se inventássemos um rumor? E inventamos.¹¹⁸ Um rumor acerca de um tio misterioso, o tio Aníbal. Ele seria, supostamente, um tio que ninguém conhecia. Um tio que não era mencionado. Um tio que estava estranhado da família por algum delito inominável. O rumor se espalhou entre os primos mais novos... insistíamos que era algo que havia sido abafado pela família, de modo que, se você perguntasse aos mais idosos da família, eles fingiriam que tio Aníbal não existia... o que só provaria a conspiração.¹¹⁹

Alguns tios ficaram genuinamente confusos, tentando lembrar do tal tio Aníbal. Isso gerou diversas conversas sobre nossa família, levando a curiosas histórias e lembranças a respeito dos tios não fictícios. Sobre o que cada um foi, fez, não fez. Coisas boas contadas com entusiasmo; coisas estranhas arrancadas depois de insistência. É

gostoso, e às vezes um pouco chocante, aprender nossa história de família.

Talvez você já tenha investigado sua árvore genealógica. Talvez você saiba que descende de um general, de um escritor, ou mesmo de um *serial killer*. Pode ser bem gostoso descobrir nossa origem. Tive a oportunidade de visitar a região de Nápoles, de onde vêm os Garofalos. Foi bem interessante imaginar minha gente vivendo, amando, sofrendo e aproveitando a vida ali diante da baía de Sorrento.¹²⁰ Conversei com lojistas que se lembravam com amor do futebolista brasileiro Careca, que fez parceria com Maradona na melhor época do Napoli.¹²¹ Bom conhecer a história de quem tomou certas decisões que resultaram em minha própria existência. Afinal, se meus antepassados, como Caetano Garofalo não tivessem imigrado para o Brasil, eu não existiria, pois sou uma combinação única de pessoas que se encontraram como resultado dessa imigração.

Neste último capítulo vamos investigar o final do livro de Rute. Veremos como o Senhor dirige todas as coisas, até mesmo nossa árvore genealógica. E nessa árvore tem muita podridão, fica o alerta. Talvez você tenha a impressão de que a Bíblia é a história de um monte de gente santa e que a Bíblia serve para ensinar como ser impecável como eles, para então Jesus o amar. Não é verdade. A Bíblia trata de uma história bem específica: Deus está salvando um povo para si composto de pecadores de todo o mundo. E ele lida conosco individualmente, mas também nos insere num corpo com o qual trabalha magistralmente.

Indivíduos redimidos

A seção final do livro de Rute começa logo após a alegria em Belém pelo casamento de Rute e Boaz, do qual tratamos no capítulo anterior. O texto diz:

13 Assim, tomou Boaz a Rute, e ela passou a ser sua mulher; coabitou com ela, e o SENHOR lhe concedeu que concebesse, e teve um filho.

14 Então, as mulheres disseram a Noemi: Seja o SENHOR bendito, que não deixou, hoje, de te dar um neto que será teu resgatador, e seja afamado em Israel o nome deste.

15 Ele será restaurador da tua vida e consolador da tua velhice, pois tua nora, que te ama, o deu à luz, e ela te é melhor do que sete filhos.

16 Noemi tomou o menino, e o pôs no regaço, e entrou a cuidar dele.

17 As vizinhas lhe deram nome, dizendo: A Noemi nasceu um filho. E lhe chamaram Obede. Este é o pai de Jessé, pai de Davi.

Estamos chegando ao final do livro de Rute. Uma bela história de amor que se passa em um dos piores períodos de Israel, o tempo dos juízes. E ela nos lembra de que no meio do caos que advém de fomes, perigos e infidelidade, o Senhor está dirigindo a vida de indivíduos, projetando com amor actual o caminho de cada um dos que são

seus. Ninguém está fora de seus planos, de seu cuidado pleno.

No último capítulo vimos Boaz concretizando a proposta de casamento a Rute. E agora chegou! Eles se casam, se unem, passam a ser uma só carne. E Yahweh os abençoa com uma daquelas coisas fofas que chamamos de bebês. Vimos suas histórias desenrolando, e agora chamo sua atenção para cada um deles a fim de vermos com mais cuidado o plano divino. O Senhor está provendo redenção e usando as dificuldades e facilidades da vida para lidar com a situação de cada um de nós. Somos uma composição única da parte do Senhor.

Considere Noemi. Saiu de Belém cheia de bens e cheia de rebelião. Foi com o marido para uma terra pagã tentar a vida. Por lá perdeu tudo; inclusive marido e filhos. Voltou vazia e amarga, ou melhor, voltou com Rute, mas era incapaz de perceber o bem que tinha ao seu lado, como fazemos tantas vezes quando estamos amargurados. Ela, que

começou vazia e amarga, termina como? No verso 16, vemos uma nova mulher que termina a história feliz e cuidando de um bebê, seu descendente.

Veja ainda o cuidado divino para com o futuro de Noemi. Sua velhice estará protegida por Boaz, por Rute e por Obede. A Bíblia mostra (por exemplo em 1 Tm 5. 3-4) a responsabilidade que a família tem de cuidar das viúvas, em particular as idosas.¹²² O Salmo 146.9 nos lembra de que “o SENHOR guarda o peregrino, ampara o órfão e a viúva”. E o faz de formas diversas, inclusive com o cuidado ordinário do povo de Deus uns pelos outros. E notemos, por detrás disso tudo, a maravilhosa ação soberana do Senhor na vida de Noemi. Se não tivesse perdido os dois filhos, não teria conhecido a bênção de voltar e a bênção de ter Rute cuidando dela, alguém melhor que sete filhos. A teia da providência divina é bem complexa. Noemi agora vê algo da providência do Senhor,

agora percebe que o Senhor cuidou dela o tempo todo!

Aliás, muitos têm a ideia errada de que Deus cuidará de nós apenas se abrirmos o coração para ele, um pensamento muito comum no meio evangélico. Como se fôssemos imunes a Deus até abrirmos nosso sistema a ele. Aqui vemos que Deus já trabalhava na vida de Noemi muito antes de ela perceber! Não é apenas quando damos permissão para Deus que ele trabalha em nossas vidas. Ele já vem mexendo, puxando e moldando seus caminhos desde o primeiro dia. Você é que não sabia.

Yahweh microgerencia o universo. Não é um Deus distante que cuida apenas das coisas grandes. Às vezes vemos pessoas serem reprimidas por orar acerca de coisas aparentemente pequenas, como se Deus estivesse ocupado com coisas mais importantes. Deus cuida de gente simples buscando espigas nos cantos de plantações perto de cidadezinhas bem como mantém o planeta em

órbita. Direciona eventos que deslumbram os astrônomos e mantém as partículas atômicas da pele de Boaz no lugar. Ele cuida de coisas pequenas como uma simples viúva de coração amargo, assim como vigia aves e flores. O Senhor vai atrás de seu povo. Como na parábola da ovelha perdida, ele busca os seus. No caso de Noemi, literal e fisicamente. Ele a trouxe de volta e colocou seu coração no eixo.

O Senhor trabalhou coração dela com sua providência. Ela está amarga aqui no final? Não mais. Ela foi resgatada da situação difícil. O Senhor fere, o Senhor sara as feridas. Ainda mais importante que a situação financeira, ela foi resgatada de seu estado espiritual deplorável. Ela agora é reconhecida como avó, carrega o neto, pelo jeito, para cima e para baixo. O Senhor restaurou a nossa sorte, e ficamos como quem sonha.

Adoção, ou a arte de trazer para dentro de casa

Aliás, lidemos rapidamente com um ponto que, infelizmente, ainda é distante de muitos entre o povo de Deus. Talvez você estranhe que Obede seja tratado como descendente de Noemi. Afinal, esse neném não tem sangue de Noemi. No entanto, por casamento, ele era considerado seu descendente, mesmo não sendo de seu sangue. Isso deve nos ajudar a entender adoção. Temos a ideia errada de que alguém só é filho ou filha se for do mesmo sangue, se partilhar do mesmo material genético. Mas somos filhos de Abraão pela fé, não pela carne (Gl 3.7). Nós, que estamos em Cristo, somos filhos adotivos de Deus e isto não nos torna filhos de segunda classe. Filhos adotivos são tão filhos quanto os filhos da carne.¹²³

Essa ideia da adoção é belíssima e exemplificada em uma de minhas histórias favoritas do Antigo Testamento, contada em 2 Samuel 9. É a história de Mefibosete, um dos mais belos exemplos de adoção nas escrituras. O rei Davi fizera uma promessa a

seu irmão de coração, Jônatas, de que, quando viesse a ser rei, não extirparia a linhagem dele. Quando já estava estabelecido como rei em Jerusalém, Davi buscou uma oportunidade de mostrar a bondade de Deus para com alguém da linhagem de Saul, por amor a Jônatas. A palavra traduzida como bondade é a nossa velha conhecida, *hesed*. Fez um pacto com Jônatas e seria fiel a esse pacto em amor, fazendo ações benevolentes para com um homem que não tinha nada a oferecer. Mefibosete era filho de Jônatas, que se tornou aleijado de ambos os pés quando sua ama tentou fugir com ele por ocasião da morte de seu pai e de seu avô Saul.

Davi mandou buscar Mefibosete e providenciou-lhe sustento por toda a vida. Ainda mais que isso, Davi o trouxe para dentro da casa real: “Comeu, pois, Mefibosete, à mesa de Davi, como um dos filhos do rei”. (2 Sm 9.11b). Ele passou a morar em Jerusalém junto ao ungido do Senhor. O ponto é:

Davi o acolhe, Davi o protege, Davi provê para ele. Davi o traz para morar com ele em Jerusalém e assentar-se e comer da própria mesa do rei. Ele tem uma mesa preparada na presença de seu adversário, seu cálice transborda. Recebe, por assim dizer, a promessa de que bondade e misericórdia o seguiriam todos os dias de sua vida, e que habitaria na casa do Senhor para todo o sempre. Essa é, obviamente, uma maravilhosa figura do que o Filho de Davi e Senhor de Davi faz por nós. Afinal, nós, assim como Mefibosete, éramos por natureza inimigos do ungido do Senhor, Jesus Cristo. Mas ele, por fidelidade ao pacto feito antes da criação do mundo, fez tudo o que era necessário para nos resgatar, nos adotar e nos colocar à mesa em sua casa.

Mesmo quem não nasceu como parte da casa de Cristo pode se tornar gente da casa. Comer com ele. Morar na Nova Jerusalém. Nós não éramos parte da família de Deus. Mas, por causa de Jesus,

“vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus” (1 Jo 3.1).

Gentios vindo à fé

Considere Rute. Começou fora da família do pacto, vivendo no paganismo e longe do Deus verdadeiro. Uma família de Belém foi parar em sua terra, por causa da falta de fé de Elimeleque. Ela se casou com um homem de Israel, mas que fugira de Israel. Ainda antes de ter filhos, ficou viúva. Mas nisso tudo Deus abriu seu coração para que crescesse, se tornando uma verdadeira israelita pela fé. Rute foi com sua sogra para Belém, deixando família e queimando pontes atrás de si. Ficou por um tempo assim, como viúva, pobre e estrangeira na terra de Judá.

Mas como termina sua história? Ela é resgatada no casamento por Boaz, reconhecida por sua piedade, afamada na história da redenção, uma

antepassada do próprio rei Davi (v. 17). Deus utilizou uma fome em Belém, o pecado de Elimeleque e a morte de Malom para atrair Rute para Belém e para si mesmo, para casar-se com Boaz e ser parte da linhagem de Davi. É assustador pensar quantos detalhes poderiam ter ocorrido de forma diferente... e tudo iria por água abaixo. Outra jovem moabita poderia ter conhecido Malom. Rute poderia ter sido como Orfa. Rute poderia ter ido colher espigas no campo de qualquer outro israelita. Ela termina casada com um homem piedoso, com um filho dado pelo Senhor. Deus cuidou dos detalhes, não? E agora ela tem um filho. Quem imaginaria tal nascimento? Um solteirão belemita e uma jovem viúva moabita tendo um filho juntos.

São muitos os nascimentos improváveis nas escrituras. Sara não podia ter filhos, mas em idade avançada teve Isaque; e rimos junto com ela e Abrão. Ana não podia ter filhos, mas Deus lhe deu

Samuel, um presente para ela e para todo o seu povo. Isabel queria um filho e teve João, e ele foi decapitado por amor a seu primo e salvador. Rute, casada por anos sem ter filhos, depois viúva e em terra distante, agora tem Obede. E temos ainda, é claro, o mais improvável de todos os nascimentos, um menino fruto de uma gravidez que não teve a participação de nenhum homem, apenas a ação do Espírito Santo vindo sobre uma jovem. Rute é agraciada por Deus.

Rute é um espetáculo. Um triunfo da graça de Deus. Boaz é o *goel*, a figura que aponta mais claramente para Jesus Cristo. Mas veja como Rute lembra algo de Jesus também. É ela quem se sacrifica pelo bem de Noemi. Disposta a enterrar seu próprio caminho para o bem de quem não merece seu amor. A cidade reconhece o valor de Rute dizendo ser ela melhor que sete filhos. Ela é ainda mais celebrada que Boaz.¹²⁴ Ela é a epítome

do amor *hesed*. E aponta para Cristo como alguém capaz de grande amor sacrificial.¹²⁵

Um resgatador capaz de se compadecer

Considere Boaz. Um homem rico, mas sem esposa. Ele termina casado com uma mulher virtuosa, com um filho e com o nome na história da redenção. Será que “parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante”?¹²⁶

Aliás, é um bom momento para olharmos um pouco mais a geração dele descrita em Mateus 1. Vejamos alguns versículos:

1 Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

2 Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos;

3 Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão;

4 Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom;

5 Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute, gerou a Obede; e Obede, a Jessé;

6 Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias;

Note quem era a mãe de Boaz: Raabe! Aquela que escondera os espias em Jericó (Js 2). Aquela prostituta pagã. Que creu e foi salva por Yahweh. Raabe se casou com um israelita a quem amo sem conhecer, um homem chamado Salmom. Alguém que acredita que o passado de uma pessoa é irrelevante diante da obra salvífica do Senhor.

Veja que Boaz seria um homem propenso, pela experiência delicada de sua família, a saber muito bem que o Senhor resgata pessoas feridas, que restaura pecadores. Que o Senhor opera em gente quebrada. Que o Senhor pega pecadores vis e os deixa mais alvos que a neve.

Se você não acredita nisso, desconfiado leitor, você não acredita no evangelho, ao menos não em todas as implicações dele. Se não acredita que uma mulher de passado pagão e promíscuo pode se tornar verdadeiramente uma mulher virtuosa, talvez você ainda não tenha entendido bem o que a Bíblia chama de boas novas.

Veja nisso a misericórdia de Deus em uma geração influenciando as gerações seguintes. Talvez você se pergunte por que é que o Senhor permitiu que você vivesse em pecado e andasse longe dele e o converteu somente agora, depois de ter feito tanta bobagem. Talvez seja para que você possa ser útil em cuidar de outras pessoas quebradas. Talvez assim você possa, de uma maneira peculiar, ajudar seus filhos a crescer sabendo experientialmente que pessoas quebradas podem ser refeitas e ser bênção. Aliás, a Bíblia nos ensina que nosso resgatador é um sumo sacerdote capaz de se compadecer de nós em nossas fraquezas. Ele foi tentado em todas as

coisas e se compadece de nós (Hb 4.15). Ele sabe quem somos e o que passamos.

Boaz é um belo resgatador: salva aquela família e faz seu nome grande em Israel querendo simplesmente servir ao Senhor. Embora Boaz seja o resgatador, o povo fala em Obede ser resgatador (v. 14 e 15). Como assim? Talvez haja aqui algum tipo de expectativa messiânica. Quem sabe não vai ser Obede aquele que cumprirá a promessa antiga feita a Eva? Quem sabe não seja ele o rei advindo de Judá que traz paz? Ou, no mínimo, haveria a expectativa de que o filho de Boaz seria um homem biblicamente bom que cuidaria dos seus. Obede significa servo. Ele, como servo, se tornou também parte da linhagem de Cristo, aquele que é o grande servo que sofreu por nós (Is 53). O grande *goel*. Que história bem construída essa de Rute, não?

Um livro vivo

A propósito, vale a pena notar algo sobre o valor da Bíblia. Um dos grandes meios pelos quais Deus cuida de nós. A Bíblia é um presente divino que nos ensina o que devemos crer e o que devemos fazer. Como já mencionado antes, este pequeno livro de Rute ocupa um lugar muito peculiar, fazendo uma pequena ponte de transição entre o período dos juízes e o período dos reis. E mesmo sendo um livro tão pequeno, percebe a sua riqueza teológica. O diminuto livro de Rute nos ensina sobre:

- A providência de Deus em tempos de fome e desespero;
- A fidelidade e amor pactual de Deus em prover e chamar seu povo ao arrependimento;
- O problema de fazer e tomar decisões sem considerar a lei de Deus, como Elimeleque;
- O drama do coração pecador arrependido e amargo que não encontra alegria no perdão e na paz de Deus;

- A questão da seriedade de fazermos votos e juramentos, exemplificado no voto de Rute;
- A escolha básica acerca de seguir o caminho estreito ou o caminho largo que conduz à perdição;
- Aspectos do pacto com Abraão e o envolvimento de gentios para se tornarem verdadeiramente Israel;
- Amor pactual, *hesed*, e seu custo.
- A questão de cuidar do pobre e necessitado, no cuidado de Boaz para com Rute e Noemi;
- A importância de sermos responsáveis em tudo aquilo que o Senhor nos dá, mesmo sabendo que ele é soberano sobre tudo;
- A necessidade de descanso e proteção de Rute e como isto aponta para Jesus Cristo, sangue do nosso sangue, resgatador de nossas almas;
- O custo da redenção e a escolha entre fazer um nome para nós mesmos ou buscar fazer o nome dele grande;

- A maravilha de como o Senhor cuida de nós microgerenciando nossas vidas.

Tudo isso em apenas 3 ou 4 páginas da Bíblia! Isso deve inspirar você a mergulhar na água morna das escrituras. Espero que isso o ajude, inclusive, a entender melhor como ler a Bíblia. O Antigo Testamento não é uma coleção de fatos curiosos num passado distante – é revelação de Deus acerca de seu plano de redenção e de si mesmo. Como explica Benjamin Warfield, o Antigo Testamento é como uma câmara cheia de mobília, mas relativamente pouca luz. Com a luz do Novo Testamento podemos olhar e ver com mais clareza o que já estava lá.¹²⁷ Assim, o livro de Rute é cheio de profundas verdades entrelaçadas numa espetacular história de amor. E, à luz do Novo Testamento, podemos perceber muitas formas em que essa história aponta para Jesus Cristo. Toda a Bíblia é inspirada por Deus e útil.

Aliás, é importante notar como o excelente comportamento de Boaz é fruto de seu coração encharcado da palavra de Deus. Deus utiliza sua lei para cuidar de seu povo. Se buscarmos conhecer a forma que Deus instrui seu povo acerca de como viver, a vida tende a fluir melhor. Alguns olhariam para Boaz e seu comportamento na eira e o chamariam de legalista. Veriam como ele se segurou na eira, e o chamariam de tolo. Mas a enorme benção do Senhor vem por meio da fidelidade à lei do senhor; do entendimento de que ele nos instrui, por meio da sua palavra, sobre a melhor maneira de viver.

Boaz é amoroso e cuidadoso desse jeito, pois é homem segundo o coração de Deus, tem o coração encharcado por sua lei. Obedecer e amar a lei de Deus não é legalismo. O mesmo Jesus que disse que veio para que tivéssemos vida em abundância disse que os que o amam devem guardar seus mandamentos. Não há contradição entre essas

verdades. Vida em abundância é aquela que é vivida da forma como Deus instrui.

Indivíduos sendo cuidados pelo Senhor

Robert Chisholm nota bem como o livro tem uma sequência de orações que são todas respondidas por Deus.¹²⁸ Noemi pede a Deus que recompense suas noras pela bondade (Rt 1.8-9), e Rute recebe Boaz. Boaz pede a Deus que recompense a Rute por sua bondade para com Noemi dando-lhe proteção (Rt 2.12), e ele mesmo é a resposta a essa oração. Noemi ora para que Deus recompense a Boaz pela bondade (2.19-20), e Rute é a resposta para abençoar Boaz. Este, por sua vez, pede ainda que Deus recompense Rute pela fidelidade a seu marido falecido (Rt 3.10), e essa oração é atendida com o casamento e o filho que leva adiante o nome de Malom. Deus cuida de cada um de nós, e ele nos usa para cuidarmos uns dos outros.

Essa história deve nos lembrar de que Deus cuida individualmente de nós. Não apenas em termos gerais, de cuidar de um povo ou de uma igreja. Mas cada ovelha de Cristo está protegida em seu cuidado. O Senhor conhece sua solidão, sua fome, sua dor, sua doença. Ele sabe da amargura. Ele sabe do diagnóstico que você ainda nem imagina. Ele sabe do seu desejo de ter um companheiro, de suas dificuldades com o cônjuge, de seus problemas com os filhos, até mesmo de seu desejo de ter um teste positivo de gravidez que não chega nunca. Deus sabe seus caminhos, sabe onde você andou, o que aprontou.

Deus tem orquestrado sua vida e a vida dos que vieram antes; ele preparou sua árvore genealógica para que você estivesse aqui. Sua história é contada por ele. Começo, meio e fim. Cada um sob seus cuidados. Nesse processo, ele muda nosso coração, ele muda nossa vida. Como diz N. D. Wilson:

Caso você deseje amar a Deus, então ele já começou a mudá-lo. Ele já começou a abrir seus punhos fechados, retirar sua sujeira para ser lavada na cruz. Deus cospe na areia e faz lama para limpar seus olhos. Sua alma aleijada pegará seu leito e andará. Ele o conduzirá pelo caminho e pela barriga da baleia. Do outro lado, você surgirá refeito, correto.¹²⁹

Deus redime um grande povo

Além do foco nas histórias individuais, o final do livro abre nossa visão e nos mostra que essa bela história diz respeito a bem mais do que meramente a Boaz, Rute e Noemi. Ela diz respeito a todo o povo de Deus. O autor permite que vejamos que aquela história na área rural de um país distante está relacionada com bem mais do que imaginamos. Os eventos daqueles anos iriam alcançar muito mais do que de simplesmente redimir uma família.

Vejamos o final do livro de Rute:

17 As vizinhas lhe deram nome, dizendo: A Noemi nasceu um filho. E lhe chamaram Obede. Este é o pai de Jessé, pai de Davi.

18 São estas, pois, as gerações de Perez: Perez gerou a Esrom,

19 Esrom gerou a Rão, Rão gerou a Aminadabe,

20 Aminadabe gerou a Naassom, Naassom gerou a Salmom,

21 Salmom gerou a Boaz, Boaz gerou a Obede,

22 Obede gerou a Jessé, e Jessé gerou a Davi.

Quando consideramos a árvore genealógica do rei Davi, e mesmo a do próprio Jesus Cristo, alguns fatores ficam muito claros. Um deles é o de que eles todos têm histórias de famílias com coisas das quais se envergonhar. Veja a árvore genealógica do Rei Davi, ela é repleta de gente assim. Aliás, se olharmos bem, só tem gente assim.

Pensemos em alguns dos antepassados de Davi. Judá era um homem violento que, pelo visto, tinha o hábito de dormir com prostitutas. Adão, um homem que, mesmo sem ter uma natureza pecadora, decidiu seguir a serpente. Noé, depois de

grande ação de fé em construir a arca, ficou bêbado em sua tenda. Abraão, duas vezes mentindo a respeito de sua esposa e colocando-a em risco. Jacó foi um mentiroso e enganador. O próprio Davi teve diversas situações de severa rebelião contra o Senhor: quando se envolveu com Bate-Seba e na morte de Urias, quando quase extinguiu a casa de Nabal, quando se exilou em terreno filisteu e muitas outras.

O resto do povo de Deus não se sai muito melhor. Moisés falhando em entrar na terra prometida, Pedro negando a Cristo três vezes e depois se tornando repreensível junto aos judaizantes, Paulo um assassino e perseguidor do povo de Deus. Esses são os heróis da Igreja! Um bando de tios que teríamos vergonha de mencionar na reunião da família.

A boa notícia é precisamente a de que pecadores podem ser redimidos por Jesus Cristo. Inclusive pecadores vindos de outras nações. Isso aparece na

própria árvore genealógica de Jesus Cristo. Temos na lista mulheres gentias com histórias difíceis, que talvez deixassem toda a família um tanto desconfortável numa reunião em um Hotel em Águas de Lindoia.

Paul Miller nota bem que o evangelista Mateus não incluiu na genealogia de Jesus as estrelas que seria de se esperar, mulheres como Eva, Sara, Rebeca e Raquel.¹³⁰ Não por não serem pessoas relevantes. Mas havia um ponto importante a ser feito. A história do nascimento de Jesus poderia ser potencialmente escandalosa também, não é mesmo? Até José ficara preocupado. E note as mulheres que Mateus decidiu incluir: Tamar, a que se vestiu de prostituta para enganar Judá. Raabe, que não só se vestiu, mas de fato era uma prostituta. Rute, uma estrangeira de origem pagã, uma moabita, com toda a carga histórica e cultural envolvida nisso. Bate-Seba, envolvida em adultério com Davi. Um lembrete sério do maior erro do

grande rei. Que árvore genealógica! Um monte de homens e mulheres de pouco valor intrínseco de quem teríamos vergonha de nos dizermos parentes.

Você tem um tio que ninguém menciona? Um primo que ninguém nunca vê? Você acha que não? É por que sua família escondeu bem os fatos... Submeto a você, distinto leitor, o fato de que se todos os desejos escusos e ocultos do seu coração fossem expostos e realizados, você seria o primo ou a prima, o tio ou a tia, que ninguém mencionaria.

Por que o Senhor Jesus iria escolher uma família como esta? Um bando de impuros. Um grupo de imorais, de enganadores, de tolos, de pecadores? Diferente de nós, ele escolheu a família em que nascer! Para começar, é importante notar que, por causa do pecado original, não existe família desprovida de pecado. Todas são manchadas. Além disso, serve para vermos que a Bíblia não é um livro acerca de como ser bom para agradar a Deus, de

como ter mérito para ser aceito. Deus sabe muito bem que não há justo, nem um sequer.

Ian Duguid diz algo muito útil:

Ele veio para resgatar os pecadores, pessoas como os seus próprios ancestrais, pessoas como nós. Quando ele veio para buscar e salvar o que estava perdido, não veio trajando uma roupa protetora especial, como um cientista vestido para lidar com amostras de peste bubônica num laboratório. No início de sua vida, Jesus veio ao mundo nu, desprotegido, não separado dos pecadores e sim descendendo de uma longa linhagem de pecadores.¹³¹

Jesus Cristo em sua família se misturou a pecadores de todo o tipo. Foi assim também em sua vida. Andava com coletores de impostos, pecadores, prostitutas. Foi para os doentes que ele veio. Ele veio para ser amigo de pecadores – esta é a mensagem de toda a Bíblia. Não por meio de dizer “está tudo bem, vá e peques mais”. Não. Por meio

de dizer eu vou levar seu pecado sobre mim, para que você se torne nova criatura.

A teia da providência transgeneracional

Veja o cuidado enorme ação providencial de Deus. Um Deus que está escrevendo com luz e sombras a história do mundo.¹³² Sem a fome não haveria imigração para Moabe, sem imigração não haveria Rute sendo atraída para o Deus de Israel, sem Rute não haveria casamento com Boaz, sem este casamento não haveria Obede, não haveria Davi. E assim vai a genealogia, até Jesus.

Ele ainda está agindo! Parece, de nosso ponto de vista, que a vida é cheia de pontas soltas, que muita coisa não faz sentido. Mas há eventos que Deus está operando em você que talvez só mostrem resultados daqui a algumas gerações. Há fruto que só aparece depois de décadas. Um exemplo disso foi a ocasião em que Davi, fugindo de Saul, colocou seus pais sob os cuidados do rei de Mispa de Moabe

(1 Sm 22.3). Por certo a conexão com sua antepassada Rute gerou algum tipo de boa vontade que assegurou proteção para Jessé e sua esposa.

Muitas coisas que se passam em nossas vidas vão além de nossa capacidade de compreensão. Por vezes, podemos ver alguns caminhos e resultados, mas querer entender toda a trama é impossível. Seria como uma criatura bidimensional tentando entender o espaço tridimensional. Mais fácil seria um babuíno entender todas as relações de causa e efeito na sociedade humana do que um homem conseguir entender toda a teia da providência de Deus. Deus é capaz de ver todas as coisas ao mesmo tempo. Ele sabe passado, presente e futuro, ele não é limitado pelo tempo. Ele determina cada coisa que se passa. Deus sabe ao mesmo tempo todos os fatos e a relação completa entre todos estes fatos. Nós não precisamos saber os detalhes dessas operações providenciais. Precisamos é lembrar que todas elas cooperam para o bem daqueles que

amam a Deus, dos que são chamados segundo o seu propósito (Rm 8.28). Todas as coisas. Mesmo as ações rebeldes de famílias que fogem de Belém. Mesmo fomes. Mesmo viuvez.

Na adolescência li *O Dia do Curinga*, de Jostein Gaarder.¹³³ Lembro-me pouco da história, qualquer dia desses preciso reler. Um exercício de imaginação do livro ficou, entretanto, gravado em minha mente e ilustra bem o que preciso que você entenda acerca do cuidado de Deus em nossas vidas.

Preciso de sua participação, hábil leitor. Pense no nome de seus pais. Agora no nome de seus avós. Vamos lá, coragem, você consegue. São quatro pessoas. Você pode ter conhecido ou não, mas são quatro. Complicuemos um pouco o exercício. Você sabe o nome dos seus oito bisavós? E dos pais deles? Estamos falando de dezesseis pessoas. E dos pais desses dezesseis? Já são trinta e dois nomes a mais. E se formos subindo na árvore genealógica,

rapidamente esse número cresce assustadoramente. Depois de trinta e dois, são sessenta e quatro, depois são cento e vinte e oito, e então duzentos e cinquenta e seis antepassados. E assim vamos progredindo geometricamente. Uma nuvem de antepassados. Estamos falando de milhares de pessoas que são, de alguma forma, seus antecedentes.

Agora, perceba algo importante sobre eles: mesmo com todas as guerras que já ocorreram na história do mundo, com todas as fomes, com tantas pestilências, com todos os acidentes e desastres, nenhuma destas pessoas morreu na infância. Você é a prova disso. Se qualquer um desses tivesse morrido na infância, não existiria você, sobrevivente leitor. Deus vem planejando sua história por gerações. Você é parte de um plano magnânimo.

No livro de Rute, Deus nos mostra um pouco de como sua providência opera. Podemos ver

claramente a ação de Deus neste livro, orquestrando as vidas de Rute, Noemi, Boaz e Obede. Não é assim, entretanto, com nossas próprias vidas. Na maioria das vezes não entendemos os detalhes e, às vezes, nem os contornos gerais do que ele está fazendo. Mas vislumbres como os dessa história podem nos ajudar a lembrar dele nos dias maus.

Outro aspecto a notar é o de como Deus age ordinariamente para com seu povo. É esse um livro cheio de milagres ou grandes manifestações sobrenaturais? Em Rute não tem mar abrindo, multiplicação de pães, aparições de anjos nem nada assim. Há na igreja a ideia errada de que Deus só está presente nas coisas extraordinárias; a falsa noção de que, a não ser que paralíticos andem e tenhamos visões, estamos longe de Deus. Rute mostra de maneira maravilhosa que Deus está cuidado de nós todos os dias. Abrindo espaço para ela trabalhar. Fazendo com que calhe de ela ir

colher em certo campo. Protegendo sua integridade. Direcionando o encontro com Boaz. Moldando os corações e as ações de todos os envolvidos. Deus opera muitas vezes de maneira ordinária nas coisas comuns. E não há nada de pequeno nisso.

Isso se mostra em algo que Zack Eswine nota muito bem. No período dos juízes, temos nomes muito impressionantes como Gideão, Débora e Sansão. Mas o principal movimento redentivo estava acontecendo fora dos holofotes:

Enquanto todo mundo fazia o que era certo aos próprios olhos e os reformadores procuravam virar com poder a maré espiritual, a promessa de Gênesis 3.15 está sendo buscada por Deus em uma simples fazenda, em meio a sonhos esmiuçados e recuperados de amor e vida comum.¹³⁴

Isto não é negar que o sobrenatural existe e que Deus faz coisa impressionantes; mas espero que você tenha visto neste livro que o cuidado diário não é menos impressionante! Gente ordinária como nós, em situações ordinárias como as que vivemos, mas debaixo das asas dele.

Os campos são do Senhor

Este livro de Rute é acerca de quem, afinal? Noemi, Boaz, Elimeleque ou Rute? É sobre cada um deles, em certa medida. Ele é acerca de todos nós, pois é acerca de quem somos e do que precisamos. Mas, acima de tudo, é sobre Jesus. A Bíblia é acerca de Cristo. Não apenas sobre como Deus trouxe pão para a casa de pão, mas como da casa de pão ele trouxe o pão da vida que alimenta e fortalece seu povo. Aquele que, como Boaz, é capaz de nos resgatar, com o custo infinito de sua vida de perfeita obediência e morte na cruz.

Eis as gerações de Jesus, o pão da vida. Aquele que deixou muito mais do que campos de Moabe por amor pactual; deixou a glória dos céus. Não apenas arriscou sua reputação por nós, mas de fato se tornou maldito na cruz em nosso lugar. Na hora da sua dor não havia resgatador para ele. “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Ele bebeu o cálice amargo da ira.

Noemi esteve literalmente andando longe do caminho do Senhor. Nós, todos os que são parte da igreja, estivemos espiritualmente longe. Houve um tempo em que nós, gentios, não éramos povo. Andamos longe de Deus e vazios, mas agora podemos nos aproximar de maneira a sermos cheios. Todos somos tios, sobrinhos e primos com coisas sérias para esconder, coisas que deveriam nos tirar da família.

Não importa de onde você venha, como Rute, não importa o que você fazia, mesmo que tenha dormido com a cidade toda como Raabe. Não

importa se você se afastou do Senhor por um tempo como Noemi ou se sempre esteve por perto como Boaz. O que importa é que você venha a Cristo. Estas são as boas novas segundo Rute. O único lugar seguro no planeta inteiro é debaixo das asas do altíssimo, se refugiando em Cristo.

A mensagem do livro de Rute é que o SENHOR estáorquestrando todas as coisas rumo à consumação de seu plano eterno de redimir um povo para si por meio do redentor Jesus Cristo.

Ainda há tempo para se juntar a esse povo.

No Salmo 90, Moisés faz uma das orações mais belas de todos os tempos.¹³⁵ E um de seus pedidos ao Senhor é particularmente assombroso: “Alegramos por tantos dias quanto nos tens afligido, por tantos anos quantos suportamos a adversidade” (v. 15). Moisés sabe que o Senhor lhe deu dias difíceis e adversos. E, em seu pedido, clama para que o Senhor compense tais dias com número igual de dias alegres.

Li esse Salmo no funeral de meu pai, em 2015. Ele teve, assim como Rute e como todos nós, vários dias aflitos de suportar adversidade. Quando visito o pedaço de terra onde meu pai está enterrado em Brasília, penso nos campos do Senhor. Ele está enterrado na terra seca do planalto central. Mas seu corpo não ficará ali para sempre. Ali de pé, ao lado de seu túmulo, penso em muita gente cujos corpos descansam enquanto suas almas estão com Cristo. Penso nos nossos heróis falhos como Rute, Noemi e Boaz, que unidos ao herói infalível hoje aguardam a renovação de todas as coisas. Penso em como estou longe e em como gostaria de descansar de mim mesmo. Fico a pensar, ainda, que quando esta terra for renovada, quando o corruptível se revestir da incorruptibilidade, quando a Nova Jerusalém descer do céu, nos alegraremos de forma tal que os dias em que fomos afligidos serão ínfimos em comparação com o que nos aguarda. Cada lágrima, cada cicatriz, cada dia de angústia, será mais que

compensado nos campos do Senhor.

Estaremos juntos, gente de todas as tribos, línguas e nações. Trata-se de uma enorme família adotiva, composta de amargurados, aflitos e pessoas que aprontaram todo tipo de coisa. Por aqui ainda somos um tanto difíceis de conviver. Mas isso passará. Mesmo que você não tenha nascido na casa, você pode ser parte da casa. E, sabe, você vai ficar cada vez mais parecido com o irmão mais velho, Jesus.

Eis o evangelho segundo Rute. A boa notícia de que todos os que quiserem podem vir. Há lugar à mesa do banquete. Podemos vir, mesmo com nossa história. Somos um grupo do qual daria vergonha de participar por causa de quem fomos; mas, pela vergonha da cruz, agora somos livres para não ter vergonha do evangelho, pois é poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, seja judeu, seja moabita. Vamos nos encontrar nos campos do Senhor, em uma nova terra onde não falta pão e

não há amargura. Dá até para chamar de boas
novas, não?

115. Em Quenya, língua dos elfos, Arwen diria: “Cilin harya minë cuilë ólë lá cenië ilyë randar Ambarwa eressëa”. De nada, caro leitor. Fique à vontade para usar no seu próximo cartão de dia dos namorados ou pedido de casamento; nem precisa dizer que pegou de mim.

116. ENcontro dos COSTA = ENCOSTA. O saudoso tio Isaías sugeria que chamássemos o evento de *Trombosta*, pois era uma TROMBada de cOSTA. Mas as senhoras irmãs dele, incluindo minha avó Elôisa, não aprovaram. No final, acabou sendo ainda pior, pois vários chamavam o encontro de *Encosta*, o *ex-trombosta*.

117. Sinceramente não lembro qual foi o gaiato. Suspeito que tenha sido um dos seguintes: Antônio Carlos Ramos da Silva Júnior, Marcelo Martinez Vieira, Tércio Garofalo e Emilio Garofalo Neto.

118. Atenção, judicioso leitor, não estou aqui aprovando tal ação juvenil, apenas relatando-a.

119. Sim, eu gosto de teorias da conspiração. Escrevi um pequeno texto sobre o assunto chamado “Teorias da Conspiração – o que há de fato por

de trás delas?”. Procure online que você encontra! A não ser, é claro, que alguém poderoso esteja interessado em fazer tal artigo sumir.

120. Passei ali um dia inteiro assobiando e cantarolando *Santa Lucia*, um clássico italiano a respeito do mar ali de frente para Napoli. Fala do astro prateado, do bendito sol e de muito mais. Enfim, um deleite. Procure por aí, afinado leitor. Reconheço que talvez tenha sido insuportável ficar ao meu lado naquele dia. A guia turística, entretanto, cantou comigo bem empolgada. Pode ser, todavia, que por ser paga para isso sua empolgação fosse meramente profissional. Que nada! Ela era napolitana. Por certo cantou com o coração.

121. Se alguém desejar uma foto minha usando a camisa do Napoli, basta escrever para a editora e quem sabe seja contemplado no sorteio anual.

122. Vale notar que muitas vezes temos em nossas igrejas “viúvas funcionais”. Mulheres que, embora tenham um marido ou ex-marido vivo, na prática estão desprotegidas e precisam ser cuidadas pelo povo de Deus.

123. Eu adoraria que você lesse Russel Moore, *Adoção* (Brasília: Monergismo, 2012). Moore lida com o tema de uma maneira realista e sem precisar açucarar. O tema já é doce em si mesmo. É acerca tanto da teologia da adoção como da adoção que nós humanos podemos fazer. Não é apenas para famílias que desejam adotar crianças, é para todo mundo que deseja entender melhor como a vida funciona. Só o prefácio da edição em português já vale o preço do livro.

124. Paul Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 2305.

125. Ver ainda Chisholm, *A história de Rute*, p. 34.

126. Trechinho de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Mas o trechinho ficou famoso mesmo no Brasil ao ser declamado numa canção de Marisa Monte.

127. Benjamin B. Warfield, “The Biblical Doctrine of the Trinity”. In: *Biblical Doctrines, The Works of Benjamin B. Warfield*, vol. 2 (New York: Oxford University Press, 1932; reprint, Grand Rapids: Baker, 2003), p. 141-42.

128. Ver discussão um pouco maior em Robert Chisholm, *A história de Rute*, p. 33-34.

129. N. D. Wilson, *Notas da xícara maluca* (Brasília: Monergismo, 2017), p. 184.
130. Paul Miller, *A Loving Life*, Kindle loc. 2253.
131. Ian Duguid, *Ester e Rute*, p. 189.
132. Veja um artigo meu e de meu irmão, Tércio Garofalo, sobre o assunto no livro *Coram Deo: a vida perante Deus. Ensaios em honra a Wadislau Gomes* (Brasília: Monergismo, 2017).
133. Jostein Gaarder, *O dia do curinga* (São Paulo: Companhia das letras, 1996). O autor é mais famoso por seu livro *O mundo de Sofia*.
134. Zach Eswine, *O pastor imperfeito* (São José dos Campos: Fiel, 2016), p. 324.
135. Perde para a de Jesus em João 17, mas talvez somente para essa.